

Universidade Federal de Juiz de Fora

Pós-Graduação em Educação

Mestrado em Educação

Flavienne Couto Ricardo

**TRABALHOS DE CAMPO NA FORMAÇÃO DE TURISMÓLOGOS: AFETOS,
SUBJETIVIDADES E CRIATIVIDADES**

Juiz de Fora
2017

Flavienne Couto Ricardo

**TRABALHOS DE CAMPO NA FORMAÇÃO DE TURISMÓLOGOS: AFETOS,
SUBJETIVIDADES E CRIATIVIDADES**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação, Mestrado, da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito para obtenção do título de Mestre em Educação. Orientador: Prof. Dr. Vicente Paulo dos Santos Pinto.

Juiz de Fora
2017

Couto, Flavienne Ricardo.

Trabalhos de Campo na Formação de Turismólogos : Afetos, subjetividades e criatividade / Flavienne Ricardo Couto. -- 2017.
111 f. : il.

Orientador: Vicente Paulo dos Santos Pinto

Dissertação (mestrado acadêmico) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Faculdade de Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação, 2017.

1. Trabalho de campo. 2. Turismo. 3. Ensino Superior. I. Pinto, Vicente Paulo dos Santos, orient. II. Título.

Flavienne Couto Ricardo

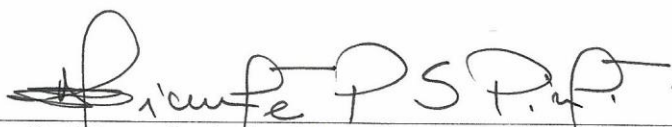
TRABALHOS DE CAMPO NA FORMAÇÃO DE TURISMÓLOGOS:
AFETOS, SUBJETIVIDADES E CRIATIVIDADES

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação
em Educação, Mestrado, da Faculdade de Educação da
Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito para
obtenção do título de Mestre em Educação.

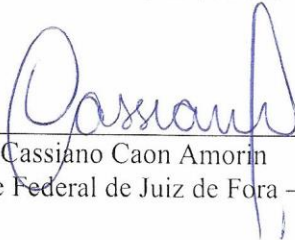
Orientador: Prof. Dr. Vicente Paulo dos Santos Pinto

Aprovado em

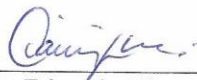
BANCA EXAMINADORA



Dr. Vicente Paulo dos Santos Pinto (Orientador)
Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF



Dr. Cassiano Caon Amorim
Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF



Dr. Cássio Eduardo Viana Hissa
Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG

Para C., Rogério e Solange,
pela confiança e incentivo.

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais Rogério e Solange e minha irmã Adrienne, pelo suporte emocional e por estarem presentes em todos os momentos, mesmo que à distância, desde o início desta jornada.

À Larissa, meu grande presente de Juiz de Fora. Agradeço por tornar o mestrado menos solitário, com muitas trocas, sensibilidades, carinho e risadas.

À Marcelly, minha florzinha, sempre tornando tudo mais leve com muitos mimos e afetos. E sendo minha grande companheira em Juiz de Fora.

Ao meu amigo Leonardo, agradeço as tardes de conversas, conselhos e desabafos, por compartilharmos os sentimentos de cada etapa desse mestrado.

À Juliana, grande amiga, pela leitura cuidadosa da pesquisa, sugestões e críticas. Também pelos infinitos diálogos e incentivos.

Ao Cássio Eduardo Hissa, educador admirável, grande responsável por fazer com que eu me apaixonasse ainda mais pela educação e pela vida. Obrigada pelas transformações de olhares e por enriquecer minhas leituras, principalmente, literárias.

Ao Bernardo Gontijo, por abrir as portas da UFMG para a minha pesquisa e por trazer tantas colaborações e vibrações positivas as minhas vivências de pesquisadora.

Ao meu orientador professor Vicente Paulo, agradeço por me receber neste programa, a toda paciência e humildade em suas palavras.

Aos professores do programa de mestrado em educação da UFJF, especialmente, ao coordenador do programa, Jader Janer, que me recebeu com tanto carinho e ao Cassiano Amorim que acompanhou toda a minha trajetória.

E, por fim, ao Rodrigo, pela compreensão de tantas angústias e ausências, o apoio constante e o afeto em todos os momentos.

O que faz andar a estrada? É o sonho.
Enquanto a gente sonhar a estrada
permanecerá viva. É para isso que servem
os caminhos, para nos fazerem parentes do
futuro.

Mia Couto

RESUMO

O conceito de trabalho de campo é bem difundido nas distintas áreas do conhecimento. Trabalho de campo se remete a prática, colocar “mãos à obra”, testar, comprovar, analisar, perceber, sentir, observar, podendo ir de encontro à teoria ou desmistificá-la. Aqui, trata-se de pensá-lo nas perspectivas das ciências humanas, mais especificamente na utilização desta prática pedagógica no contexto dos cursos de graduação de turismo. Nesse viés, elaboram-se construções teóricas diante a atividade turística e sua inserção na sociedade moderna, incluindo sua inserção nas universidades. A percepção sobre a necessidade de (re) pensar a formação dos bacharéis de turismo se materializa a partir das complexidades que envolvem a atividade turística, tendo em vista seu potencial crescimento mundial, o que gera grandes questionamentos diante aos seus impactos e limites. Então, questionam-se as práticas pedagógicas utilizadas no ensino superior brasileiro, principalmente, no que tange a postura passiva dos estudantes. A discussão contempla os trabalhos de campo como uma fonte de conhecimento na formação de turismólogos e, então, elabora-se um exercício de reflexão a partir da disciplina Turismo e meio ambiente do curso de turismo da Universidade Federal de Minas Gerais. Para tanto, a observação participante e a aplicação de questionários auxiliam na compreensão da representatividade do trabalho de campo para os estudantes de turismo, futuros turismólogos. Duas questões merecem destaque. A primeira, diz respeito a unanimidade dos estudantes em reconhecer o trabalho de campo como prática fundamental para a formação dos turismólogos, principalmente, porque segundo os estudantes: o objeto de estudo do turismo está contido no espaço, território e lugar e, portanto, a constante necessidade de vivenciá-lo, experimentá-lo, explorá-lo. A outra questão é o trabalho de campo ser visto como uma ferramenta de conhecimento que vai além das perspectivas acadêmicas e profissionais, revelando aprendizados que se remetem aos valores sociais e o amadurecimento de cada indivíduo participante. Assim, a pesquisa abre caminhos para mais estudos e discussões acerca da prática pedagógica trabalho de campo e sua utilização na formação de turismólogos brasileiros.

Palavras-chave: trabalho de campo; turismo, prática pedagógica.

RESUMEN

El concepto de *trabajo de campo* es muy difundido en las distintas áreas del conocimiento. *Trabajo de campo* se remite a la práctica, poner “manos a la obra”, probar, comprobar, analizar, percibir, sentir, observar, pudiendo ir de encuentro a la teoría o desmitificarla. Aquí, se trata de pensarlo en las perspectivas de las ciencias humanas, más específicamente en la utilización de esta práctica pedagógica en el contexto de los cursos de graduación de turismo. En este sentido, se formulan construcciones teóricas frente a la actividad turística y su inserción en la sociedad moderna, incluyendo su inserción en las universidades. La percepción sobre la necesidad de (re)pensar la formación de los licenciados de turismo se materializa a partir de las complejidades que envuelven la actividad turística, teniendo en vista su potencial crecimiento mundial, lo que genera grandes cuestionamientos frente a sus *impactos y límites*. Luego, se cuestionan las prácticas pedagógicas utilizadas en la enseñanza universitaria brasileña, principalmente, en lo que respecta, a la postura pasiva de los estudiantes. La discusión incluye los *trabajos de campo* como una fuente de conocimiento en la formación de los turismólogos, entonces, se desarrolla un ejercicio de reflexión a partir de la asignatura Turismo y medio ambiente del curso de turismo de la Universidad Federal de Minas Gerais. Para ello, la observación participante y la aplicación de cuestionarios ayudan en la comprensión de la representatividad del *trabajo de campo* para los estudiantes de turismo, turismólogos. Dos cuestiones merecen destaque. La primera dice respecto a la unanimidad de los estudiantes en reconocer el *trabajo de campo* como práctica fundamental para la formación de los expertos en turismo, principalmente, porque, según los estudiantes: el objeto de estudio de turismo está resumido en el espacio, territorio y lugar y, portanto, la constante necesidad de vivirlo, probarlo, explorarlo. Otra cuestión es el *trabajo de campo* ser visto como una herramienta de conocimiento que va más allá de las perspectivas académicas y profesionales, revelando aprendizajes que se remiten a los valores sociales y a la madurez de cada individuo participante. Así, la investigación abre camino para más estudios y discusiones acerca de la práctica pedagógica *trabajo de campo* y su utilización en la formación de turismólogos brasileños.

Palabras clave: trabajo de campo; turismo, práctica pedagógica.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 Município de Grão-mogol: vista de dentro da igreja	12
Figura 2 Município Morro da Garça: vista de fora da igreja	20
Figura 3 Município Itacambira.....	29
Figura 4 Loja do Sr. Brasinha	66
Figura 5 Lapa do Valentim Caiano/Gorgulho, no Monumento Natural Peter Lund	80
Figura 6 Vista do Alto do Morro da Garça	80
Figura 7 Município de Grão-Mogol	81
Figura 8 Visita à Igreja Matriz de Itacambira	81
Quadro 1 Programa da disciplina Turismo e meio ambiente	71
Quadro 2 Descrição das atividades da disciplina Turismo e meio ambiente	73
Quadro 3 Programação do Trabalho de Campo da disciplina Turismo e meio ambiente	79
Quadro 4 Poema escrito pela estudante da disciplina Turismo e meio ambiente	85
Quadro 5 Carta escrito pela estudante da disciplina Turismo e meio ambiente	85
Quadro 6 Desenho escrito pelo estudante da disciplina Turismo e meio ambiente	86
Quadro 7 Texto escrito pelo estudante da disciplina Turismo e meio ambiente.....	86

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO: MEU LUGAR NO MUNDO.....	12
A PESQUISA: OS CAMINHOS DESENHADOS.....	20
I TECENDO OS INCÔMODOS E REFLEXÕES: PERSPECTIVAS TEÓRICAS.....	29
1 A atividade turística e suas dinâmicas.....	30
1.1 Turismo como necessidade da sociedade moderna.....	37
2 Repensando a universidade: deslocamentos para a produção do saber turístico.....	46
2.1 A prática pedagógica: trabalho de campo.....	50
2.2 Trabalho de campo para a formação de turismólogos.....	59
II MERGULHO.....	66
3 Campo que transforma: a voz dos afetos, subjetividades e criatividade.....	70
3.1 Questionar para repensar: futuros turismólogos.....	89
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	96
REFERÊNCIAS	100
ANEXOS.....	103



Apresentação: meu lugar no mundo¹

¹Figura 1 - Município de Grão-Mogol: vista de dentro da igreja.
Foto: Flavienne Couto. Fonte: Acervo próprio. 2016.

APRESENTAÇÃO: MEU LUGAR NO MUNDO

A tarefa do professor: mostrar a frutinha vermelha. Comê-la diante dos olhos dos alunos. Erotizar os olhos. Provocar a fome. Fazê-los babar de desejo. Acordar a inteligência adormecida. Aí a cabeça fica grávida: preenche de ideias. E quando a cabeça engravida, não há nada que segure o corpo.
Rubem Alves²

As sensações que essas palavras do Rubem Alves me despertaram há mais de três anos atrás são reflexos do que busco mostrar com a realização desta pesquisa. O autor, na obra “Ensinar, cantar e aprender”, brinca com imagens e frases que nos fazem (re) pensar o jeito de olhar para o mundo e as distintas possibilidades de se instigar o aprender. De fato, alguns professores ao longo da minha trajetória educativa foram capazes de engravidar a minha mente e daí talvez venha o meu encantamento com essa profissão e com o meio acadêmico. E mais do que isso, a busca incessante pelo conhecimento e pelo mundo da educação.

As minhas experiências, vivências e aprendizados enquanto estudante foram me proporcionando revelações que hoje percebo como sentido para a vida. Cursei um tecnólogo de gastronomia e ao mesmo tempo cursei a graduação em turismo na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). A propósito os dois cursos se complementam, mas o sentimento de pertencimento, de adesão, de dedicação se revelou para o turismo. E quando isso se deu? Quando começaram os *trabalhos de campo* das disciplinas obrigatórias. E aí, como as palavras de Rubens Alves disseram: não houve nada que conseguisse segurar o corpo.

Muitos questionamentos em torno das práticas educativas começaram a surgir. Por que algumas disciplinas se dedicavam aos conteúdos teóricos e conteúdos práticos — conhecidos como *trabalhos de campo*? Porque alguns professores insistiam para que os estudantes fizessem os *trabalhos de campo*, enquanto outros professores deixavam a atividade ser de livre escolha? Seria possível aprender, compreender e até mesmo

²ALVES, Rubem. Ensinar, Cantar e Aprender. 2008, p.44.

criticar a atividade turística sem sair de sala de aula? De que forma os *trabalhos de campo* contribuíam para o aprendizado da teoria? E de que forma os *trabalhos de campop* poderiam influenciar o olhar do estudante, moldando ou não em profissionais mais humanizados, qualificados e/ou envolvidos, por exemplo?

Essas indagações podem ser traduzidas como as reflexões do início de um processo que se estende até os dias atuais. Alguns pesquisadores/pensadores adotariam o nome de inquietações, enquanto outros chamarão de motivações, mas não discordando de outras preferências, prefiro tratar como um processo de curiosidade, principalmente, quando pensada sob o olhar de Alves na crônica “Curiosidade é uma coceira que dá nas ideias...”:

Iria fazer umas estantes. As tábuas já estavam lá. Nem bem comecei a trabalhar de carpinteiro e fui interrompido com a chegada da faxineira. Com ela, sua filhinha de sete anos, Dionéia. Carinha redonda, sorriso mostrando os dentes brancos, trancinhas estilo afro. O que era de se esperar para uma menina da idade dela era que ficasse com a mãe. Não ficou. Preferiu ficar comigo, vendo o que eu fazia. Por que ela fez isso? Curiosidade. Curiosidade é uma coceira que dá nas idéias... Aquelas ferramentas e o que eu estava fazendo a fascinavam. Queria aprender.³

Os processos educativos, as escolhas que os cercam e as formas de interatividade/receptividade dos atores envolvidos são as curiosidades que me deslocaram para a realização desta pesquisa. Pesquisar tais processos implica em estudar e dialogar com as fases e contextos da vida de um humano. Interessante pensar na expressão “ser humano”. O que de fato faz um *homo sapiens* um indivíduo humanizado? Quais processos durante o percurso da vida são capazes de transformar um ser racional em um ser do mundo⁴? Quais são as relações que perpetuam entre o homem e a educação? É claro que com essas três perguntas podem-se abrir incontáveis discussões para todos os tipos e gostos, mas minha intenção é pensar no humano como sujeito do mundo, sujeito criador. Como nos lembra o autor Cássio Hissa:

³ALVES, Rubem. O Desejo de Ensinar e a Arte de Aprender. Campinas. 2004, p.7.

⁴Aqui, não posso deixar de compartilhar o pensamento de Cássio Hissa(2013, p.44): o mundo é feito de leituras de mundos e, por isso, o mundo não é a leitura do mundo porque não há apenas uma. Por isso, também, há uma diversidade de mundos; há mundos no mundo. A diversidade de leituras reflete a diversidade de experimentações e de sujeitos.

O sujeito que pergunta para construir a sua pesquisa interroga a si próprio. A transição subsequente consiste na concepção do sujeito que, no mundo, é interrogado pela vida e pela existência. Ele se descobriria como sujeito a construir, no mundo, interpretações plenas de mundo. Esta aí a ideia da permanente reinvenção do mundo pelo sujeito que cria e da arte da ciência que se reinventa.⁵

Além de pensar na leitura do mundo a partir dos próprios sujeitos do mundo, gosto de enfatizar que as dinâmicas e processos que envolvem o educar e “ser educado” estão intrinsecamente ligados a autonomia do humano. Isto é, quando lidamos com autonomia, conseqüentemente, estamos falando de definições, opções, reconhecimentos e então: as escolhas.

O escolher é necessariamente um movimento e/ou uma intenção de eleger preferências, fazer opções, marcar e assinalar o que se considera melhor ou pior, mais adequado, mais ético, mais característico, mais viável, entre outros. Para vincular o propósito da ação de educar com o verbo escolher — assim como tudo na vida — é preciso de todos os cuidados. Porque me refiro aos cuidados? Porque o mundo da educação, ainda que seja encantador, apresenta armadilhas do sistema vigente, mercantilizado. Educar para o mercado é diferente de educar para a vida. O mundo da educação revela muitas possibilidades aos educadores e muitas escolhas a se fazer, mas ao mesmo tempo pode se apresentar como um mundo hierarquizado.

Com muita atenção, brevemente, reflito sobre o movimento de um educador ao entrar em uma sala de aula — independentemente de ser o ensino básico ou o ensino superior. É preciso destacar que o educador leva consigo toda a sua trajetória de vida, incluindo a familiar, política, religiosa, cultural, social e profissional. As experiências profissionais são de grande importância, mas não menos importantes que as experiências que o transformaram em sujeito do mundo. Então, qualquer que seja o tema da aula ou da própria disciplina — e ainda que existam os livros didáticos — os estudantes estarão em contato com a leitura de mundo que o educador possui sobre determinado tema. Ou seja, o educador transporta para a sala de aula a sua bagagem de vivências e a sua visão de mundo que influencia e também recebe influências diante das trocas feitas em sala de aula, sendo parte do processo educativo.

⁵HISSA, Cássio Eduardo Viana. Entrenotas: compreensões de pesquisa. Belo Horizonte. Editora UFMG. 2013, p.31.

Ainda na perspectiva das escolhas, é importante contemplar a existência de princípios e regras dentro das instituições de ensino — incluindo as instituições de ensino superior — que, muitas vezes, estabelecem padrões nos processos de formação dos estudantes e que não prezam pela particularidade de cada indivíduo, demonstrando, cada vez mais, atender as expectativas do mercado. E, nesse sentido, ainda que as escolhas dos educadores possam ser limitadas, elas podem agregar saberes, valores e conhecimentos para minimizar a “universidade-fábrica” dos tempos atuais, perpassadas pelo mercado e pela competição, como Hissa exemplifica nesta nota:

A universidade é uma instituição que deveria estar a serviço do bem público e da vida coletiva, assim como todas as instituições ligadas à saúde das sociedades. Entretanto, como ela é perpassada por referências predominantemente mercantis, a competição passa a ser constitutiva do pensamento acadêmico, abordada como se não fosse uma das expressões da barbárie que subtrai o sentido de universidade. Discordar, divergir, conflitar: nenhum desses verbos é sinônimo de competir. Competir é disputar, concorrer com o outro, com o propósito de derrotá-lo e, na universidade, também, construir a imagem de vencedor, qualificado e competente.⁶

Nesse sentido, os processos educativos encontram muitos desafios e são eles que me motivam a ser pesquisadora desse mundo encantador e ao mesmo tempo perverso. Há uma gama de métodos e possibilidades para os educadores e cabe a eles, através da sua própria trajetória de vida, dos seus limites — inclusive institucionais — e dos seus próprios discernimentos (o que condiz com mais um movimento de escolha) fazerem as seleções do conteúdo e da forma que pretendem ensinar aos estudantes, estimulando ou não, as perspectivas de sujeito do mundo, sujeito criador, sujeito autônomo.

Por vários motivos, dentre tantas vivências no meu contexto de vida, os *trabalhos de campo* acadêmicos e profissionais contribuíram significativamente para que eu me percebesse curiosa, criativa e, até mesmo, importante. Por mais que pareça clichê, de alguma forma esses trabalhos revelavam o melhor de mim, principalmente, no que diz respeito a ser uma pessoa solidária. E porque não tornar tantas motivações em pesquisa? E até mesmo em mais *trabalhos de campo*?

Em minha vivência anterior — de graduanda em turismo — as disciplinas que contemplavam carga horária dedicada aos trabalhos de campo foram cruciais para

⁶HISSA, 2013, p.85.

minha identificação com a área de conhecimento do turismo e com o curso de uma maneira geral. Foi a partir do terceiro período que esse processo se iniciou e desde então, eu abracei todas as disciplinas que propunham essa prática pedagógica e as oportunidades que surgiram nesse contexto. Já no quarto período eu fui monitora em uma disciplina obrigatória denominada “Planejamento da Indústria do Turismo”⁷, onde acompanhei o trabalho de campo no município de Santa Bárbara/MG com os estudantes e percebi o quanto essa prática pedagógica para alguns era extremamente confortável e intrigante, enquanto que para outros era motivo de desconforto e desinteresse pela área do turismo. Alguns estudantes compartilhavam comigo os dados que haviam coletado com os olhos brilhando e outros me perguntavam: “o que é que viemos fazer aqui mesmo?”.

Também participei de um projeto de extensão proposto pela disciplina “Conteúdos Culturais do Lazer”⁸, onde os *trabalhos de campo* eram realizados em espaços culturais como cinemas, teatros, praças e museus. Apesar das atividades de campo se darem na própria cidade — Belo Horizonte — e em espaços comuns aos estudantes, muitos optavam por não comparecer e também demonstravam desinteresse. Muitas vezes, os próprios estudantes desvalorizavam a disciplina por não se tratar de aulas dentro de sala de aula.

Mais adiante, participei juntamente com a professora Christiane Gomes⁹ da coordenação de um projeto¹⁰ vinculado a realização da Copa do Mundo de Futebol 2014 em Belo Horizonte, onde também acompanhei *trabalhos de campo* de distintas áreas do conhecimento: telecomunicações, mobilidade urbana, aeroportos e turismo. Aqui, os estudantes se inscreveram para participar dos processos seletivos, o que já demonstra o interesse dos mesmos em participar das atividades, incluindo os campos. A pesquisa foi extremamente enriquecedora, aumentando minhas curiosidades, interesses, questionamentos e afinidades tanto pela área turística quanto pelos *trabalhos de campo*.

⁷Ementa da disciplina: Processo de planejamento turístico. Escolha, delimitação e descrição física da área. Inventário da oferta de recursos turísticos, diferenciais, serviços e equipamentos receptivos. Caracterização e quantificação da demanda. Sistema Nacional do turismo: estrutura oficial pública e privada. Formulação de políticas. Associações e entidades representativas. Organizações internacionais de turismo. Potencialidades e tendências da indústria turística brasileira. Disponível no site: <igc.ufmg.br>.

⁸Ementa da disciplina: O papel do lazer na sociedade atual: importância, valores, conteúdos. Abordagem multidisciplinar do lazer, por meio da análise e realização de vivências lúdicas, considerando os diferentes campos de interesse: “físico-esportivos”, “intelectuais”, “manuais”, “artísticos”, “sociais” e “turísticos”. Disponível no site: <igc.ufmg.br>

⁹Doutora em Educação pela Universidade Federal de Minas Gerais, com Pós-doutorado em Ciências Políticas e Sociais.

¹⁰Projeto Institucional/CNPq: 400049/2013-9: Acompanhamento e Avaliação de Obras, Serviços e Operações de Infraestrutura destinadas à Copa do Mundo 2014 em Belo Horizonte.

Portanto, com muitos sonhos e afetos e após a realização de cada uma dessas atividades, a curiosidade de compreender a magnitude dessa prática pedagógica se desdobrou em uma pesquisa de mestrado, refletindo sobre os *trabalhos de campo* como possibilidades para a formação de turismólogos. Almejo e percebo que os *trabalhos de campo* podem ser desenvolvidos por todas as fases do percurso educativo de um indivíduo, podendo ser fonte de conhecimento, aprendizagem, experiências, memórias, curiosidades, subjetividades e afetos. Além disso, os *trabalhos de campo* representam uma prática pedagógica que vai além dos contextos de sala de aula, sendo, muitas vezes, enriquecedor nos cursos superiores.

Justamente por reconhecer as inúmeras e distintas possibilidades desta prática pedagógica e tendo em vista que suas reflexões serão particulares de cada área de conhecimento e de cada indivíduo participante; fiz a opção pelo recorte: *Trabalhos de campo na formação de turismólogos: afetos, subjetividades e criatividade*.

Ressalto que a proposta dessa pesquisa elegeo curso de turismo da UFMG devido a minha própria formação em turismo ter acontecido nesta instituição de ensino. Portanto, não faço uma investigação neutra, sou ex-aluna da instituição e estou situada em um lugar de fala que me transformou e continua me transformando, conduzindo minhas escolhas profissionais dentro da educação. Assim, o meu olhar para o curso de turismo da UFMG nesse momento não pode ser separado das minhas vivências enquanto ocupava o lugar de graduanda do mesmo. Além disso, o curso de turismo da UFMG já formou mais de vinte turmas, cerca de cinco mil alunos, desde o ano de 2002, tornando cada vez mais urgente pensá-lo, repensá-lo e problematizá-lo.

E ainda, além das curiosidades pessoais e da relevância de se pesquisar as práticas pedagógicas, a presente pesquisa também se justifica, levando em consideração que no Brasil o turismo é uma área de conhecimento pouco explorada, tendo em vista aproximadamente apenas cinquenta anos de produções acadêmicas. O primeiro curso de graduação de turismo aconteceu na cidade São Paulo no ano de 1971¹¹. As pesquisas e os estudos da área de conhecimento turístico juntamente com a área de conhecimento da educação contribuem para a ampliação da produção no âmbito do turismo, enfatizando, a formação acadêmica e profissional dos turismólogos e, portanto, tornando mais satisfatório e relevante o plano de pesquisa que será apresentado a seguir.

¹¹Ver em: A sociedade pós-industrial e o profissional em turismo. Campinas, SP: Papirus, 1998 de Luiz Gonzaga Godoi Trigo.

Figura 2 – A pesquisa: os caminhos desenhados

A pesquisa: os caminhos desenhados¹²

¹² Figura 2 Município Morro da Garça: vista de fora da igreja.

Foto: Flaviene Couto, Fonte: Acervo próprio, 2016.

A pesquisa: os caminhos desenhados

Escolher a prática pedagógica *trabalho de campo* como objeto de estudo envolve muitas opções para se pesquisar. Isso se dá porque o conceito de *trabalho de campo* é bem difundido em diferentes áreas do conhecimento. *Trabalho de campo* remete a prática, colocar “mãos à obra”, testar, comprovar, analisar, perceber, sentir, observar, podendo ir de encontro à teoria ou desmistificá-la. Aqui, trata-se de pensá-lo nas perspectivas das ciências humanas, mais especificamente no contexto dos cursos de turismo. Mais uma vez, questiono: é possível formar turismólogos sem sair de sala de aula?

É preciso levar em consideração que o turismo é uma atividade que navega por uma abordagem espaço-tempo-sociedade. Aqui, está se pensando na atividade turística percorrendo por todos os espaços-mundo— considerando ser uma atividade praticada mundialmente —, em todas as possibilidades de tempo — passado, presente e futuro — e nas diversas organizações socioespaciais— cidades, estados, países, continentes. Por isso, enfatiza a urgência de se repensar o comportamento do humano diante da atividade turística e de suas dinâmicas emergentes do espaço-mundo. A formação dos turismólogos precisa ser pensada na mesma lógica, sensibilizada pelos espaços, tempos e sociedades. Quais são as atividades propostas nos cursos superiores? Como romper com os limites formais do conhecimento?

Nesse contexto de (re) pensar a formação dos turismólogos, elabora-se um exercício de reflexão acerca dos *trabalhos de campo* a partir do curso de turismo da Universidade Federal de Minas Gerais. Muitas indagações surgiram anteriormente à pesquisa¹³ e durante a construção da pesquisa e elas não serão esgotadas. A atividade turística envolve complexidades, tendo em vista seu potencial de crescimento mundial, o que gera grandes questionamentos frente aos seus impactos e limites e, conseqüentemente, diante da formação dos profissionais da área.

Surge daí a questão condutora dessa dissertação: **o que os trabalhos de campo representam para os estudantes de turismo, futuros turismólogos?** A noção a ser retratada ao discutirmos essa prática pedagógica é uma construção a partir da voz dos estudantes que estão em curso.

¹³Concordo com Cássio Hissa (2013, p.38): "A pesquisa é a arte de construir possibilidades de diálogo. Para isso, será preciso conceber, antes de tudo, a pesquisa como texto que comunica e, simultaneamente, como texto feito com o outro, no mundo e com o mundo."

Vários sujeitos poderiam ser qualificados para a pesquisa. Contudo a escolha dos estudantes em curso, ou seja, sujeitos que vivem e ocupam esse espaço de estudantes do curso de turismo— no caso da UFMG¹⁴— possibilitam um olhar a partir do sujeito afetado pelas escolhas e caminhos percorridos junto aos educadores/professores.

Problematizar a formação superior, especificamente a formação dos turismólogos brasileiros requer, de certa forma, compreender como os estudantes percebem sua própria formação, considerando os possíveis desafios e dificuldades. Os cursos de graduação em turismo no Brasil são recentes e as reformas e adaptações são contínuas em busca de uma formação mais completa, principalmente, em termos críticos, éticos e humanizados. Ouvir os estudantes é ouvir a voz de quem vivencia a universidade, o curso e as atividades complementares, representando, muitas vezes, a parte mais frágil dentro das hierarquias postas em uma universidade.

A partir de então, começo o delineamento do plano de pesquisa, dos passos a serem escolhidos, levando em consideração que o plano de pesquisa auxilia no desenho das etapas a serem trabalhadas, dando maior sentido para a pesquisa, de modo que ela apareça para além dos meus pensamentos e questionamentos. Aqui, gosto de pensar que a mesma temática de pesquisa poderia ser realizada por outros indivíduos que poderiam trazer resultados diferentes, talvez até similares, talvez não. Reconheço, mais uma vez, que o meu lugar de fala não é neutro, assim como as decisões pelos objetivos e métodos de pesquisa também não são neutras. Isso acontece porque as minhas escolhas partem da minha leitura de mundo, minhas interpretações e análises.

Para pensar nos objetivos, exploro a questão guiadora dessa pesquisa em outras questões. O primeiro ponto que levo em consideração são os olhares dos estudantes para os trabalhos de campo. Como se dá esse olhar? *Como os estudantes percebem os trabalhos de campo para a formação profissional deles? E de que forma essa percepção influencia no interesse da prática pedagógica: trabalho de campo?*

Grande parte das grades curriculares dos cursos de turismo possui disciplinas obrigatórias e disciplinas optativas. As disciplinas obrigatórias, como o próprio nome já diz, são disciplinas indispensáveis para a formação do estudante e, portanto, independente da presença de trabalho de campo o estudante terá de cursá-la. Já as disciplinas optativas são ofertadas, mas é critério do estudante escolher as disciplinas que ele deseja cursar. *Então, nesse ponto, a presença ou ausência de trabalho de campo*

¹⁴Tal escolha representa uma ligação íntima com as minhas questões pessoais, pelo fato de ter sido afetada, sensibilizada e transformada pelo curso de turismo da UFMG.

interfere nas escolhas das disciplinas optativas? Em outras palavras, os estudantes preferem cursar disciplinas com ou sem trabalho de campo?

Outro ponto no qual me detenho são as memórias construídas a partir de um trabalho de campo. *Quais são as memórias mais marcantes dos trabalhos de campo? Algum deles foi mais marcante até hoje? Existe desejo de voltar aos lugares em que foram realizados os trabalhos de campo? Quais afetos, sentimentos envolveram esses trabalhos?* Aqui, as questões estão sendo pensadas em uma tentativa de compreender melhor o objetivo geral da pesquisa.

Para tanto, com todos os cuidados, almejo compreender e analisar a representatividade da prática pedagógica —*trabalho de campo*— para os estudantes do curso de turismo, considerando os possíveis afetos, subjetividades e criatividade como parte dessa realidade.

O contexto fora da sala de aula, por sua vez, faz parte dos aprendizados educacionais e mais do que isso — aparecem como manifestação das relações sociais, dos encontros, das dificuldades e diferenças. São muitas possibilidades e experiências a serem exploradas nesses espaços sociais¹⁵.

Antes de desenhar a metodologia da pesquisa faço uma reflexão entorno de um estímulo: como resolver a problematização proposta? Qual o melhor caminho para encontrar melhores resultados? Qual o conjunto de metodologia auxiliará na compreensão do objeto de estudo? O autor Hissa — grande inspiração para esta pesquisa, especialmente, para a metodologia — afirma:

Para cada uma das coisas feitas, por inúmeros sujeitos, existem inúmeros modos de fazer. Esse desafio é maior. As metodologias são criadas pelos sujeitos enquanto estes estão criando os seus objetos. Antes, imaginam. No seguinte passo, podem perceber que a pesquisa não cria apenas interpretações. A pesquisa cria metodologias enquanto cria interpretações. O fazer alimenta o pensamento que mobiliza a arte de refazer diferente.¹⁶

Desse modo, cada indivíduo enxerga as possibilidades metodológicas da sua maneira, do seu jeito de sentir e perceber o objeto, de poder desenhá-lo baseado nas

¹⁵Segundo Milton Santos, 2014, p. 30: O espaço não é nem uma coisa nem um sistema de coisas, senão uma realidade relacional: coisas e relações conjuntas. [...] O espaço deve ser considerado como um conjunto indissociável, de que participam, de um lado, certo arranjo de objetos geográficos, objetos naturais e objetos sociais, e, de outro, a vida que os preenche e os anima, ou seja, a sociedade em movimento.

¹⁶HISSA, 2013, p.125.

suas vivências, seus questionamentos diante a vida, suas curiosidades, suas necessidades. Os passos metodológicos vão surgindo de acordo com o que se deseja descobrir, mostrar, avaliar, analisar. Assim como se cria e/ou se sente o problema também se pensa, se delinea e se “inventa” as metodologias.

Na intenção de criar, interpretar e analisar a partir da minha leitura de mundo¹⁷, a presente pesquisa abraça o caráter qualitativo e exploratório. A escolha pelo caráter qualitativo “se dá em função da preocupação, enquanto pesquisadora, com o aprofundamento da compreensão de um grupo social, de uma organização, de uma instituição, de uma trajetória.”¹⁸ Interessante perceber que esse tipo de pesquisa é interpretativa, baseada na vivência do sujeito e, portanto, na subjetividade, permitindo sistematizar e discutir valores inerentes aos sujeitos. Antônio Chizzotti explica que:

A abordagem qualitativa parte do fundamento de que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, uma interdependência viva entre o sujeito e o objeto, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito. O conhecimento não se reduz a um rol de dados isolados, conectados por uma teoria explicativa; o sujeito-observador é parte integrante do processo de conhecimento e interpreta os fenômenos, atribuindo-lhes um significado.¹⁹

Desta forma, a pesquisa qualitativa permite maior presença do pesquisador, podendo refletir a opinião dos sujeitos que se interagem com o espaço, trabalhando com um universo de significados, crenças, princípios, experiências pessoais, motivações e outros. Também é importante que a postura do pesquisador mantenha um distanciamento do senso comum e uma conectividade com os sujeitos pesquisados. Goldenberg²⁰ alerta que: “A pesquisa qualitativa depende da biografia do pesquisador, das opções teóricas, do contexto mais amplo e das imprevisíveis situações que ocorrem no dia-a-dia da pesquisa.”

Assim, como dito anteriormente, cada pesquisador se identificará com um modo de fazer e terá suas influências no decorrer da pesquisa. Portanto, ainda segundo a

¹⁷Compreendo “leitura de mundo” a partir dos pensamentos de Hissa: Não compreendemos o mundo como ele é. Não existe o mundo tal como ele é. Em primeiro lugar, porque o mundo é a leitura que temos dele, e tal leitura é tributária da inserção cultural dos sujeitos nas sociedades e coletividades. Em segundo lugar, porque a leitura que temos do mundo é a leitura de nós mesmos no mundo.

¹⁸GOLDENBERG, Mirian. A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais. Rio de Janeiro: Record, 1997, p.14.

¹⁹CHIZZOTTI, Antônio. Pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais. São Paulo: Cortez, 1995, p.79.

²⁰GOLDENBERG, 1997, p.55.

autora Goldenberg²¹: “Não é possível formular regras precisas sobre técnicas de pesquisa qualitativa porque cada entrevista ou observação é única: depende do tema, do pesquisador e de seus pesquisados.”.

A pesquisa busca uma composição do problema, sua classificação e sua definição através do caráter exploratório que o olhar de Antônio Gil²² define como: “As pesquisas exploratórias têm como principal finalidade desenvolver, esclarecer e modificar conceitos e ideias, com vistas à formulação de problemas mais precisos ou hipóteses pesquisáveis para estudos posteriores”.

Sendo assim, a pesquisa exploratória proporciona maior familiaridade com o problema, para torná-lo mais explícito, valendo-se de técnicas utilizadas para fazer inferências sobre comunicação, por meio de procedimentos de descrição de conteúdo das mensagens de diferentes atores. Esse é o tipo menos rígido de pesquisa, pois permite uma flexibilidade de escolha da melhor maneira para se tentar chegar ao conhecimento dos fatos. Em uma pesquisa, na qual as opiniões dos atores sociais são de extrema relevância, esse tipo de pesquisa se mostra com precisão, pois, devido à sua flexibilidade, ela dá uma maior “liberdade” para que se possam construir os parâmetros do estudo.

Dando continuidade, a pesquisa bibliográfica surge como um método imprescindível para alcançar os objetivos da pesquisa. Para tanto, a pesquisa bibliográfica acontece desde a elaboração do pré-projeto de pesquisa até a fase conclusiva. Isto se dá em função das distintas alterações, complementações, discussões e possíveis ajustes feitos ao longo do processo. Porém, requer o cuidado de verificar a confiabilidade das fontes consultadas disponíveis tanto em bibliotecas universitárias quanto através de arcabouços virtuais. De acordo com Lima e Miotto²³:

Ao tratar da pesquisa bibliográfica, é importante destacar que ela é sempre realizada para fundamentar teoricamente o objeto de estudo, contribuindo com elementos que subsidiam a análise futura dos dados obtidos. Portanto, difere da revisão bibliográfica uma vez que vai além da simples observação de dados contidos nas fontes pesquisadas, pois imprime sobre eles a teoria, a compreensão crítica do significado neles existente.

²¹GOLDENBERG, 1997, p.57.

²²GIL, Antonio Carlos. Métodos e técnicas de pesquisa social. 3ed. São Paulo: Atlas, 1991, p.44.

²³LIMA, Telma Cristiane; MIOTO, Regina Célia. Procedimentos metodológicos na construção do conhecimento científico: a pesquisa bibliográfica. Rev. katálysis, Florianópolis, v. 10, 2007, p.44.

Dessa forma, apresenta-se como essencial para a busca de aprofundamentos sobre o tema, contribuindo como um suporte teórico ao estudo e dispondo de um contato direto com fontes já escritas sobre o assunto pesquisado. A compreensão crítica é reflexo da construção de pensamentos que se desencadeiam a partir da minha leitura de mundo. Dialogando com Hissa:

O texto de pesquisa deveria ser uma tessitura como a do bordado que se vai fazendo em busca de pensamentos argumentativos e, de alguma maneira, inovadores porque redesenham, de modo diferente, um problema e uma interpretação. As citações manifestam a presença do outro em mim, a partir do qual faço o meu pensamento junto a todos.²⁴

Percebo ser relevante pontuar que “a presença do outro em mim” merece total valorização, pois a pesquisa também é resultado de leituras e releituras, da construção de pensamentos e curiosidades baseadas em construções de outros autores, que muitas vezes, são autores da literatura. Não há rigidez nesse processo, assim como não há um padrão a ser seguido. Existe uma consciência plena de que a construção dessa pesquisa é almejada e realizada com o outro²⁵, seja nas referências, seja nas vivências.

Além da pesquisa bibliográfica, a metodologia da pesquisa conta com a observação participante e realização de questionários abertos que estrategicamente serão discutidos no início da segunda parte da pesquisa. Importante salientar que os métodos escolhidos recorrem a diversas perspectivas para absorver e assimilar o objeto de estudo, atuando como unidade, de maneira simultânea e complementar. Dessa forma, também serão transparentes na estruturação dos capítulos da dissertação.

Assim, a organização da dissertação acontece em duas partes: a primeira intitulada “*Tecendo os incômodos e reflexões: perspectivas teóricas*” e a segunda, “*Mergulho*”. O desejo de fazer essa divisão perpassa pelos métodos escolhidos para serem trabalhados, promovendo uma compreensão da visão macro para a visão micro. Ou seja, percorrendo uma trajetória que se inicia com a reflexão sobre a atividade turística e suas dinâmicas, seguida de questionamentos que circundam o ensino superior no contexto do turismo e abre os caminhos para a discussão da prática pedagógica *trabalho de campo*. Então, aproxima-se do trabalho de campo para a formação dos

²⁴HISSA, 2013, p.107.

²⁵Ao me referir à pesquisa com o outro, estou me referindo a todas as pessoas que contribuíram para a realização desta pesquisa, principalmente, aos atores pesquisados e as pessoas que dialogaram as temáticas comigo.

turismólogos. Enfim, chega-se às vozes dos estudantes para compreender o que os trabalhos de campo representam para eles enquanto prática pedagógica decorrer da sua formação. Portanto, as partes não são distintas, elas se complementam.

Na primeira parte da dissertação busco através da pesquisa bibliográfica uma reflexão teórica e crítica acerca da atividade turística e suas dinâmicas na humanidade. Não tenho a intenção de retratar historicamente a atividade, mas alguns dados históricos aparecem para fomentar a reflexão. A discussão percorre as dinâmicas que envolvem a atividade turística, enfatizando os motivos e movimentos que tornaram o turismo em uma necessidade da sociedade moderna. Os saberes, práticas e conhecimentos a partir da experiência turística aparecem sutilmente no texto e merecem maior aprofundamento em um próximo momento.

Percebo, aqui, a necessidade de explicar que esse capítulo surge além do propósito de contextualização da atividade turística. Desde a minha inserção na área de conhecimento que envolve o turismo, sinto um desconforto com as discussões que, de alguma forma, se dedicam aos impactos e limites da atividade turística. Muitas vezes, —para não dizer todas— as discussões são pautadas de maneira superficial e mercadológica. Existe um mito de que a atividade turística é um recurso para toda e qualquer localidade, se bem planejado. E, então, a superficialidade, nesse caso, se dá em abordar a atividade turística como uma solução, pensando principalmente no poder econômico que ela pode representar. Não discordo dos benefícios que a atividade turística pode revelar para um lugar ou região, mas não se deve deixar de considerar as diversidades de interesses e atores sociais no território, assim como os processos conflituosos e humanísticos e suas consequências. Sempre questionando: *turismo para quem?*

Ainda na primeira parte, a discussão segue conceituando o papel da universidade na perspectiva da produção do saber dedicado às temáticas turísticas. Importante compreender quais são as práticas pedagógicas utilizadas no ensino superior e os porquês de tais escolhas. Mais adiante, surge um questionamento fundamental para esta pesquisa: de que forma o trabalho de campo pode se apresentar como uma prática pedagógica transformadora? Aqui, tem-se a conceituação do *trabalho de campo* e seus desdobramentos para o ensino superior, principalmente, para a formação dos turismólogos.

Na segunda parte da dissertação, a observação participante acontece através do acompanhamento da disciplina “Turismo e meio ambiente” ofertada pelo curso

deturismo da UFMG edirecionada pelo professor Dr. Bernardo Gontijo²⁶. Cumprindo o papel de tutora da disciplina, tive a liberdade de propor aos estudantes que fizessem reflexões escritas no final de cada aula de acordo com a temática abordada. *O trabalho de campo* da disciplina envolveu três temáticas: turismo, meio ambiente e literatura. O percurso do campo se deu no estado de Minas Gerais, saindo de Belo Horizonte e passando por quatro municípios: Cordisburgo, Morro da Garça, Grão Mogol e Itacambira. Aqui, com o cuidado de trazer detalhes, reflito sobre os desdobramentos da atividade de campo, os olhares e vozes dos estudantes diante as expectativas pré-campo e as experiências pós-campo.

Em seguida, e, por último, os resultados dos questionários abertos aplicados com os estudantes da disciplina citada acima, abordando três perspectivas: 1) como os alunos percebem os *trabalhos de campo* para a sua formação profissional; 2) a existência ou não de preferências em cursar disciplinas com ou sem *trabalho de campo* e 3) as memórias mais marcantes referentes aos *trabalhos de campo* vividos.

Finalmente, considerações são tecidas para o fechamento desta pesquisa, mas não para o fechamento dos temas abordados. As pesquisas e estudos que envolvem o conhecimento da atividade turística, assim como o turismo na perspectiva da universidade e a formação profissional dos turismólogos são, de certa forma, inovadores e merecem não apenas discussões e reflexões, mas sim transformações. Reduzir o turismo a um produto de mercado é ignorar tamanha complexidade e genialidade que a atividade respira. Para tanto, as discussões que seguem nos próximos capítulos são reflexos de vivências e de sonhos que se materializaram em formato de pesquisa²⁷ acadêmica, mas que imploram por respostas, mudanças e deslocamentos.

²⁶Atualmente é professor adjunto do Instituto de Geociências da UFMG. Tem experiência na área de Geociências, com ênfase em Geografia e Meio Ambiente, atuando principalmente nos seguintes temas: unidade de conservação, vegetação, áreas verdes urbanas, transformação ambiental e turismo.

²⁷ Importante destacar que esta pesquisa pretende utilizar-se de uma linguagem acessível a todos que se interessam por esta área de conhecimento, em uma espécie de conversa com o leitor. Por esse motivo, o texto é escrito na primeira pessoa do singular — a voz da autora — e ao longo do texto são feitos muitos questionamentos para provocar reflexões diretas nos leitores.



I. Tecendo os incômodos e reflexões: perspectivas teóricas²⁸

²⁸Figura 3 Município Itacambira.
Foto: Flavienne Couto/Fonte: Acervo próprio.

I. Tecendo os incômodos e reflexões: perspectivas teóricas

1. A atividade turística e suas dinâmicas

Pensar nas perspectivas teóricas desta pesquisa consiste em fazer escolhas diante de tantos caminhos para se discutir à atividade turística e suas complexidades. Brevemente, como você definiria o turismo? Existem respostas para todos os tipos e gostos, conservadoras ou contemporâneas. Eu gosto de pensar em uma atividade humana que é extremamente dinâmica, envolvendo o deslocamento de pessoas de diferentes lugares para diferentes destinos. Sendo assim, a atividade apresenta uma temporalidade em conjunto com a socioespacialidades. Consequentemente estou pensando em política, cultura, economia, meio ambiente e relações que acontecem em cada território²⁹.

A partir de leituras que realizei nos últimos seis anos sempre encontro o turismo definido ou entendido como uma espécie de fenômeno. E isso em nenhum momento se deu como uma informação esclarecedora, mas sempre representou uma imagem fictícia agradável e até mesmo uma sensação de surrealismo. Tais representações se devem, principalmente, a tendência de compreender a atividade turística como benfeitora para a humanidade, condizendo, muitas vezes, com pensamentos equivocados. Os autores Panosso, Tomillo e Jager explicam que:

Para a compreensão do complexo fenômeno turístico, ou ao menos a tentativa de sua compreensão, análises positivistas, sistêmicas, fenomenológicas, marxistas, hermenêuticas, anarquistas, entre outras, têm sido construídas. Conceitos filosóficos, sociais e antropológicos, tais como, fenomenologia, pós-modernidade, hipermodernidade, mobilidade, são revisados e atualizados, gerando uma profusão de novos conhecimentos e novas abordagens teóricas, e que podem confundir até o mais experiente pesquisador.³⁰

As abordagens para conceituar e compreender a atividade turística são realizadas por caminhos que circundam diferentes áreas do conhecimento e que podem, inclusive, como indica os autores, provocar confusões quanto ao entendimento das mesmas. A complexidade de compreensão da atividade turística provoca reflexos na complexidade

²⁹ O território é uma das categorias de análise da geografia que se faz extremamente presente nos estudos e pesquisas da área de conhecimento do turismo. A complexidade do território para a atividade turística encontra-se no ato de planejar e gerir a atividade, de modo que os territórios apresentam diversidade de interesses e conflitos, além das relações de poder.

³⁰PANOSSO, TOMILLO e JAGER. Por uma visão crítica nos estudos turísticos. Revista Turismo emAnálise, Brasil, v. 22, n. 3, p. 539-560, dec. 2011.

da produção da área do conhecimento em turismo. E, aqui, a curiosidade é atribuída ao porque do caráter de fenômeno à atividade turística. E como definirmos um fenômeno? De acordo com o dicionário Houaiss:

Fenômeno *s.m.* (1670) 1 tudo o que se observa na natureza 2 *p.ext.* fato ou evento que pode ser descrito e explicado cientificamente 3 *Fil* apreensão ilusória de um objeto, captado pela sensibilidade ou reconhecido de maneira irrefletida pela consciência imediata 4 *p.ext.fil no kantismo*, o objeto do conhecimento na relação que estabelece com o sujeito humano que o conhece, e captado segundo a perspectiva da intuição (espaço e tempo) e das categorias inatas do intelecto 5 fato ou acontecimento raro e surpreendente; prodígio, maravilha 6 *p.met* ser ou objeto com algo de anormal ou extraordinário.³¹

Sob a perspectiva dessadefinição para fenômeno, seria o turismo compreendido como algo surpreendente, prodígio, maravilhoso, anormal e/ou extraordinário? E quanto a "tudo que se observa na natureza" já não estaria contemplando o humano e suas atividades, incluindo o turismo como um processo das relações humanas? Será que ainda é possível pensar na sensibilidade ou reconhecimento da atividade turística pela "consciência imediata"? E quanto ao pensamento de Kant, "a perspectiva da intuição (espaço e tempo)" pode ser relacionada com o objeto do conhecimento: turismo? As indagações representam, mais uma vez, a complexidade em trazer definições concisas e esclarecedores. Porém, destaco a identificação do turismo como fenômeno, enfatizando três pontos: 1) a surpreendente velocidade em escala mundial com que a atividade turística se manifestou a partir da década de 1980; 2) a aceitação universal das pessoas diante a atividade e 3) é uma atividade que afetou e continua afetando de formas positivas e negativas a economia, o meio ambiente, as culturas, a política e as relações sociais.

Além disso, intencionalmente ou inevitavelmente, o turismo promove a comunicação e interação entre os povos — favorecendo o conhecimento de diferentes culturas — fomenta a educação e assume importante papel na produção de conhecimentos, saberes e práticas. Jost Krippendorf³² alerta que:

³¹HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. Dicionário Houaiss da língua portuguesa. 1.ed. Rio de Janeiro: objetiva, 2009, p.886.

³²KRIPPENDORF, Joseph. Sociologia do turismo: para uma nova compreensão do lazer e das viagens. 3ª edição. Editora Aleph. São Paulo. 2001, p.76.

O crescimento do turismo dá origem a diversos questionamentos e reflexões com relação aos seus impactos e limites. Uma atividade que causa tanto impacto social não pode simplesmente ser implementada de forma inescrupulosa e irresponsável, baseando-se unicamente no vigor econômico que suscita.

Esses questionamentos e reflexões acontecem devido às distintas perspectivas e a imensa cadeia que cerca essa atividade. É preciso ter cuidado com as possíveis generalizações, pois assim como o turismo pode apresentar-se como uma atividade socioeconômica e sustentável para uma localidade e/ou região, também pode ser visto como sinônimo de destruição. Percebo de forma muito coerente o pensamento de Sandra Agnol³³:

Os impactos positivos do turismo tendem estar relacionados com o dinheiro proveniente dos turistas, geração de empregos e fortalecimento da cultura local. Por outro lado, o surgimento de aspectos negativos como criminalidade, aumento no consumo de drogas, congestionamentos, entre outros, fazem com que os moradores apresentem certa xenofobia com relação ao turismo.

Neste caso dos aspectos negativos, também é destacável a possibilidade de um descontrole populacional, abusos diante aos recursos naturais e patrimônios culturais e, conseqüentemente, a descaracterização da cultura e dos saberes tradicionais. Essa desconstrução de "realidade" tem influência direta no cotidiano dos habitantes locais, provocando um descontentamento com a atividade e gerando essa repulsa com os turistas — que o autor define como xenofobia³⁴.

No contexto atual, o turismo é considerado uma atividade global que envolve distintos espaços e lugares, ocorrendo a todo instante dentro das “regras, princípios e leis” impostas pelas diferentes sociedades. Não se deve compactuar da ideia de que os espaços são afetados da mesma forma diante da atividade turística. E é preciso relativizar as situações de cada localidade, região e país, sem ignorar as diferenças³⁵

³³AGNOL, Sandra Dall. Impactos do turismo x comunidade local. In: Anais do VII Seminário de Pesquisa em Turismo do Mercosul. Turismo e Paisagem: Relação Complexa, nov.2012, p.1.

³⁴Segundo o Dicionário HOUAISS, 2009, p. 1966: desconfiança, temor ou antipatia por pessoas estranhas ao meio daquele que as julga, ou pelo o que é incomum ou de fora do país.

³⁵Penso que cada localidade no planeta Terra tem suas especificidades referentes aos elementos naturais (clima, relevo, vegetação, hidrografia) e aos elementos culturais (tecnologia, conhecimento, linguagem, religião, artes, crenças, economia, governo, trabalho). As diferenças entre tais elementos serão fundamentais para despertar o interesse em determinadas atividades humanas ou não.

entre si, os conhecimentos e sabedorias produzidos e as dificuldades enfrentadas, principalmente, no que se refere aos recursos naturais e aos recursos tecnológicos.

Nesse sentido, dialogando com esse contexto acima, Milton Santos traz reflexões críticas para a atualidade, ressaltando que o sistema econômico vigente transformou os espaços³⁶ em territórios de mercado. E o que seria isso? “Hoje, com a globalização, pode-se dizer que a totalidade da superfície da terra é compartimentada, não apenas pela ação direta do homem, mas também pela sua presença política. [...] Todo e qualquer pedaço de terra se torna funcional às necessidades.”³⁷. O autor se preocupa em relatar sobre as peculiaridades de cada espaço diante as mudanças globais. O espaço terrestre fragmentou-se de acordo com as possibilidades de ação, existindo espaços mais propícios para determinadas ações do que outros devido às incompatibilidades políticas, socioeconômicas, ambientais e culturais dentro dos diferentes territórios no Planeta Terra.

Sob essa construção de pensamentos, Santos (2000) também elucida que o chamado mercado global se impõe como razão principal da competitividade entre os que detêm mais poder, onde o jogo de interesses usa o território em função dos seus fins próprios. Não existe preocupação³⁸ social, política, cultural, moral ou geográfica. A homogeneização traz consigo uma carga da alienação territorial, e, dessa forma, desagrega, exclui, fragmenta, causa conflitos e sequestra à autonomia do próprio humano. Krippendorf³⁹ alerta que:

[...] quando o desenvolvimento começa a trazer mais inconveniências do que vantagens ao indivíduo e à sociedade, é bom que se iniciem as críticas e, em particular, as reflexões. [...] Isso porque o sistema econômico, que se baseia na rotação entre produção/ consumo e consumo/produção, desenvolveu, há algum tempo, uma dinâmica própria muito perigosa. Não se trata mais de cobrir as necessidades humanas que realmente se fazem sentir. Elas já estão satisfeitas em sua maior parte. Também não se trata de criar novos valores. A economia

³⁶ Para Rita de Cássia Cruz (2007, p.30): A atividade econômica do turismo exacerba o valor de troca do espaço em detrimento de seu valor de uso e, assim compreendido - como mercadoria - o espaço está sujeito à mesma coisificação e fetichização que recaem sobre as mercadorias de um modo geral.

³⁷ SANTOS, Milton. Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal. 10. ed. Rio de Janeiro: Record, 2000, p.38.

³⁸Então, quem vai se preocupar com os saberes, práticas e conhecimentos dos distintos territórios, espaços, lugares?

³⁹KRIPPENDORF, Joseph. Sociologia do turismo: para uma nova compreensão do lazer e das viagens. Edição especial 25 anos. Editora Aleph. São Paulo. 2009, p.16.

distanciou-se do ser humano, colocou-se acima dele e, de certa forma, apoderou-se de sua liberdade.

E na perspectiva da autonomia e liberdade do humano, — levando em consideração os interesses do mercado global/economia— pode-se constatar que nos últimos trinta anos, novas necessidades e novos hábitos de consumo passaram a fazer parte da cultura ocidental, defendendo-se o consumo produtivo do espaço, incluindo as viagens. No caso do turismo, enquanto uma localidade possui muitos atrativos, outras produzem artificialmente para alcançar o sucesso enquanto destino turístico— dentro, principalmente das perspectivas econômicas⁴⁰. A globalização, as tecnologias, os efeitos da homogeneização serão sentidos de maneira diferente em cada localidade.

As discussões que seguem abaixo tomam esse rumo, levando em consideração o contexto da globalização e da tentativa de homogeneizar as culturas e complexidades territoriais e, de certa forma, colocar em segundo plano: os saberes, práticas e conhecimentos específicos de cada território. Mais do que a homogeneização, a globalização reforça a lógica do capital, a lógica de consumo e o turismo não escapa deste contexto.

Com o avanço tecnológico dos transportes e da comunicação, novas estratégias, principalmente, de marketing⁴¹ foram utilizadas para convencer os indivíduos sobre a necessidade de viajar, de conhecer outros lugares e outras culturas. Adyr Rodrigues afirma que:

A necessidade de informação e o acesso à cultura justificarão agressivas campanhas da mídia enaltecendo o papel do desenvolvimento cultural proporcionado pelo turismo. A generalização da necessidade imperiosa de ampliação dos horizontes, do acesso a novas experiências para o enriquecimento pessoal se acentuará como maior instrumentalização para a acirrada competição no mercado de trabalho e também como motivo de satisfação individual.⁴²

⁴⁰De acordo com Rita de Cássia Cruz, (2007, p.30): No que tange à atividade econômica do turismo, isso é levado às últimas consequências por agentes de mercado, mas também pelo Estado, pois o que se vende no turismo não são apenas intangibilidades relacionadas ao consumo turístico, como diárias de hotel e serviços de um modo geral. O que se vende e o que se consome no turismo é, ao fim e ao cabo, o espaço, os lugares naquilo que eles são, com toda sua complexidade.

⁴¹Segundo Kotler, 2012, p.4: "Os consumidores de hoje são bem informados e podem facilmente comparar várias ofertas de produtos semelhantes. O valor do produto é definido pelo cliente. As preferências dos consumidores são muitíssimo variadas. O profissional de marketing precisa segmentar o mercado e desenvolver um produto superior para um mercado-alvo específico. [...] Os profissionais de marketing de hoje tentam chegar ao coração e à mente do consumidor. Infelizmente, a abordagem centrada no consumidor pressupõe implicitamente que os clientes sejam alvo passivo das campanhas de marketing."

⁴²RODRIGUES, Adyr Balastrieri. Turismo e espaço: rumo a um conhecimento transdisciplinar. 3ª edição. São Paulo: Hucitec, 2001, p.20.

A palavra necessidade traz consigo o caráter do que se é inevitável, por exemplo, as necessidades fisiológicas de beber água, comer, dormir. Então, que necessidade seria essa de sair do seu local de origem para um local desconhecido? Porque é inevitável essa vontade, desejo e/ou sonho de deslocar-se, mesmo que temporariamente? Segundo Romero (1977, p.89) apud Rodrigues:

As teorias que explicam os deslocamentos humanos sustentam que estes se realizam em razão direta de suas necessidades e desejos e em razão inversa às limitações de sua liberdade. O homem é um viajante por natureza, uma vez que suas necessidades e desejos estão fora de si mesmo. Viajar autenticamente é partir do conhecido ao desconhecido, de dentro para fora, do interior de si mesmo para o interior do outro.⁴³

Essa colocação acima é extremamente contundente quando nota-se a preocupação do autor com a profundidade do significado de viajar para os seres humanos. Krippendorf⁴⁴ ilustra ainda mais tal profundidade quando diz: “O lazer e, sobretudo, as viagens pintam manchas coloridas na tela cinzenta da nossa existência. Eles devem reconstituir, recriar o homem, curar e sustentar o corpo e a alma, proporcionar uma fonte de forças vitais e trazer um sentido à vida.”. Deslocar-se de si mesmo para o interior do outro, o que seria isso? E que movimento é esse capaz de amenizar as limitações de liberdade?

De fato, é possível pensar em viagens que se tornam reveladoras, transgressoras, libertadoras para nós mesmos através dos conhecimentos, práticas e sabedorias envolvidas nesse processo do desconhecido, do deslocamento do local de origem. Lidar, compreender e envolver-se na cultura do outro, no espaço do outro, na forma de viver e ver a vida do outro e se colocar na condição do outro são, muitas vezes, um movimento de grandes reflexões, de ajustes consigo mesmo, de mudanças de hábitos, de rotina, de pensamentos, de deslocamento de si para com o outro. Krippendorf aborda essa perspectiva:

Talvez as férias e o lazer experimentados longe de casa possam transformar-se realmente num campo de aprendizado e experiências, e não ser apenas uma fuga do cotidiano e dos

⁴³RODRIGUES, 2001, p. 27.

⁴⁴KRIPPENDORF, 2009, p.34.

problemas, mas também uma oportunidade de enriquecimento interior, de exercer a liberdade, a compreensão mútua e a solidariedade, e de poder descobrir um pouco de tudo isso no cotidiano.⁴⁵

Esses alcances e sensações citados acima são muito particulares de um indivíduo para o outro, o que pode ser revelador para um, para o outro pode ser insignificante. As percepções de mundo de cada indivíduo são sentidas de acordo com as experiências e por isso são particulares. Para Yi-Fu Tuan⁴⁶ “A experiência é um termo que abrange diferentes maneiras através das quais uma pessoa conhece e constrói a realidade”.

Contudo, a tendência de que os fluxos turísticos estejam sempre em alta é muito grande, tendo em vista que o consumo de viagens cresce a cada dia. Independente da satisfação ou insatisfação provocada pelo ato de viajar, sempre haverá inúmeras motivações para continuar viajando e buscando por novos lugares, paisagens, pessoas e culturas ou até mesmo uma busca que seja simplesmente para sair da rotina e descansar dos centros urbanos. Não é preciso fazer grandes esforços para fluir a imaginação e desejos, pois a mídia e o marketing se ocupam disso. E nesse contexto:

O turismo moderno tornou-se um dos fenômenos mais notáveis e singulares da nossa época. Para descobrir sua natureza, é necessário tentar compreender como se conectam os elementos, quais são as causas e os efeitos, os desejos e as realidades. Devemos, antes de mais nada, dominar o mecanismo de seu funcionamento, antes de determinar os meios de controlá-lo, modificá-lo e aperfeiçoá-lo.⁴⁷

A complexidade da atividade turística configura essa credibilidade em entendê-la como um fenômeno e talvez seja nesse sentido que tantos autores se referem ao turismo desta forma. Além das questões econômicas, sociais, políticas e ambientais estarem sempre envolvidas nessa atividade mundial, o ato de “turistar” e de viajar se refletem nos conceitos de ludicidade⁴⁸, utopia e fantasia. Para tanto, o turismo extrapola as questões materiais/físicas e se aproxima dos elementos íntimos e inerentes ao humano: emoção, sonhos, desejos, vontades e imaginação. É o comportamento do

⁴⁵KRIPPENDORF, 2009, p.19.

⁴⁶TUAN, Yi-fu. Espaço e Lugar. São Paulo, Difel. 1983, p.9.

⁴⁷KRIPPENDORF, 2009, p.18.

⁴⁸Importante conceituar ludicidade como uma possibilidade de expressão do sujeito criador, que se torna capaz de dar significados à sua existência, (re)significar e transformar o mundo. (GOMES, 2011, p.34).

humano diante a atividade turística que revela tamanho fascínio e espanto nas últimas décadas.

Portanto, relatar o turismo como um fenômeno é uma opção, que inclusive, acredito ser coerente, mas prefiro apoiar no turismo como parte dos processos da sociedade, dinâmicas sociais que se desenvolvem de maneira própria, única e não totalmente compreendida. E pensando nisso, o próximo tópico discutirá o crescimento desenfreado da atividade turística a partir da década 1980, configurando a atividade como uma necessidade da sociedade moderna, sendo visto, muitas vezes, como apenas um produto de mercado.

1.1 Turismo como necessidade da sociedade moderna

Desde a década de 1980 o turismo é visto como uma forma de distanciamento do dia-a-dia estressante do sistema de produção. “A viagem tornou-se uma obrigação e, nos dias atuais, com o incremento do turismo de massa e do turismo social, subsidiado em alguns países, quase todas as camadas sociais da população têm acesso à viagem” afirma Rodrigues⁴⁹. As pessoas, especialmente aquelas que vivem em grandes cidades, precisam de mais tempo livre para se recuperar do cansaço provocado pelos trabalhos, muitas vezes, executados sem satisfação.

Dessa maneira, o turismo passa a ser essencial na manutenção do sistema econômico, pois as viagens possibilitam a recuperação da mão de obra. A motivação para viajar passou a transcender a espontaneidade de conhecer lugares e pessoas. Para Krippendorf:

Todo esse sistema organiza-se numa espécie de alternância que poderíamos chamar de ciclo de reconstituição do ser humano na sociedade industrial: viajamos para recarregar as baterias, para reconstituir as forças físicas e nesse sentido, as pessoas viajam porque não se sentem mais à vontade onde se encontram, seja nos locais de trabalho, seja onde moram. Sentem necessidade urgente de se desfazer temporariamente da rotina. Durante as viagens, consomem o clima, a natureza e a paisagem, a cultura e os seres humanos das regiões visitadas.⁵⁰

Ao falar sobre a necessidade do humano “recarregar as baterias” é muito comum identificar esse processo a momentos de descanso, ócio, diversão, ludicidade, prazer e

⁴⁹RODRIGUES, 2001, p.39.

⁵⁰KRIPPENDORF, 2001, p.15.

liberdade. De imediato, pode-se associar a proximidade com a natureza e/ou com o desconhecido como um dos caminhos para alcançar essa recarga de energias. Portanto, esses espaços de potencialidades turísticas ou mesmo os espaços produzidos⁵¹ para o turismo se tornam opções para se desfrutar de tempo livre na expectativa de satisfazer esses desejos.

Nessa lógica da produção capitalista, a atividade turística tende a se aproximar das características básicas do consumo de massa, transformando a prática desta atividade em produto de um mercado que oferece serviços, equipamentos e atrativos turísticos para atender a um grande número de pessoas ansiosas para saírem da rotina. Esse consumo se estendeu a praticamente todas as camadas sociais, devido às inúmeras possibilidades que a atividade oferta, desde os valores mais baixos até os valores mais elevados conforme as localidades e atrações escolhidas. Luiz Trigo ressalta que a partir da década de 1980:

A diversão tornou-se cada vez mais importante no cotidiano das pessoas. O lazer já não era um privilégio da aristocracia bem-nascida ou da burguesia milionária. Uma nova economia e uma nova cultura permitiam que as massas tivessem acesso a algum tipo de prazer, real ou virtual, ou até mesmo a um simulacro de prazer.⁵²

E como uma das consequências de toda essa necessidade de consumir atividades ligadas ao lazer, incluindo o turismo, Rodrigues (2001) aponta a produção de novos espaços como expressão da globalização, espaços totalmente artificiais⁵³, onde a natureza não desempenha nenhum papel, podendo ser recriada. O capitalismo vem transformando localidades em destinos turísticos, como uma fábrica de lugares a se vender, produzindo destinos turísticos que negam⁵⁴ o próprio local. Nesse caso, o turista

⁵¹Rita de Cássia Cruz, 2007, p.21 afirma: [...] é notório reconhecer que a atividade do turismo tem uma inquestionável capacidade de transformar os lugares em função de seus interesses, não raras vezes escusos e estranhos aos locais dos quais se apropria.

⁵²TRIGO, Luiz Gonzaga Godoi. A sociedade pós-industrial e o profissional em turismo. Campinas, SP: Papirus, 1998, p.150.

⁵³ Para Rita de Cássia Cruz, 2007, p.21: Não são poucos os exemplos, pelo mundo, de porções de espaço relacionadas a um uso turístico, visivelmente apartadas do contexto espacial em que se inserem, tanto por sua arquitetura dominante como pela fragilidade das relações que tecem com seu entorno imediato.

⁵⁴Aqui, a negação se refere aos saberes, práticas e conhecimentos locais. Não existe preocupação, em muitos casos, de preservá-los.

viaja sem acrescentar quase nada à sua experiência pessoal, como por exemplo, nos resorts⁵⁵. E o autor acrescenta:

Tudo parece ter sido meticulosamente arquitetado com séculos de antecipação. Cria-se a fábrica, cria-se a metrópole, cria-se o estresse urbano, cria-se a necessidade do retorno à natureza. Onde não há natureza, ela é fabricada, como em vários projetos turísticos de Orlando, na Flórida.⁵⁶

É importante considerar que a atividade “ganhou” o caráter de retorno à natureza, lazer e descanso e que, muitas vezes, as pessoas viajam com expectativas de se recompoem, principalmente, no sentido de esvaziar a mente. Mas a realidade é que não se deve deixar de considerar a possibilidade de viajar e quando retornar a rotina estar com a mente cansada e com problemas acumulados para serem resolvidos.

Brevemente, considero relevante explicitar que as campanhas de marketing são de muitas formas, as responsáveis por trabalharem com o conceito de que o tempo livre (férias, feriados, finais de semana) proporciona uma leveza diante as dificuldades do dia a dia. É como se os problemas de cada indivíduo pudessem ser resolvidos, esquecidos ou minimizados ao vivenciar atividades turísticas. São diversas manipulações midiáticas realizadas a partir da atividade turística, vendendo um conceito de turismo deturpado e superficial, até porque hoje o turismo representa sinônimo de status e de poder. E então, as pessoas criam expectativas influenciadas por conceitos totalmente mercadológicos e manipulados e aumentam a probabilidade de se frustrarem. Santos e Ruffino alertam que:

A percepção depende e é permanentemente influenciada por variáveis objetivas e subjetivas que interferem na interpretação de nossos sentidos, de tal modo que essa variação pode ocorrer, inclusive, com uma mesma pessoa, ao viver uma situação semelhante, em dois momentos distintos.⁵⁷

Como dito pelos autores, são muitas variáveis entre percepções objetivas e subjetivas diante de uma situação que pode ser vivida mais de uma vez pelo mesmo

⁵⁵Segundo Tavares e Silveira da Rosa: "Os resorts podem ser definidos como hotéis de lazer, situados fora dos centros urbanos, em locais que tenham alguma forma de atrativo natural, e que sejam autocontidos. A última expressão significa que esses hotéis devem oferecer aos hóspedes serviços diversificados, de modo a estimulá-los a permanecer no hotel a maior parte do tempo."

⁵⁶RODRIGUES, 2001, p. 30.

⁵⁷SANTOS, S.A.M; RUFFINO, P.H.P et al. Cadernos do CESCAR - Educação Ambiental – Bacias Hidrográficas: Maquete, Visitas a Campo e Percepção Ambiental. Segundo Caderno. 2011, p.32.

indivíduo. Por exemplo, uma pessoa viaja para um destino turístico e vive uma excelente experiência e, então, ela decide voltar ao mesmo destino já com expectativas de que viverá boas experiências novamente. Entretanto, o próprio contexto de vida da pessoa pode ter sofrido alterações com o tempo, ou seja, as pessoas mudam e as circunstâncias também mudam. A percepção vai sofrendo alterações a todo instante, de maneira positiva ou negativa e isso influencia nas escolhas de consumo, incluindo o consumo das atividades de lazer.

Porém, uma percepção indesejada, frustrada ou uma má experiência vivida em um contexto de viagem dificilmente se torna um impeditivo para viajar novamente. O desejo de não retornar em um determinado lugar pode ocorrer, mas ainda assim não inibe o desejo de se deslocar para outros destinos. As possibilidades de destinos são infinitas e trazem novidades aos consumidores diariamente. Assim, o ciclo de viagens é vicioso e contínuo. Rita de Cássia Cruz, explica que:

Movidos por negócios, paixões, laços familiares, ou qualquer que seja a motivação de viagem, fluxos de turistas desenham um emaranhado de linhas sobre o território, difícil de ser decifrado. Em uma extremidade de cada linha, um lugar emissor. Na outra, um lugar receptor. Um desafio de método que se coloca deriva do fato de que todo lugar poder ser teoricamente emissor e receptor, inclusive simultaneamente.⁵⁸

A disponibilidade de tempo e recursos gera no humano uma busca constante por novas e boas experiências, — além das questões que envolvem os status sociais. Existe, por exemplo, uma necessidade de compartilhar fotos, vídeos e conversas de uma viagem com o outro. Independentemente do que signifique tal compartilhamento, cada vez mais as viagens são o centro das atenções de uma mesa de amigos, de pessoas conhecidas ou de relações impessoais. Não importa a ocasião, sempre há motivo suficiente para contar as experiências vividas em um destino turístico.

A necessidade constante de sair do cotidiano e buscar o novo reflete em um consumo desordenado dos espaços que se apontam como destinos turísticos— principalmente, os destinos de massa. Os demais serviços que circundam esta atividade também trazem consequências que são refletidas no meio ambiente, na sociedade receptora, na política e na economia do local. Para toda e qualquer localidade existe um

⁵⁸CRUZ, Rita de Cássia Ariza. Geografias do turismo: de lugares a pseudo-lugares. São Paulo: Roca, 2007. p.32.

limite de sua capacidade de carga. E controlar esse limite é o grande desafio, principalmente, para os órgãos públicos, como as prefeituras e respectivas secretarias de turismo.

A atividade turística vai muito além do ato de comprar e consumir, especialmente, quando se trata de investigar e delimitar a capacidade de cada destino receptor, incluindo as logísticas de transporte, hospedagem e alimentação. E ainda ser fiel as logísticas básicas referente ao abastecimento de água e de energia elétrica, as condições de saneamento e a capacidade de produção e recolhimento de lixo. Marcelo Faria alerta que:

A fluidez imposta pelo grande capital ao espaço faz com que os diversos lugares estejam subordinados a uma lógica estranha às suas sociedades e aos seus limites naturais de exploração de riquezas. Como tal movimento raramente respeita as limitações sociais ou naturais dos lugares, ela se impõe com violência às sociedades e ao meio sem que possa ser acompanhada na sua demanda por velocidade.⁵⁹

Para tanto, se a fluidez imposta pelo grande capital continuar subordinando os espaços e se o planejamento turístico não for executado, compromete-se o meio ambiente, as culturas, os saberes e práticas locais. O lugar deixa de possuir referência e passa a se enquadrar aos movimentos hegemônicos, refletindo em um padrão de comportamentos e de serviços disponíveis aos turistas. As perdas são significativas diante aos elementos naturais e sociais.

Nesse sentido, é de extrema relevância que as populações receptoras estejam ligadas a atividade turística de uma maneira participativa. Ou seja, o governo local precisa identificar benefícios para todos os habitantes pertencentes a localidade e permitir que os mesmos se envolvam com as decisões referentes ao fluxo de turistas e os demais serviços que serão oferecidos na região, no intuito da própria população contribuir para preservar e conservar o patrimônio existente para gerações futuras. E mais do que isso, não permitir que grandes empresas estrangeiras manipulem todo o mercado de hospedagem e atrativos da localidade, por exemplo. Ruschmann ressalta que:

⁵⁹FARIA, Marcelo de Oliveira. O mundo globalizado e a questão ambiental. In: NEIMAN, Zysman (org.). Meio ambiente, educação e ecoturismo. Barueri, SP: Manole, 2002, p.5.

As consequências do grande afluxo de pessoas nesses ambientes — extremamente sensíveis — fazem com que o planejamento dos espaços, dos equipamentos e das atividades turísticas se apresente como fundamental para evitar os danos sobre os meios visitados e manter a atratividade dos recursos para as gerações futuras.⁶⁰

Nesse sentido, o planejamento turístico inclui as questões políticas, econômicas, ambientais, estruturais e sociais dos locais receptores. E infelizmente, o consumidor final não tem dimensão da complexidade da atividade e de todas as responsabilidades envolvidas. Da mesma forma que se adquire um produto em uma prateleira de loja, se adquire uma viagem pela internet ou agência. A lógica do capital continuará influenciando o comportamento das pessoas, induzindo ao consumo de viagens. E, sem querer generalizar todos os consumidores, é preciso considerar que a grande maioria não se preocupa com a procedência de uma mercadoria, assim como não se preocupa com o meio ambiente, os patrimônios culturais e sociais. Ainda sob o olhar de Ruschmann:

A falta de “cultura turística” dos visitantes faz com que eles se comportem de forma alienada em relação ao meio que visitam —acreditam que não tem nenhuma responsabilidade na preservação da natureza e na originalidade das destinações. Entendem que seu tempo livre é sagrado, que tem direito ao uso daquilo pelo qual pagaram e que, além disso, permanecem pouco tempo —insuficiente, no seu entender, para agredir o meio natural.⁶¹

Com todos os cuidados, proponho uma ressalva: o respeito pelos destinos turísticos não deve incluir apenas as questões que envolvem o meio ambiente. Mas é evidente que o meio ambiente é o grande destaque de preocupação, tendo em vista que é a degradação mais perceptível. Não somente nos locais conhecidos como destinos turísticos, mas em escala global se percebe a ação do humano na exploração dos recursos naturais. Faria explica que: "A natureza aparece cada vez mais como forma ideal de equilíbrio, uma espécie de paraíso para o qual os seres humanos representam uma grande ameaça, pois não fazendo parte de sua dinâmica, suas ações são sempre de construção de desequilíbrios, de decomposição da ordem."⁶² Considerando especialmente a atividade turística, a falta de consciência crítica vai além do desrespeito

⁶⁰RUSCHMANN, Doris van de Meene. Turismo e planejamento sustentável: a proteção do meio ambiente. Campinas, SP. Papyrus, 1997, p.9.

⁶¹RUSCHMANN, 1997, p. 23.

⁶²FARIA, 2002, p.7.

com o meio ambiente e alcança o desrespeito com o outro, com o espaço do outro e até mesmo com a cultura do outro.

O turismo, nessa perspectiva mercadológica, sendo visto como um produto, colabora para a desordem social, gerando grandes preocupações com as populações receptoras, principalmente, em localidades que a atividade é a principal fonte geradora de receitas. A partir do momento em que uma população depende do turismo para viver/sobreviver, ela passa a aceitar toda e qualquer exploração material, natural e social. Um exemplo clássico dessa situação é o aumento de prostituição e o aumento de consumo de drogas, provocando um aumento de violência e insegurança. As consequências são graves e afetam toda a sociedade, mas principalmente as pessoas menos favorecidas.

E aqui, mais uma vez: *turismo para quem?*

Quem são os verdadeiros beneficiados com a atividade turística? Até que ponto ser um destino turístico consolidado é um benefício para a população local? E o consumo desordenado do espaço, tem solução?

As estatísticas registram o crescimento da indústria do turismo todos os anos, trazendo as comparações com os anos anteriores. A atividade é reflexo de uma boa porcentagem do produto interno bruto (PIB) mundial e por esse motivo sua visibilidade aumenta em termos de mercado. E então, voltamos na perspectiva de Milton Santos quando ele diz que o sistema econômico vigente transformou os espaços em territórios de mercado. Aqui, o grande objetivo é provocar reflexões, assim como faz o autor Enrique Leff ao demonstrar sua apreensão com os tempos futuros:

A racionalidade teórica e instrumental constitutiva da modernidade e sua expressão através dos seus valores, seus códigos de conduta, seus princípios epistemológicos e sua lógica produtiva geraram a destruição da base de recursos naturais e das condições de sustentabilidade da civilização humana. Isto desencadeou desequilíbrios ecológicos em escala planetária, a destruição da diversidade biótica e cultural, a perda de práticas de valores culturais, o empobrecimento de uma população crescente e a degradação da qualidade de vida das maiorias. Esta crise do crescimento econômico leva a fundar um desenvolvimento alternativo sobre outros valores éticos, outros princípios de produção e outros sentidos societários, sem os quais a vida humana não será sustentável.⁶³

⁶³LEFF, Enrique. Saber ambiental: sustentabilidade, racionalidade, complexidade, poder. 7.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009, p.84.

Nesse viés, não apenas as questões ambientais o preocupam, o autor destaca as perdas de valores culturais que remetem aos valores sociais, educacionais e até mesmo antropológicos, além de questionar o que chamamos de modernidade. Desprezar o turismo neste contexto é desprezar que o turismo atinge diretamente as localidades visitadas, podendo inclusive afetar o cotidiano das pessoas, assim como interferir na produção e conservação da cultura local devido às influências do desconhecido, dos investidores e dos próprios turistas. E ainda, pode apresentar-se de forma interessada em conservar e restaurar os recursos locais, físicos e humanos ou contribuir para devastá-los e explorá-los. Portanto, como desprezar a formação humana, intelectual e profissional dos turismólogos?

A visibilidade alcançada pela atividade turística nos últimos tempos foi capaz de despertar a necessidade de estudá-la. A partir do momento em que a atividade atinge diretamente o sistema econômico positivamente, o mercado passa a demandar profissionais para trabalhar na área. Inúmeras discussões para compreender em qual área do conhecimento o turismo deveria adentrar foram realizadas justamente por sua complexidade. É preciso reconhecer que o turismo abrange áreas distintas como, por exemplo: administração, arquitetura, antropologia, sociologia, geografia, ciências políticas, ciências sociais e até mesmo a biologia e geologia.

Nesse sentido, o turismo foi inserido na ciência⁶⁴ moderna a partir das perspectivas das ciências humanas. Os desenhos de cursos de graduação e cursos técnicos foram surgindo no Brasil rapidamente desde a década de 1970, o que demonstra quanto é recente a presença do turismo nas universidades brasileiras. Importante pontuar que inicialmente a grande preocupação com a formação de profissionais na área do turismo se dava pelas redes hoteleiras, redes de transportes e agências operadoras.

Mais adiante, a proporção da atividade turística ocupa esse lugar de necessidade da sociedade moderna e passa a movimentar desde setores econômicos mundiais até setores administrativos locais. A atenção dirigida para o crescimento do turismo de forma desordenada e indesejada estimula uma preocupação com as questões ambientais, sociais e culturais e, conseqüentemente, as preocupações se estendem à formação de profissionais que atuam na área. A qualidade da formação profissional vai interferir em

⁶⁴Aqui, não pretendo discutir se o turismo é uma ciência. Acredito que a epistemologia do turismo está em construção, mas reconheço que a presença do turismo nas universidades cresceu pontualmente desde a década de 1970.

uma cadeia de ações positivas ou negativas, conforme o ponto de vista e os interesses dos envolvidos.

Contudo, o papel da universidade merece ser questionado, uma vez que a formação profissional para o turismo precisa ir muito além das demandas do mercado. A sensibilidade para lidar com o contexto turístico, principalmente, no que se refere ao consumo desordenado do espaço, dos recursos naturais e das pessoas requer atenção especial do ensino superior. A inquietação apresentada nos próximos capítulos é fruto do apego por uma formação mais humanizada e não há nenhuma intenção de esgotar o assunto. Para tanto, além de polemizar o papel da universidade e do ensino superior, também discuto brevemente as práticas pedagógicas neste cenário e a inserção dos *trabalhos de campo* para a formação de turismólogos.

2. Repensando a universidade: deslocamentos para a produção do saber turístico

Movimentar-se em direção ao conhecimento é debruçar sobre um mundo despertador de ideias, de criações, questionamentos e conclusões, reconhecendo facilidades e dificuldades e identificando preferências nas ações. Os processos educacionais que se desenvolvem nas fases da vida de um humano são extremamente reveladores e valorosos, independentes da cultura, saberes e costumes em que se está inserido.

É óbvio que as atividades que envolvem uma universidade estão diretamente ligadas às produções científicas, culturais, de saberes e de conhecimentos da sociedade como um todo. E sendo tamanhas as atribuições às universidades, elas representam o que se propõe? Como compreender o papel da universidade?

Para Isaura Belloni⁶⁵: "A função da universidade é apenas uma: gerar saber.". E sob o ponto de vista de Marilena Chauí⁶⁶: "Ora, a universidade é uma instituição social. Isso significa que ela realiza e exprime de modo determinado a sociedade de que é e faz parte. Não é uma realidade separada e sim uma expressão historicamente determinada de uma sociedade determinada.". Vejo sentido em ambas as definições. De que saber a autora Belloni está se referindo? E quanto à instituição social, que caráter isso confere a universidade, segundo Chauí? Primeiramente:

A universidade tem a função de gerar saber que seja ao mesmo tempo voltado para o avanço da fronteira da ciência, da arte, da cultura, e voltado também para o encaminhamento da solução dos problemas atuais e prementes dos grupos sociais majoritários. Isto é, de um lado, o compromisso é com a humanidade como um todo, sem restrição temporal ou espacial; de outro lado, o compromisso é com questões imediatas, com situações específicas. De um lado, um compromisso com o futuro, no qual o presente e o passado são apenas instrumentos propulsores para sua efetivação. De outro, um compromisso com o presente, a partir do qual o futuro será engendrado.⁶⁷

Aqui, fica explícito que o saber produzido deve trazer o comprometimento com a sociedade em que a universidade está inserida, assim como com a humanidade como um todo. Para tanto, um saber produzido em determinada universidade/sociedade pode

⁶⁵BELLONI, Isaura. Função da universidade: notas para reflexão. In: Universidade e educação/ Zaia Brandão, Mirian Jorge Warde, Octávio Ianni, e outros. Campinas, SP: Papirus: Cedes; São Paulo. Anped, 1992, p.73.

⁶⁶CHAUÍ, Marilena de Souza. Escrito sobre a universidade. São Paulo: Editora UNESP, 2001, p.35.

⁶⁷BELLONI, 1992, p. 73.

apresentar-se benéfico⁶⁸ para a humanidade, podendo ser transportado a diversas localidades no mundo. E Belloni vai além, quando propõe:

Um saber comprometido com a **verdade** porque ela é a base de construção do conhecimento. Um saber comprometido com a **justiça** porque ela é a base das relações entre os humanos. Um saber comprometido com a **beleza** porque ela possibilita a expressão da emoção e do prazer, sem o que a racionalidade reduz o humano a apenas uma de suas possibilidades. Um saber comprometido com a **igualdade** porque ela é a base da estrutura social e inerente à condição humana.⁶⁹

Valores. Mais do que produzir o saber, é produzir o saber baseado em valores humanísticos. Verdade, justiça, beleza e igualdade. Essa proposta da autora reflete não somente aos saberes produzidos nas universidades, mas também aos saberes produzidos nos processos educacionais como um todo.

E quando se trata de pensar na universidade como instituição social, automaticamente se lida com uma forma de organização da sociedade através de regras e procedimentos reconhecidos pela própria sociedade. Assim como as instituições de ensino, também se tem as instituições econômicas, políticas, jurídicas e religiosas que possuem esse caráter social. Chauí explica o posicionamento social à que se refere na citação exposta anteriormente quando diz:

A universidade sempre foi uma instituição social, isto é, uma ação social, uma prática social fundada no reconhecimento público de sua legitimidade e de suas atribuições, num princípio de diferenciação, que lhe confere autonomia perante outras instituições sociais e estruturada por ordenamentos, regras, normas e valores de reconhecimento e legitimidade internos a ela.⁷⁰

Nesse viés, o papel da universidade é produzir, valorizar e democratizar os saberes e o conhecimento, sendo uma instituição que deve prezar pelos valores, melhorias e transformações da sociedade. A universidade não é apenas o local onde se formam profissionais e se fazem pesquisas científicas. A proposta é que ela vá além, sendo um espaço de convívio social, de fazer políticas, de conversações, de produzir

⁶⁸Um exemplo simples para imaginar esse contexto: a criação de uma vacina para prevenir uma doença que alcança grande parte dos continentes, afetando milhares de pessoas. Tal tecnologia para produção da vacina pode ser exportada para diferentes países, trazendo um benefício para a humanidade.

⁶⁹BELLONI, 1992, p. 73.

⁷⁰CHAUÍ, Marilena de Souza. Universidade Operacional. Folha de São Paulo. 1999, n. p.

artes, de comunicações e de inclusões— ao invés de exclusões. Um espaço de todos que a frequentam e de alguma forma, de toda a sociedade.

Para tanto, as universidades brasileiras carecem de grandes mudanças e transformações, principalmente, no que se refere as questões que envolvem a administração, o corpo docente e os próprios estudantes. Infelizmente, o ambiente de formação superior está cada vez mais, promotor de especialização de indivíduos— e é esse ponto que pretendo discutir brevemente. Essa formaçãoespecializadatraz consigo o conhecimento de maneira fragmentada, dividida e desagregada. E para os dias atuais Cristovão Buarque faz uma colocação extremamente contundente:

A realidade exige uma nova postura. Em lugar de teóricos, necessitamos de pensadores. Em lugar de pedreiros com tijolos isolados, o conhecimento exige aventuras arquitetônicas que rompam com o estabelecido. Mas a universidade não facilita esta mudança. Toda a estrutura da carreira acadêmica, todos os constrangimentos são no sentido de priorizar e apoiar os bem-comportados teóricos e ameaçar aqueles que se atrevem a romper os limites predeterminados..⁷¹

A reflexão acima se faz presente em todas as áreas do conhecimento, tendo em vista que, na maioria das vezes, o ensino superior ainda trabalha de forma compartimentada. A interação e a integração entre as áreas do conhecimento representam desafios para os diversos cursos de graduação e pós-graduação. As palavras: multidisciplinar, interdisciplinar e transdisciplinar são utilizadas de formas equivocadas em diversos contextos da educação. Alega-se a necessidade de pensar desde a educação básica até a educação superior com esses conceitos, mas na prática poucas mudanças são notadas.

Articular e integrar os conteúdos são possíveis meios de atingir o objetivo de uma formação acadêmica mais completa, plena e baseada em pensamentos críticos e consistentes. A educação — tanto a básica quanto a superior — precisa ser desenvolvida de uma forma enriquecedora, trazendo benefícios e contribuições para os diversos momentos e fases da vida de um indivíduo. A grande questão que circunda esse contexto: de que adianta a ciência e a técnica se não conseguirem dialogar os conhecimentos com a sabedoria de vida?A educação nas universidades não deve envolver apenas conhecimentos científicos, mas os conhecimentos para a vida como um

⁷¹BUARQUE, Cristovão. A Aventura da Universidade. São Paulo. Editora da Universidade Estadual Paulista; Rio de Janeiro: Paz e Terra: 1994, p.40.

todo, de forma agregadora e de forma que se contribua para o cotidiano das pessoas. O posicionamento de Boaventura Santos é revelador quando afirma que:

Dado que nenhuma forma de conhecimento pode responder por todas as interações possíveis no mundo, todas as formas de conhecimentosão, de diferentes maneiras, incompletas. A incompletude não pode ser erradicada, porque qualquer descrição completa das variedades de saber não incluiria a forma de saber responsável pela própria descrição.⁷²

Dessa forma, a incompletude e a ignorância são essenciais no processo educativo para a construção de um humano humilde e consciente das infinitas interações possíveis no mundo, como cita o autor. Para Rubem Alves⁷³: “Pode ser que as pessoas descubram no fascínio do conhecimento uma boa razão para viver, se elas forem sábias o bastante para isso e puderem suportar a convivência com o erro, o não saber e, sobretudo, se não morrer nelas o permanente encanto com o universo.”. As limitações do conhecimento se refletem nas limitações da vida, nas limitações de cada humano. É preciso estar atento para uma supervalorização da ciência, principalmente, o que se considera como ciência moderna. Ainda com o olhar de Boaventura Santos:

A ciência não descobre, cria, e o ato criativo protagonizado por cada cientista e pela comunidade científica no seu conjunto tem de se conhecer intimamente antes que conheça o que com ele se conhece do real. [...] A ciência moderna não é a única explicação possível da realidade e não há sequer qualquer razão científica para a considerar melhor que as explicações alternativas da metafísica, da astrologia, da religião, da arte ou da poesia. A razão por que privilegiamos hoje uma forma de conhecimento assente na previsão e no controle dos fenômenos nada tem de científico. É um juízo de valor.⁷⁴

Os questionamentos que envolvem a ciência são, muitas vezes, vistos como uma fuga para não se fazer “ciência”. Mas, esse processo de “não fazer ciência” seria o processo de fazer arte? Até quando a arte e a ciência não poderão caminhar juntas? Porque tantas dicotomias, tantas divisões do conhecimento? Hissa retrata esse cenário fantasioso da ciência como pureza:

⁷²SANTOS, Boaventura S. Para Além do Pensamento Abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes. Novos Estudos/ CEBRAP. São Paulo. 2007. n. p.

⁷³ALVES, Rubem. Do universo à jabuticaba. 3 ed. Ed: Planeta do Brasil. 2015, p.19.

⁷⁴SANTOS, Boaventura S. Um discurso sobre as ciências. 5ª Ed. São Paulo: Cortez, 2008, p.83.

Como conceber a existência de algo puro - qualquer coisa, objeto, ser -, que não se faça através de relações e, sobretudo, que não exista em decorrência da própria presença, em si, da mistura? Como conceber algo que, para existir, basta si próprio, completo, total, absoluto? Puro: inocente, tal como a própria ideia de pureza, como a imagem daquilo que não se mistura, daquilo que não seja feito do próprio hibridismo e das mais variadas relações. O puro seria o que não se contamina, que se previne do contágio, o imaculado, o correto, verdadeiro e vernáculo. O puro opõe-se ao que se corrompe pela mistura. O que poderá ser puro? Existirá a ciência como ela se imagina pura? Feita exclusivamente de razão que, também, é concebida em sua pureza?⁷⁵

As passagens de Boaventura de Souza Santos e de Cássio Eduardo Viana Hissa reforçam, mais uma vez, a super valorização da ciência, no sentido de sua superioridade aos demais conhecimentos, práticas e saberes que circundam o mundo, as culturas, as pessoas, a vida. O conhecimento, de maneira geral, não pode ser pautado e classificado dentro de regras científicas. O conhecimento vai além, quando se entende que ele é a representatividade dos processos de criação, da criatividade do humano. A criatividade move o humano.

Assim sendo, a criatividade é a dona da arte, dona da ciência, dona dos saberes, dona das práticas e dos conhecimentos. Como conceber sentido para a vida se não houver a criatividade, ou seja, o processo de criação? A discussão é mais profunda do que apenas essa indagação, mas representa um ponto de reflexão ao que se pretende com esta pesquisa. O próximo passo consiste em discutir esse processo de criação nas atividades pedagógicas, propostas nos cursos de graduação, principalmente, nos cursos de turismo.

2.1 A prática pedagógica: trabalho de campo

As práticas pedagógicas podem ser compreendidas, de maneira simples, como os diversos meios, métodos e formas que a educação utiliza para alcançar a transmissão do conhecimento desejado. Milhares de educadores — espalhados pelo mundo — possuem uma gama de opções de métodos para ensinar. Mas sabe-se que existem limitações, assim como existem hierarquias. Não basta simplesmente ser um educador criativo e buscar se utilizar de métodos mais atrativos aos estudantes, pois é necessário

⁷⁵HISSA, 2013, p.19.

apoio. Cada instituição de ensino tem suas particularidades, seus padrões e suas proibições. Muitas vezes, o que foge aos padrões é sinônimo de conflito.

Por vários motivos, identifico a necessidade de olhar para a educação escolar e universitária como parte da formação humana, levando em consideração o contexto dos indivíduos — ou seja, o cotidiano e a cultura em que está inserido — ao invés de apenas um ensino de treinamentos, que muitas vezes não faz sentido. Alves⁷⁶ enfatiza:

Educação não é transmissão de uma soma de conhecimentos. Conhecimentos podem ser mortos e inertes: uma carga que se carrega sem saber sua utilidade e sem que ela dê alegria. Educar é ensinar a pensar, isto é, a brincar com os conhecimentos, da mesma forma como se brinca com uma peteca.

Quando o autor se refere ao brincar, logo penso na assimilação das regras da brincadeira e no divertimento em executá-las, descobri-las e até mesmo inventá-las. Pode-se, então, aproximar o contexto de brincar ao contexto de aprender? Porque a educação tende a se apresentar de maneira rígida, obrigatória e sem prazer?

Isabel Carvalho⁷⁷ aponta que: “A educação acontece como parte da ação humana de transformar a natureza em cultura, atribuindo-lhe sentidos, trazendo-a para o campo da compreensão e da experiência humana de estar no mundo e participar da vida.”. Dois termos de extrema importância são utilizados neste trecho: “experiência humana” e “participar da vida”. Os processos educativos possuem tamanha grandeza em despertar curiosidade, inclusive de o indivíduo abrir a mente. Raciocinar em conjunto. Descobrir e redescobrir. Pensar no outro e com o outro. Atuar e mobilizar.

E nesse sentido, está se pensando em transformação. Educação que transforma, trazendo o humano para a vida e inserindo-o como sujeito no mundo. Almejar tal transformação não é nenhum exagero. O ideal é que as transformações ocorram de dentro para fora. Mas às vezes, o processo é inverso, ou seja, o externo também faz parte desse processo, porque ele pode ser o impulsionador para as transformações internas. Esse é o ponto: o caminho escolhido pelo educador. Ou seja, as práticas pedagógicas podem fazer toda diferença.

Para tanto, aqui se pretende dialogar e refletir sobre a prática pedagógica: trabalho de campo. O que é o trabalho de campo? Sabe-se que ele é bem difundido nas

⁷⁶ALVES, Rubem; NASCIMENTO, Edvaldo P.; MENEZES, Marcílio. Ensinar, cantar e aprender. Campinas, SP: Papirus, 2008, p.16.

⁷⁷CARVALHO, Isabel Cristina de Moura. Educação Ambiental – A formação do Sujeito Ecológico. 1 ed. São Paulo: Cortez Editora, 2004, p.77.

distintas áreas do conhecimento. Por quê? Que história é essa de colocar “mão na massa”, testar, comprovar, analisar, perceber, sentir, observar...?

O primeiro ponto é compreender que os estudiosos conceituam *trabalho de campo* como uma metodologia de pesquisa. Por esse motivo, os autores que discutem metodologias para pesquisa científica são os autores que mais abordam o tema *trabalho de campo*. E, de fato, trabalho de campo é um instrumento metodológico muito utilizado para pesquisas científicas, incluindo as pesquisas de mestrado e doutorado.

Definir *trabalho de campo* na perspectiva de instrumento metodológico de pesquisa é tarefa árdua, tendo em vista tamanha complexidade. A maioria dos autores utiliza exemplos de pesquisas vivenciadas por eles próprios para abordar o assunto e trazer as melhores condutas para realizar um trabalho de campo. Além disso, alguns autores defendem o *trabalho de campo* como uma escolha para quem deseja se aproximar do social, da realidade de determinado cotidiano.

A importância dos *trabalhos de campo* como instrumento metodológico para realização de pesquisa científica se faz em todas as áreas do conhecimento, principalmente, para as pesquisas com base qualitativa. O *trabalho de campo* é um instrumento metodológico que se associa a outros instrumentos metodológicos, como por exemplo: pesquisa etnográfica, pesquisa participante, estudo de caso e pesquisa ação. Assim, durante o *trabalho de campo* os pesquisadores dedicarão o seu tempo com as observações, anotações, coleta de dados/documentos, aplicação de questionários, entrevistas semi-estruturadas, grupo focal, fotografias, vídeos e demais recursos necessários para enriquecer e cumprir o objetivo da pesquisa.

Após esse momento de vivenciar o campo, os pesquisadores se engajam em analisar todas as informações e documentos coletados. A construção dos relatórios, das considerações e conclusões sobre determinado tema é o que, muitas vezes, gera mais e mais pesquisas que envolvem mais processos de curiosidade, de desvendar, de descobrir e de aprimorar.

Nesse contexto, a possibilidade de padronizar os *trabalhos de campo* e treinar os pesquisadores que vão para campo é mínima. Isso em função da complexidade e da particularidade de cada *trabalho de campo* voltado para a pesquisa científica. Pois, mesmo que várias pesquisas tenham o mesmo objetivo, o olhar de quem vai executá-las fará toda diferença nos resultados. Cada pesquisador encara o seu *trabalho de campo* de uma forma distinta, porque cada vivência revela reflexões íntimas a cada indivíduo. É possível alertar os pesquisadores sobre como se portarem para entrevistar, por exemplo.

Mas não é possível interferir de forma padronizada na percepção e sensibilidade de cada pesquisador.

Para além do *trabalho de campo* como instrumento metodológico para pesquisas científicas, investigo o *trabalho de campo* como uma prática pedagógica utilizada pelos educadores/professores com os estudantes. Sabe-se que os educadores utilizam o *trabalho de campo* para o ensino básico, mas aqui desejo focar no ensino superior, principalmente, no que tange às graduações da área de ciências humanas. Como pensar no *trabalho de campo* como uma prática pedagógica transformadora?

Como dito anteriormente, a formação superior está especializando os indivíduos cada vez mais. Sabe-se muito sobre um objeto e pouco se sabe sobre o que o circunda. A divisão do conhecimento tem contribuído para a formação compartimentada, onde os estudantes — futuros profissionais — se especializam de tal forma que podem prejudicar a si mesmos e a sociedade como um todo. Além disso, o interesse pelo conhecimento é um ponto questionável sob a ótica de Míriam Langenbach:

As atividades vividas na Universidade são geralmente do tipo que se vincula à sala de aula, com exposições verbais em que os alunos ficam na posição de ouvintes, receptores, comumente passivos e silenciosos, consumidores de um serviço aparentemente pronto que, frequentemente, não parece interessá-los, a não ser como meio de obter o ambicionado e socialmente esperado diploma.⁷⁸

Nessa direção, a autora Langenbach (2002) também faz discussões quanto à dinâmica impessoal da sala de aula e a falta de espaço e tempo para a biodiversidade entendida no sentido psicológico, cultural e social dos estudantes. Ainda ressalta os resultados desfavoráveis para o aprendizado da solidariedade e do espírito coletivo, dificultando a capacidade do estudante em se sentir uma pessoa necessária e responsável a dar respostas a um conjunto social diferenciado, mas que têm objetivos e pontos em comum. Corroborando essas ideias, Antonio Gil enfatiza:

As aulas são importantes para o alcance de muitos dos objetivos cognitivos dos cursos. Elas possibilitam de certa forma cobrir o conteúdo do curso [...]. Mas o que os estudantes são capazes de aprender frequentando as aulas é muito pouco. Além disso, utilizar as aulas principalmente para transmitir informações

⁷⁸LANGENBACH, Míriam. Pequenas ações. Grandes temas. Dinâmica de Grupo Aplicada ao Meio Ambiente. In: ZACARIAS, Rachel (org); PINTO, Vicente Paulo (Org). Educação ambiental em perspectiva. Juiz de Fora, MG: Edições FEME, 2002, p.121.

representa um desperdício detempo precioso e também de oportunidades para uma aprendizagem mais complexa.⁷⁹

Todo esse contexto exposto pelos autores reflete sobre as práticas pedagógicas utilizadas no ensino superior. O primeiro ponto destacável é a postura dos estudantes. Porque os estudantes, no ensino superior, continuam ocupando esse lugar passivo, receptor, ouvinte? Até quando o educador representará a autoridade, nessa relação hierarquizada entre educador e educando, professor e aluno?

Os estudantes quando ingressam no ensino superior trazem consigo uma bagagem de expectativas relacionadas aos sonhos, desejos e vontades projetados pela profissão escolhida. Cada indivíduo com suas particularidades a partir de suas vivências anteriores a universidade possuem algo a contribuir, a questionar, a compartilhar. E, então, queserviço é esse oferecido pelas universidades que ignora tamanho potencial dos estudantes? Porque enquadrar todos os estudantes dentro de um padrão universitário?

O modelo de ensino-aprendizagem do ensino superior não diverge muito do ensino básico, onde os conteúdos são expostos em sala de aula e o estudante terá de assimilar e gravá-los para posteriormente realizar uma prova de conhecimento. Como se pode imaginar o nível de interesse e absorção de conteúdo nessas perspectivas? Esse estado cômodo de ouvinte, não seria uma afronta ao próprio nível intelectual dos estudantes? Os questionamentos são infinitos. E não se tem a intenção de desvalorizar as aulas expositivas, pois, muitas vezes, as mesmas são enriquecedoras e necessárias. O ponto a ser explorado é que as aulas expositivas não devem ser exclusivas às outras inúmeras possibilidades de práticas pedagógicas. Gil aborda esse assunto:

As aulas expositivas são as mais frequentes e o professor de modo geral aprende a ensinar por ensaio e erro. O professor constitui a principal fonte sistemática de informações, e uma das habilidades que mais incentivam nos alunos é a da memorização. A prática mais constante de avaliação da aprendizagem consiste em aplicar provas e dar notas, que com frequência também é usada como meio de estabelecer autoridade em relação ao aluno.⁸⁰

Infelizmente, a sala de aula do ensino superior tornou-se um lugar padronizado, sem cores e impessoal — no que se refere às relações entre estudantes e educadores. O

⁷⁹GIL, 1991, p.198.

⁸⁰GIL, 1991, p.6.

ambiente não é atrativo e a disposição das mesas e cadeiras segue a lógica do ensino básico, o que inviabiliza a interação entre todos. Além disso, muitos educadores constroem as disciplinas na base do medo, estabelecendo uma relação de alta cobrança com os estudantes através das avaliações. Essa pressão provoca um desconforto e preocupação nos estudantes e, conseqüentemente, este se comporta de maneira mais disciplinada. Porém, esse tipo de conduta do educador inibe as expressões e questionamentos dos estudantes e, ainda, aumenta o "medo de errar".

É preciso repensar o espaço configurado como sala de aula, desde a forma padronizada da estrutura física até as relações entre educadores e estudantes. Enquanto as universidades continuarem menosprezando a capacidade criativa dos próprios estudantes e mantendo essa base hierárquica — onde os estudantes não possuem vozes —, o ensino superior deixará a desejar principalmente como formação humana. E nesse ponto, o ideal que se constrói para o papel da universidade, discutido anteriormente, passa a não ser atingido. A universidade se torna uma universidade voltada para o mercado, atendendo demandas do capital — ao invés das demandas sociais.

Contudo, é de extrema urgência assumir que educadores e estudantes, ambos estão envolvidos em um processo de aprendizado. Cada encontro revela um movimento para trocas, para compartilhar, para somar experiências, saberes, conhecimentos e práticas. Mas aqui não me refiro somente aos conteúdos didáticos, e sim a um aprendizado constante para a vida, para o cotidiano. Hissa vai muito além quando afirma:

Antes de tudo, a arte de viver é a de absorver sabedorias, com a paciência do artesão, no tempo do cultivar, no tempo lento de bordar compreensões, no tempo lento de quem espera e, simultaneamente, na rotina de quem fabrica a utopia da presença do mundo em nós e de nós em cada um. É a arte de cultivar o ser. É a arte de se abrir e de se educar para as possibilidades, todas, de diálogo. É a arte de valorizar a vida a partir de valores que negam aqueles que fazem com que a vida se esvaia.⁸¹

Através dessa perspectiva de abrir novos horizontes e diálogos, de “abrir a cabeça”, de quebrar regras, paradigmas e conceitos pré-determinados que a prática pedagógica *trabalho de campo* se apresenta como uma possibilidade transformadora. As vivências proporcionadas por um *trabalho de campo*, apesar de serem diversas e

⁸¹HISSA, 2013, p. 18. Entrenotas: compreensões de pesquisa.

apresentarem incontáveis objetivos — conforme almeja o educador —, são sentidas e percebidas de maneiras únicas a cada estudante. Novamente, Gil contribui quando afirma que:

A maior parte do aprendizado significativo dos alunos ocorre fora da sala de aula. Leitura de livros, jornais e revistas, trabalhos escritos, pesquisa em biblioteca e em laboratório, observação direta de fenômenos, excursões e desempenhos artísticos são atividades desenvolvidas pelos estudantes em outros ambientes, mas essenciais para o aprendizado.⁸²

As atividades externas à sala de aula são fundamentais para dar continuidade ao processo de aprendizado. Além da absorção de conteúdo em sala de aula ser relativamente pequena e exigir certo reforço, releitura e revisão, as atividades desenvolvidas em outros ambientes podem desencadear processos criativos mais expressivos e a própria "comprovação" da teoria é motivadora aos estudantes.

Aqui, depara-se com a prática pedagógica *trabalho de campo* como uma das múltiplas possibilidades de atividades complementares à sala de aula. No ensino superior, mais especificamente nas ciências humanas, o *trabalho de campo* coloca o estudante diante do mundo. O exercício de observar, coletar dados, fazer relatórios e propor soluções, em sua grande maioria, é realizado em equipe, em grupos de estudantes que estão aprendendo a ver o mundo como ele realmente é. As dificuldades encontradas em campo são, muitas vezes, benéficas ao aprendizado das situações que circundam a vida.

Nessa perspectiva, quando um educador propõe um *trabalho de campo* para uma turma do ensino básico ou do ensino superior são numerosos desdobramentos a serem pensados e elaborados previamente. Qual aprendizado a atividade de campo proporcionará aos estudantes? Qual a proposta para realizar o *trabalho de campo* e como conduzi-la? E ainda, quais recursos serão utilizados?

Para exemplificar algumas respostas aos questionamentos acima o primeiro ponto é compreender que o *trabalho de campo* pode ocorrer dentro da própria universidade, assim como no próprio município ou até mesmo no bairro. Não existe a necessidade de grandes deslocamentos para configurar a atividade como um *trabalho de*

⁸²GIL, 1991, p.197.

campo. Muitas vezes, o deslocamento é necessário e muito produtivo, mas isso não exclui as possibilidades dentro das proximidades.

Conforme os conteúdos dos cursos envolvidos nas ciências humanas, cada disciplina vai apresentar um objetivo de aprendizado, podendo utilizar-se do trabalho de campo como um exercício para os estudantes aprenderem a observar, analisar, diferenciar, testar, sentir e, principalmente, praticar os conteúdos teóricos. O contato com o mundo sob a ótica educativa, além de trazer aprendizados didáticos e provocar percepções e mudanças pessoais, também é uma forma de expor ao estudante algumas situações que ele poderá viver após estar formado. Ou seja, em proporções menores, o educador pode proporcionar ao estudante vivências diretamente ligadas às possibilidades futuras de trabalho.

A proposta para um *trabalho de campo* não possui regras. Não existem regras quanto à presença dos educadores nos *trabalhos de campo*, assim como, não existem regras quanto ao tempo que se permanece em campo. Alguns educadores preferem estabelecer todo o escopo de campo e acompanhar os estudantes durante toda a atividade. Enquanto outros educadores vão construir a proposta de campo junto dos estudantes, debatendo os objetivos, os métodos a serem utilizados, o tempo e o lugar. Toda proposta é válida, desde que tenha o objetivo de acrescentar e complementar a vida acadêmica dos estudantes e, conseqüentemente, a vida cotidiana.

Os métodos aplicados ao *trabalho de campo*, em sua grande maioria, procuram interagir com as pessoas através de registros proporcionados por questionários, entrevistas semi-estruturadas, grupos de discussão, grupo focal, histórias de vida, contos e casos, fotografia e filmagens. Além disso, o relatório durante e após o campo contempla a observação do cotidiano, de eventos, de palestras, de lugares específicos como museus, parques ecológicos, igrejas, monumentos antigos, monumentos naturais e outros.

No que se refere aos recursos, é importante definir quem vai assumir os recursos financeiros, pois muitas vezes, as instituições educadoras não dispõem de verba para essas atividades extra-classe. Então, pode haver algum patrocínio ou os próprios estudantes podem se organizar para dividir os custos. Na maioria dos trabalhos de campo esse recurso consiste em organizar o transporte, alimentação, hospedagem, material de pesquisa e participação em eventos. Contudo, como dito anteriormente, existem trabalhos de campo nas proximidades, o que minimiza consideravelmente os custos.

O *trabalho de campo* pode ser desenvolvido em incontáveis formatos, sempre trazendo o propósito de agregar conhecimentos e práticas aos estudantes e podendo ir de encontro à teoria ou desmistificá-la. Junker.⁸³ explica que: "O aprendizado do trabalho de campo, e o desenvolvimento de sua compreensão como ciência aplicada, continua sendo, em alto grau, uma tarefa educativa pessoal."

Quando penso em "tarefa educativa pessoal", logo penso em transformação de si mesmo, penso em transformações do mundo. Mas ao mesmo tempo, que mundo é esse? Como conceituar o mundo? Gosto de pensar que cada humano tem seu próprio mundo, principalmente, se tratando do mundo dos pensamentos e ações. Cada indivíduo constrói sua própria história, seus próprios conceitos, suas próprias escolhas e, neste contexto individual, os processos educativos assumem o papel de contribuir para a construção de conhecimento da realidade.

Contudo, é relevante compreender que esta consciência da realidade e do agir sobre ela é sempre uma combinação de aspectos objetivos (fatos, situações e circunstâncias que se conhecem) com aspectos subjetivos (interpretações, emoções, sentimentos e atitudes), que sobre estes aspectos objetivos se tem (HURTADO, 1993).

A subjetividade está presente na objetividade e vice-versa, tudo é referente a (re)produção do sujeito. Isto reforça a necessidade de (re) construir, analisar e contestar os conhecimentos diante do contexto da produção acadêmica, incluindo os possíveis olhares para a cultura e os sujeitos envolvidos e minimizando tamanhas dicotomias, como mostra Hissa:

O pensamento moderno é bipartido, dicotômico, e o projeto da ciência moderna — que se explicita através das disciplinas científicas — resulta na divisão do todo em partes, construindo a expectativa de que se possa conhecer melhor e de forma mais aprofundada esse todo. Tal projeto é coerente com a leitura cultural produzida pelas sociedades moderno-ocidentais. O de dentro e o de fora; o superior e o inferior; o negro e o branco; o eu e o outro; o cérebro e a mente; a razão e a emoção; a cultura e a natureza; o sujeito e o objeto; o masculino e o feminino; o mundo e a abstração; a concretude e a ficção; a teoria e a prática. As dicotomias, além de culturais, são de natureza política e são fortalecidas pelo pensamento moderno-ocidental feito de fraturas aprofundadas pela ciência moderna.⁸⁴

⁸³JUNKER, BUFORD H. A importância do trabalho de campo: uma introdução às ciências sociais. Rio de Janeiro: Lidador, 1971, p.9.

⁸⁴HISSA, 2013, p.74.

A construção do pensamento da citação acima reflete “acerca de outros caminhos de pensar o mundo, outra compreensão de mundo. [...] Existirá o pensamento sem a experimentação do mundo, o sentir o mundo?”⁸⁵. Então, no contexto das formações acadêmicas, faz-se relevante considerar a presença de atividades que desloquem os estudantes da condição de receptores de informações e conhecimentos e transgrida a participação e interlocuções dos mesmos através da experimentação do mundo.

No próximo tópico essa discussão será levada adiante em um contexto mais específico: a formação dos turismólogos. Embora esta pesquisa tenha desenhado um recorte específico, alguns pensamentos e reflexões podem se aplicar a outras áreas sociais do conhecimento.

2.2 Trabalho de campo para a formação de turismólogos

As reflexões propostas anteriormente acerca da atividade turística, da formação superior pelas universidades brasileiras e da prática pedagógica trabalho de campo foram um caminho desenhado para dar início a uma questão que permanece destacada: é possível formar turismólogos sem sair de sala de aula?

Como é de conhecimento público, a presença do turismo como um curso superior brasileiro é extremamente recente. Apenas a partir da década de 1970 o curso começou a ser estruturado. Portanto, são apenas quarenta e seis anos que o turismo está presente na academia e ainda com muitos outros profissionais ocupando cargos que poderiam prioritariamente ser ocupados por turismólogos.

A primeira faculdade de turismo se deu no bairro do Morumbi em São Paulo. O ministério da educação e cultura, em 1971, autorizou o funcionamento do curso de turismo ministrado pela universidade Mauro Passos, através do parecer n.º 35/71⁸⁶, feito pelo relator conselheiro Roberto Siqueira Santos e aprovado em 28/01/1971, do Conselho Federal de Educação, que fixou o conteúdo mínimo e a duração do curso superior de turismo.

Atualmente, o Brasil conta com vinte⁸⁷ cursos oferecidos nas universidades federais e doze⁸⁸ cursos oferecidos nas universidades estaduais, sendo que todos estes

⁸⁵HISSA, 2013, p.74.

⁸⁶O documento completo encontra-se disponível no endereço eletrônico: <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/cd000699.pdf>>

⁸⁷A relação das universidades federais que ofertam o curso de turismo encontra-se no anexo III.

⁸⁸A relação das universidades estaduais que ofertam o curso de turismo encontra-se no anexo III.

cursos conferem o caráter de bacharelado e são presenciais. O levantamento destes números foi realizado através da pesquisa⁸⁹ em todos os sites de cada universidade federal ou estadual brasileira. Importante salientar que esta oferta foi averiguada apenas nas universidades federais e estaduais, mas também existem os institutos federais e estaduais, os cursos oferecidos por instituições privadas e os cursos oferecidos através da internet, chamados de cursos online semi-presenciais.

Os dados que compõe essa trajetória desde a década de 1970 são de extrema importância e já foram expostos por vários autores, inclusive pelo Luiz Godoi Trigo em sua obra: “A sociedade pós-industrial e o profissional em turismo”⁹⁰ de 1998. Ressalvo que além da trajetória dos cursos de graduação em turismo, os dados que compõe a trajetória dos cursos de pós-graduação e das publicações acadêmicas entre 1970 e 1995, podem ser acessados na obra “Turismo e pesquisa científica”, de Mirian Rejowski⁹¹. Nesse caso, contudo, não busco seguir essa linha de investigação, mas discutir sobre questionamentos, conceitos e paradigmas que rodeiam as práticas pedagógicas nos cursos de turismo do Brasil.

O primeiro ponto a ser debatido: o que se espera de um profissional do turismo? Considerando toda reflexão feita até aqui, percebo uma urgência por profissionais com consciência crítica e livre de preconceitos para lidar com a área do turismo. Isto porque, como dito anteriormente, o sistema econômico vigente reduz a atividade turística a estatísticas financeiras. O que realmente interessa são os lucros, os retornos dos investimentos realizados nas localidades turísticas e duas palavrinhas são destacadas em todos os discursos: renda e emprego.

Para além da consciência crítica, é fundamental que se incentive situações que provoquem a sensibilização para as questões que envolvem o outro, o espaço do outro, a cultura do outro. Nesse caso, a formação superior precisa se comprometer com processos de humanização, ou seja, processos de justiça social. Portanto, muito mais do que um profissional qualificado e competente, hoje se almeja um profissional que seja honesto, que seja justo com as circunstâncias que lhes forem apresentadas, usando de sua sabedoria e sensibilidade para tomar qualquer decisão.

A realidade que se tem hoje, século XXI, é uma verdadeira carência de pessoas sensíveis, honestas, atenciosas e com paciência para entender o mundo do outro. A vida

⁸⁹A lista de todos os sites consultados encontra-se no anexo II.

⁹⁰Conferir na p.105 da obra: “A formação profissional de turismo no Brasil”, de Luiz Godoi Trigo, 1998.

⁹¹Rejowski, Mirian. Turismo e pesquisa científica: pensamento internacional X situação brasileira. Campinas, SP: Papyrus, 1996. — (Coleção turismo)

humana só acontece em sociedade, à dependência do outro é um fato que já foi comprovado por muitas pesquisas. O humano não é auto-suficiente, ele depende do outro. Existe uma necessidade de reformas de valores sociais e de reconhecimento de que o mundo é um mundo diferente para cada humano. São infinitas leituras de mundo, formas de interpretá-lo e vivê-lo. E a educação é um dos caminhos para (re) pensar e refazer conhecimentos, práticas e saberes.

A formação humanizada é um desejo para todas as áreas do conhecimento, principalmente, para as áreas que lidam constantemente com as relações sociais, como é o caso do turismo. Se as universidades continuarem a fazer o que sempre fizeram, os resultados serão sempre similares. A transformação que se faz necessária deve começar dentro de cada humano para crescer o sentimento de transformação com o outro. E assim, as proporções de mudanças serão cada vez maiores. Deslocar o outro de uma situação de comodismo não é uma tarefa simples, mas é possível.

No caso do turismólogo, também se espera as atribuições específicas da área do conhecimento do turismo. Destaco aqui três pontos essenciais: capacidade de desenvolver o planejamento turístico e sua gestão em determinada localidade/região, sensibilidade para as questões socioambientais e realização de programas e pesquisas no âmbito do turismo, incluindo as pesquisas acadêmicas, produção de artigos, livros e eventos como congressos, simpósios, colóquios e outros.

O planejamento turístico é fundamental para investigar os impactos e limites da atividade em determinado espaço. Aqui, é preciso estar atento com a oferta de atrativos e a demanda para poder relativizar as questões que envolvem a população local, buscando identificar os possíveis benefícios e mais do que isso, proporcionar ou reforçar a conservação da cultura, tradições, saberes, práticas, patrimônios materiais e naturais. O envolvimento da população também é um ponto que deve ser incentivado e trabalhado. Além disso, a estrutura básica da localidade precisa ser avaliada em termos de limites para o fluxo turístico. E, ainda, qualquer que seja a localidade, haverá diversidade de interesses e conflitos.

No que se confere para a gestão do planejamento turístico, a sensibilidade com as questões socioambientais serão cruciais para um bom desenvolvimento do planejamento, além de articulações entre poder público e poder privado. A atividade deve ser implementada baseada nos conceitos sustentáveis, mas a inviabilidade para atingir esse objetivo é praticamente generalizada. Portanto, o planejamento deve se comprometer a minimizar o máximo de questões prejudiciais às gerações futuras. E não

somente o poder público e privado devem se comprometer com esse objetivo, mas a sociedade como um todo. Os valores de conservação, preservação e restauração são extremamente importantes e devem ser de conhecimento e envolvimento de todos.

Os programas, eventos e pesquisas na área do turismo contribuem para o avanço da própria atividade, no sentido de fomentar o desenvolvimento do conhecimento na área, revelando resultados, comprovações, inovações e tecnologias que podem beneficiar desde os estudantes até os profissionais e a própria sociedade. As pesquisas são valiosas não somente pelos resultados, mas pelo fato de se aprender com o outro, em conjunto. Aprende-se a investigar, questionar, observar, coletar dados, aprofundar, fazer relatórios e até mesmo propor soluções e respostas.

Para tanto, a formação ideal para um turismólogo vislumbra que o sujeito se sinta inserido no mundo. As teorias propostas por diferentes autores de vários lugares do mundo se baseiam, muitas vezes, em analisar projetos e vivências desfrutados por eles próprios, sejam como turista, como turismólogos ou mesmo em outras perspectivas profissionais: economista, sociólogo, historiador, arquiteto, administrador, antropólogo, geógrafo, ambientalista, biólogo. Cada profissional estabelece associações entre a sua área e o turismo e os estudos revelam conceitos, experiências e olhares que enriquecem a produção do conhecimento, o estado da arte. Ou seja, as teorias são reflexos das experimentações. Experimentações que são as leituras de mundo, vivenciadas com o outro, em diferentes espaços, tempos e sociedades.

Nesse sentido, existe um reconhecimento da relevância de todas as teorias que circundam as diversas áreas do conhecimento. Acontece que o conhecimento é bipartido⁹², ou seja, existe uma divisão implementada entre teoria e prática. Então, a formação profissional de qualidade é aquela que oferta estudos teóricos e estudos práticos. Infelizmente, os autores e estudiosos ainda trabalham com os dois conceitos, valorizando as especificidades de cada um deles de maneira separada. Portanto, a teoria é sempre muito bem-vinda e necessária. Mas se não houver a prática, como exercitar a teoria?

⁹² Por Cássio Hissa, 2013, p.74: "Ao se referir criticamente ao pensamento moderno como bipartido e dicotômico, o que se deseja é refletir acerca de outros caminhos de pensar o mundo; outra compreensão de mundo. Algumas questões que nos fariam, talvez, abordar conceitualmente todas as dicotomias noutros termos: existirá o pensamento sem a experimentação do mundo, o sentir o mundo? Existirá razão sem emoção? Existirá objeto sem sujeito? A concepção teórica do objeto já não incorpora o sujeito? Como conceber teoria e prática autônomas? Poder-se-ia conceber a existência da prática independentemente da existência da teoria?".

Fato é que teoria e prática não deveriam ser conceituadas como opostas uma à outra. A teoria complementa a prática e vice-versa, elas deveriam ser vistas como conceitos correspondentes e interdependentes, ou seja, "[...] a teoria resulta da experimentação do mundo que, por sua vez, permitiria a sua transformação. A construção teórica do discurso já é a prática.", afirma Hissa⁹³.

Portanto, aqui, não se defende a teoria ou a prática. A proposta é priorizar uma formação para os turismólogos que seja capaz de proporcionar ao sujeito o sentimento de pertencimento ao mundo. Que o estudante possa sentir o seu potencial transformador, fazendo de forma crítica a sua própria leitura do mundo e baseando-se em princípios éticos e justos. Nesse sentido, a teoria e a prática caminham de mãos dadas, reconhecendo que os limites entre ambas são inexistentes a partir do momento em que se acredita que o objetivo maior é proporcionar reflexões, conhecimento e autonomia para com o estudante.

Não experimentamos o mundo e a vida apenas através da leitura de palavras. A experimentação do mundo — e a leitura do mundo — se dá com a vida e de variadas formas. Carregamos em nós a experimentação do mundo, que se dá com a existência. Lemos o mundo, também, enquanto o experimentamos. E tal leitura de mundo se dá com maior acuidade quando ela se faz simultaneamente à leitura da palavra.⁹⁴

E neste contexto, o *trabalho de campo* é uma ferramenta muito apreciada para a formação dos turismólogos, considerando as possibilidades para experimentar o mundo. Ir a campo é ir ao encontro do mundo, ir ao encontro das experimentações. A experimentação é inerente ao humano. Vive-se para experimentar⁹⁵, para compreender o mundo diante das próprias experiências. Nossos valores e princípios são baseados a partir do nosso conhecimento e reconhecimento de lugar no mundo, do mundo que está dentro de nós.

As propostas de *trabalho de campo* para a formação de bacharéis em turismo são múltiplas, tendo em vista as inúmeras abordagens possíveis para trabalhar tamanha

⁹³HISSA, 2013, p. 137.

⁹⁴HISSA, 2013, p. 137.

⁹⁵HISSA, 2013, p. 135: "Experimentar o mundo é sentir o mundo, deixar se afetar por ele; e isso se dá nos lugares de existência, ao longo das vidas dos sujeitos. Quando nos referimos, aqui, à experimentação do mundo, enfatizamos vivências que nos poderão incorporar maturidades, saberes, modos de compreender, ouvir, ver, dialogar. A experimentação do mundo nos permite ampliar as nossas compreensões e, de alguma maneira, refinar as possibilidades de pensamento sobre o mundo e, especialmente, no mundo."

complexidade da atividade. Cada curso de bacharelado em turismo vai estabelecer através do projeto pedagógico as bases conceituais que desejam desenvolver com os estudantes. A partir das diretrizes do projeto pedagógico o corpo docente vai definir a estrutura da matriz curricular, estabelecendo quais as disciplinas apresentarão carga horária de atividades de campo.

Porém, é importante reconhecer que as atividades de campo não são exclusivamente as atividades previstas nas grades curriculares com carga horária definida. Muitos docentes incluem atividades nas disciplinas, principalmente trabalhos em grupo, que exigem dos estudantes pesquisarem em locais externos da universidade com recursos que, muitas vezes, são utilizados em *trabalhos de campo*, como as entrevistas, aplicação de questionários, observação, anotações e outros.

Vivenciar o mundo externo à sala de aula com orientação educativa favorece o crescimento de valores sociais — principalmente no que diz respeito à sensibilidade com as questões socioambientais. Aqui, está se pensando em sensibilidade com o modo de viver do outro, com a cultura do outro, com o espaço físico e as necessidades do outro. O desconhecido provoca estranhamento, mas também provoca curiosidade que se desdobra em conhecimento, em experiências e mudanças. A autora Carvalho explica:

A visão socioambiental orienta-se por uma racionalidade complexa e interdisciplinar e pensa o ambiente como um campo de interações entre a cultura, a sociedade e a base física e biológica dos processos vitais, no qual todos os termos dessa relação se modificam dinamicamente e mutuamente.⁹⁶

O *trabalho de campo*, juntamente com as leituras orientadas, viabiliza o exercício interdisciplinar— tão almejado pela educação e tão pouco viabilizado por instituições e docentes. Estar em campo pode significar grandes aprendizados individuais e coletivos, proporcionando uma oportunidade do sujeito se sentir parte do mundo e de dividir o mundo com o outro.

Além disso, o *trabalho de campo* também explora os aprendizados voltados para a investigação, a observação, o contato com o outro e com o meio, a produção de relatórios, artigos e outros. A atividade turística em sua totalidade é dependente do espaço, ou seja, dos atrativos presentes em determinados espaços e da sociedade para

⁹⁶CARVALHO, 2004, p.38.

gerenciar tais atrativos. E essa dependência é o que torna ainda mais produtiva e satisfatória as pesquisas que são realizadas em campo.

Como propor o exercício de um planejamento turístico sem visitar a localidade? E quanto ao exercício de inventário turístico, de que forma realizá-lo? E se o objetivo for compreender as perspectivas de uma população receptora de turistas? E como perceber a visão dos turistas se não for possível ir até eles? E as pesquisas nas perspectivas políticas, administrativas, ambientais, estruturais e sociais, poderão ser feitas à distância?

As justificativas para a realização de atividades de campo podem se apresentar de forma complexa e detalhada para cada circunstância. Mas pensando na formação de turismólogos como um todo, apenas uma justificativa é suficiente: para estudar esse processo dinâmico decorrente do turismo é indispensável o estudo do espaço e tudo o que é inerente a ele. Ou seja, com a ajuda do autor Hissa,

O exercício ou a prática de campo, em muitas circunstâncias, pode tornar-se imprescindível. Ele é o exercício de visita intencional ao mundo - a certo recorte de mundo — para que, em determinadas pesquisas, informações possam ser recolhidas e organizadas.⁹⁷

Nesse sentido, o *trabalho de campo* é uma prática pedagógica que transgride o comum, que transforma as relações e os olhares, que proporciona a interação entre os sujeitos, que aguça a curiosidade do estudante e que, muitas vezes, rompe com os padrões formais educativos. Cada proposta de campo é única e mesmo que ela seja vivida por diferentes grupos de estudantes, ainda assim ela é única, porque cada grupo vai enxergá-la da sua maneira, no seu contexto de tempo e espaço.

O próximo capítulo representa o grande mergulho desta pesquisa: o *trabalho de campo*. Em sua ambiguidade, acompanhar um *trabalho de campo* foi a minha atividade de campo. As discussões foram geradas a partir das vivências com os estudantes dentro e fora de sala de aula, onde foram feitas as atividades propostas antes, durante e após o *trabalho de campo*. O método de pesquisa participante, juntamente com a aplicação de exercícios em sala de aula e a aplicação de questionários após a atividade de campo também serão devidamente expostos.

⁹⁷HISSA, 2013, p.130.



II Mergulho

A proposta para essa parte da pesquisa é, de fato, mergulhar. Existem diversos métodos possíveis para mergulhar, aprofundar, imergir e entregar-se inteiramente a um objeto de estudo. E quando tal objeto de estudo é capaz de proporcionar transformações em si mesmo e aumentar o desejo de proporcionar tais transformações ao outro e com o outro, a densidade emocional e intelectual revela grandes riquezas de conteúdo.

Como dito anteriormente, a pesquisa possui caráter exploratório e como a própria palavra sugere: explorar o existente, abusar da proximidade com o mesmo, principalmente, no sentido de conhecer de perto, de descobrir e analisar. Para dar vida a toda essa investigação, que talvez seja a grande realização em fazer esta pesquisa: a escolha pela observação participante.

O método de observação participante para Gil⁹⁹: “por um lado, pode ser considerado como o mais primitivo, e conseqüentemente o mais impreciso. Mas, por outro lado, pode ser tido como um dos mais modernos, visto ser o que possibilita o mais elevado grau de precisão nas ciências sociais”. Nele, o pesquisador não submete o seu objeto de estudo a variáveis experimentais, apenas observa os acontecimentos que se sucedem. Não há a intenção de promover ações para alterar uma realidade, mas de tentar entender e interpretar os acontecimentos por meio da coleta de informações necessárias para a pesquisa. Segundo Chizzotti:

O observador participa em interação constante em todas as situações, espontâneas e formais, acompanhando as ações cotidianas e habituais, as circunstâncias e sentido dessas ações, e interrogando sobre as razões e significados dos seus atos.¹⁰⁰

Portanto, a observação participante se caracteriza por apresentar elementos qualitativos, permitindo uma maior participação do pesquisador-observador na sua análise. É poder estar próximo, olhar de perto e coletar informações objetivas e subjetivas ao que se pretende pesquisar. E justamente nessa perspectiva o autor James Clifford ressalta que a observação participante para aspectos da vida escolar:

[...] obriga seus praticantes a experimentar, tanto em termos físicos quanto intelectuais, as vicissitudes da tradução. Elarequer um árduo aprendizado lingüístico, algum grau de

⁹⁹GIL, 1991, p. 35.

¹⁰⁰CHIZZOTTI, 1995, p.91

envolvimento direto e conversação; e frequentemente, um desarranjo das expectativas pessoais e culturais.¹⁰¹

Além de todo esse contexto, Heraldo Vianna (2007) alerta sobre a dificuldade em como delimitar as ações da observação para que o problema a estudar se torne visível, afirmando que o pesquisador precisa saber ouvir para compreender a lógica subjacente aos conteúdos das percepções. Também explica que a observação participante nem sempre oferece os resultados que seriam desejados, cabendo ao observador ser aberto a diferentes possibilidades e ter a capacidade de compreender a multiplicidade dos elementos que lhe são oferecidos na pesquisa de campo. A visão de Junker condiz com os meus pensamentos quando ele afirma:

A observação de campo para uma ciência social pode ser tão agradável quanto qualquer outra atividade social, simplesmente como ato de puro exercício de sociabilidade. E o trabalho de campo – que acrescenta o registro, a análise e relato às atividades – pode ser tão rico em suas recompensas quanto qualquer outro esforço criativo como ato de satisfação da curiosidade intelectual.¹⁰²

Desse modo, a observação participante foi programada e realizada através do acompanhamento de todas as atividades da disciplina Turismo e Meio ambiente¹⁰³ do curso de bacharelado em turismo da UFMG, incluindo o trabalho de campo. Tal acompanhamento teve início no dia 08 de março de 2016 e se estendeu até 08 de julho de 2016. Pretendeu-se observar as experiências vividas pelos estudantes, monitores e docente. A elaboração de registros, como resumos descritivos, questionários abertos, exercícios em sala de aula, trabalhos em grupos, fotografias e demais anotações das situações presenciadas serão apresentadas e discutidas no próximo tópico da pesquisa, concordando com o autor Chizzotti:

Este [registro] deve conter todas as informações sobre as técnicas, os dados, o desenrolar do cotidiano da pesquisa, as reflexões de campo e as situações vividas (percepções,

¹⁰¹CLIFFORD, J. Sobre a Autoridade etnográfica. In: CLIFFORD, J. A experiência etnográfica: antropologia e literatura no século XX. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 1998, p.20.

¹⁰²JUNKER, 1971, p.13.

¹⁰³Disciplina orientada pelo professor Bernardo Machado Gontijo, doutor em Desenvolvimento Sustentável pela Universidade de Brasília. Atualmente é professor adjunto do Instituto de Geociências da UFMG.

hesitações, interferências, conflitos, empatias, etc) que ocorreram no percurso da pesquisa.¹⁰⁴

Além do registro da observação participante, foram realizados questionários abertos com os estudantes da disciplina Turismo e meio ambiente. Inicialmente, a disciplina contava com trinta e seis estudantes matriculados. Durante o desenrolar do tempo e das atividades, alguns estudantes optaram por trancar a disciplina ou abandoná-la, sendo vinte e nove estudantes ao final do período. O roteiro do questionário¹⁰⁵ foi elaborado com linguagem e perguntas simples, buscando facilitar a compreensão dos estudantes para respondê-lo. O tema central: *trabalho de campo* para a formação dos turismólogos. Chizzotti reflete sobre a proposta de um questionário quando afirma:

É um conjunto de questões sobre o problema, previamente elaboradas, para serem respondidas por um interlocutor, por escrito ou oralmente. [...] O questionário pode ter questões fechadas (a resposta está limitada aos itens preestabelecidos), abertas (diante de um esquema de perguntas o interlocutor formula sua resposta) ou abertas e fechadas. A elaboração do questionário pressupõe a apropriação de algumas técnicas para chegar aos problemas centrais da pesquisa.¹⁰⁶

A criação de um roteiro permite o aprofundamento gradativo dos eixos abordados, além de ser um mecanismo para organizar o processo de interação com os estudantes. As perguntas são construídas de modo a favorecer a descrição dos fatos sociais, orientadas por um arcabouço teórico e pelo contexto/formação dos atores sociais em questão.

Nesse caso, o ideal é trabalhar com questionamentos básicos, apoiados em teorias e hipóteses que interessam à pesquisa. E a partir de então, os dados coletados através dos questionários possam dialogar com os dados bibliográficos, documentos e a observação participante, trazendo maiores reflexões e resultados para a pesquisa.

Para tanto, as próximas discussões abordam a prática pedagógica *trabalho de campo* na perspectiva do curso de bacharelado em turismo da UFMG, trazendo a voz dos estudantes da disciplina Turismo e meio ambiente. E também, o registro da

¹⁰⁴CHIZZOTTI, 1995, p.91.

¹⁰⁵Roteiro do questionário encontra-se em no anexo VI.

¹⁰⁶CHIZZOTTI, 1995, p. 44.

observação participante, assim como os questionários foram a chave para abrir maiores reflexões.

3. Campo que transforma: a voz dos afetos, subjetividades e curiosidades

A matriz curricular de cada curso de turismo ofertado no Brasil aponta disciplinas obrigatórias e disciplinas optativas, ambas podendo apresentar carga horária dedicada às atividades práticas, ou seja, atividades que ocorrem externamente às salas de aula. Cada disciplina tem suas peculiaridades, principalmente, porque cada docente escolhe um caminho para trabalhar determinados conteúdos e suas respectivas avaliações de aprendizado.

Esse modelo de matriz curricular adotado por algumas universidades dialoga com a proposta do estudante ter autonomia para escolher algumas disciplinas de sua preferência dentro das opções ofertadas. Normalmente, as escolhas são feitas através das ementas das disciplinas — que contemplam os temas abordados e as bibliografias a serem discutidas — e pelo professor que oferta a disciplina. Os comentários dos estudantes que já cursaram determinada disciplina com os estudantes que pretendem cursá-la também são fontes preciosas para tal decisão, uma vez que estes transmitem suas satisfações e insatisfações com o aprendizado, com as atividades realizadas, com o professor e com as avaliações.

A grade curricular do curso de turismo da UFMG segue essa mesma lógica descrita acima, distribuindo a carga horária em 1.485 horas de disciplinas obrigatórias e 825 horas de optativas e também possui 240 horas dedicadas às disciplinas eletivas, conhecidas como formação livre. Especificamente o curso da UFMG foi desenhado da seguinte forma:

Para o desenvolvimento e distribuição temporal da formação pretendida, o curso foi estruturado em dois blocos principais. O primeiro, constituído pelos 4 (quatro) primeiros períodos, é dedicado ao processo de Formação Básica. Nele, concentra-se a oferta de disciplinas obrigatórias representando maior carga horária semestral. Nesse primeiro bloco, o estudante tem acesso aos conteúdos de tipo tanto Básico quanto Profissional. [...] O segundo bloco, constituído pelos 4 (quatro) últimos períodos, é impregnado do espírito da “flexibilização”, e tem como objetivo a “externalização” da formação, ou seja, reduzir drasticamente o

tempo do estudante em sala de aula e na sua unidade de origem - IGC [Instituto de Geociências].¹⁰⁷

O Projeto Pedagógico do Curso de Turismo da UFMG descreve detalhadamente as bases conceituais do curso, as diretrizes curriculares, as habilidades e competências gerais estipuladas para os estudantes formados, a identidade do curso, a oferta e estrutura curricular, o regulamento do curso, a infra-estrutura de apoio acadêmico e as atribuições do corpo docente. Aqui, acredito ser importante compreender sobre a identidade do curso, tendo em vista que os cursos de turismo no Brasil apresentam muitas diversidades.

O Curso de Turismo da UFMG está sediado junto ao Instituto de Geociências, compõe o departamento de Geografia e, dessa forma, tem sua identidade alinhada a uma das categorias de análise da Geografia: o território. Compreendeu-se que esta categoria de análise da Geografia contribui para abordar o fenômeno turístico, uma vez que requer situar as atividades ligadas ao turismo em um contexto mais amplo e complexo, exigindo da comunidade acadêmica do curso esforços no sentido de interpretar esse conjunto de atividades para além de seu apelo convencional – o mercadológico. Dessa forma, a abordagem territorial do Turismo nessa graduação é transversal ao trato do conjunto de atividades que compõe a estrutura do turismo, permeando, assim, as reflexões no tocante tanto ao planejamento como à gestão turística. Assim o curso da UFMG incorpora a preocupação com os impactos do desenvolvimento turístico, em suas dimensões ambientais, econômicas, culturais e sociais. Nesse sentido, oferece abordagens voltadas para a otimização dos benefícios do turismo e a mitigação de seus efeitos adversos.¹⁰⁸

A presença da geografia no curso de turismo da UFMG, assim como em tantos outros cursos de turismo é totalmente plausível e inegável. A geografia se ocupa do estudo da relação entre o humano e a terra, os espaços, territórios, lugares e das transformações no passado e no presente, trazendo, obviamente, grandes contribuições para os estudos da atividade turística. Contudo, tendo em vista o dinamismo do turismo e sua complexidade, o curso de turismo da UFMG conta com 12 departamentos para compor a oferta de disciplinas: Geografia, Cartografia, Geologia, História, Arquitetura e

¹⁰⁷Texto retirado da atualização do Projeto pedagógico do curso de Turismo da Universidade Federal de Minas Gerais conforme informativo número 036/2015 PROGRAD, por meio da portaria nº 002/2015. Os membros da comissão são as professoras Danielle Fernandes Costa Machado, Diomira Maria Cicci Pinto Faria, Fabiana Andrade Bernardes de Almeida e Márcia Maria Lousada.

¹⁰⁸Texto retirado da atualização do Projeto pedagógico do curso de Turismo da Universidade Federal de Minas Gerais conforme informativo número 036/2015 PROGRAD, por meio da portaria nº 002/2015.

Urbanismo, Biologia, Letras, Comunicação Social, Educação Física, Ciências Econômicas, Administração e Sociologia.

Nesse sentido, o desafio de ofertar disciplinas em distintos departamentos pode ser percebido de forma apropriada para uma formação mais crítica e humanizada, levando em consideração a complexidade da atividade turística nos tempos atuais, onde as questões ambientais, econômicas e sociais necessitam de planejamento e gestão conscientes. Dentro dessa perspectiva, o espírito de "flexibilização" mencionado anteriormente é uma das prioridades do curso de turismo da UFMG e permite aos estudantes que:

- ✓ parte da carga didática total possa ser determinada pelo estudante, por meio da escolha pessoal de disciplinas optativas livres;
- ✓ parte da carga didática total possa ser desenvolvida por meio de atividades complementares, tais como iniciação à pesquisa, docência e extensão; participação em eventos; vivência profissional complementar; discussões temáticas; atividades acadêmicas à distância; aprendizagem complementar em instituições conveniadas e experiências pessoais programadas.
- ✓ além de variadas atividades de campo e visitas técnicas, os discentes realizam estágio supervisionado, estágio de pesquisa e trabalho final de graduação (monografia), que criam oportunidades de interação do Ensino com a pesquisa e a extensão, bem como providenciam os contatos com as empresas e órgãos empregadores da área de turismo.¹⁰⁹

Portanto, é preciso deixar claro que a escolha de acompanhar uma disciplina optativa da matriz curricular do curso de turismo da UFMG revela duas motivações principais: dialogar com estudantes que já finalizaram a formação básica dos dois primeiros anos do curso e ao mesmo tempo saber que os estudantes fizeram a escolha de cursar a disciplina, ou seja, não existe obrigatoriedade. Assim, não é possível afirmar que os estudantes terão maior engajamento com as atividades da disciplina pela livre escolha da mesma, mas é possível reconhecer que o movimento de escolha é favorável para a interação com os temas abordados.

Como dito anteriormente, a disciplina escolhida para esta pesquisa foi Turismo e meio ambiente e, então, alguns pontos merecem ser esclarecidos. O primeiro deles é que durante o percurso da minha graduação em turismo não cursei tal disciplina, não sendo

¹⁰⁹Texto retirado da atualização do Projeto pedagógico do curso de Turismo da Universidade Federal de Minas Gerais conforme informativo número 036/2015 PROGRAD, por meio da portaria nº 002/2015.

possível gerar comparações com referências passadas e nem influenciar no meu olhar atual. Outro ponto é a solicitação para realizar o estágio docente voluntariamente. Foi feita por email para o professor Bernardo Gontijo, que respondeu positivamente ao meu pedido com rapidez e entusiasmo, marcando uma reunião com os três estagiários docentes¹¹⁰ para o dia 24 de fevereiro de 2016. E, por último, a disciplina tem carga horária dedicada à prática pedagógica *trabalho de campo* e toda a construção do conteúdo é articulada com a construção da atividade de campo, como veremos adiante.

O encontro do dia 24 de fevereiro de 2016 aconteceu no instituto de geociências da UFMG e foi dedicado ao planejamento da disciplina, incluindo as bibliografias que seriam indicadas e discutidas com os estudantes e um levantamento prévio de como seria desenvolvido o *trabalho de campo*. O professor Bernardo Gontijo pontuou que o desafio desse semestre letivo era articular o turismo e o meio ambiente juntamente com a literatura de Guimarães Rosa. Tal desafio surgiu a partir do projeto¹¹¹ de extensão nomeado: Cartografia Roseana: Guimarães Rosa sob a perspectiva da preservação, salvaguarda cultural e inclusão produtiva. A professora e atual coordenadora do curso de turismo da UFMG, Diomira Maria Faria¹¹² participa da coordenação de tal projeto e incentivou outros professores, como o Bernardo Gontijo, para que trabalhassem com a literatura Roseana, como mostramos tópicos do programa básico da disciplina:

PROGRAMA DA DISCIPLINA TURISMO E MEIO AMBIENTE
A QUESTÃO AMBIENTAL E O DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL
• A relação Natureza - <i>Homo sapiens</i>
• Adaptação - Interferência - impacto humano: perspectiva histórica
• A "crise" ambiental e o ambientalismo
TURISMO E MEIO AMBIENTE: ALGUMAS POSSÍVEIS INTERFACES
• A produção do espaço associada à atividade turística
• Cerrado Mineiro/Sertão Roseano: Caracterização Problematicamente
• Turismo, Literatura e Meio Ambiente e o Universo Roseano
• Vivências de pesquisa e de campo: conservação e Degradação

QUADRO 1 - Programa da disciplina Turismo e meio ambiente

FONTE: Ementa da disciplina Turismo e meio ambiente, disponibilizada pelo prof. Bernardo Gontijo

¹¹⁰A disciplina contou com três voluntários para estágio docente, são eles: Flavienne Couto Ricardo (mestranda em educação pela UFJF); Gabriel Oliveira Barbosa (Doutorando em Geografia pela UFMG) e Joyce Kimarce do Carmo Pereira (mestranda em Lazer pela UFMG).

¹¹¹ Projeto de extensão sob o registro Cenex 402431. A presente proposta do projeto de extensão sob o registro CENEX 402431 tem como objetivo apoiar os municípios de Cordisburgo, terra natal do escritor João Guimarães Rosa, e Morro da Garça, local onde se passa um de seus contos, na preservação e salvaguarda do patrimônio cultural sertanejo vis a vis ao universo Roseano, por meio da elaboração de um diagnóstico e cartografia que identifiquem, fortaleçam e valorizem bens culturais, sejam esses materiais ou imateriais, mantidos vivos no cotidiano, na história e no simbólico do sertão e na obra Roseana.

¹¹²Atualmente é coordenadora do curso de turismo da UFMG, professora adjunta do Departamento de Geografia da UFMG, líder do grupo de pesquisa "Turismo, economia, cultura e território" e colaboradora do grupo "Economia da Cultura", ambos do CNPq.

Os tópicos acima permitem a visualização de como foram desenhados os conteúdos que seriam abordados no primeiro semestre letivo de 2016, uma vez que a literatura de Guimarães Rosa seria mais um eixo de interface com o turismo e o meio ambiente, sendo também algo inusitado para a disciplina. A proposta era trabalhar a atividade turística com o meio ambiente de um mundo que também se faz literário, no caso o cerrado de Minas Gerais. A ementa base da disciplina prevê a interação do turismo com o meio ambiente da seguinte forma:

Ementa disponibilizada pelo prof. Bernardo Gontijo: Aborda questões relativas à interface entre Turismo e Meio Ambiente, trabalhando as ênfases consideradas em cada uma dessas áreas de conhecimento e o resultando espacial de cada abordagem. Buscam-se elementos do fenômeno turístico e da questão ambiental, incluindo a observação e a análise direta, que são necessários para a compreensão das diversas interfaces existentes entre ambos. É trabalhada uma perspectiva histórica de avanço da degradação ambiental ao longo da história da humanidade de modo a se fornecer subsídios para a compreensão do quadro atual de degradação ambiental. Busca-se, finalmente, empreender a um estudo prático no qual questiona-se quais as implicações que uma atividade turística pode acarretar em um determinado meio e, em contrapartida, em que medida a este mesmo meio condiciona a atividade turística aí desenvolvida.¹¹³

Assim sendo, inicia-se a disciplina com conteúdos de uma perspectiva histórica da humanidade e a degradação ambiental provocada pela mesma até os dias atuais. Autores como Yuval Harari¹¹⁴ e Keith Tomas¹¹⁵ e as demais leituras indicadas para os estudantes representavam a pauta das discussões em sala de aula. Aqui, a intenção era a de chocar os estudantes, fazendo-os refletir sobre a relação do humano com a natureza e compreender diversas implicações da adaptação do humano na terra, assim como perspectivas do atual sistema econômico vigente: o capitalismo. O incentivo à postura crítica diante a realidade ambiental do planeta Terra é trabalhado com os estudantes para exaltar tamanha dificuldade de exercer atividades sustentáveis nos tempos atuais, incluindo o turismo. E posteriormente, a atividade turística é questionada quanto aos

¹¹³O programa da disciplina completo está disponível no anexo V.

¹¹⁴HARARI, Yuval N. *Sapiens - Uma breve história da humanidade*. P. Alegre: LePM, 2015.

¹¹⁵THOMAS, Keith. *O homem e o meio natural - Mudanças de atitude em relação às plantas e aos animais (1500-1800)*. São Paulo: Cia das Letras, 2010.

seus impactos e limites para determinado meio, podendo transformar a paisagem, a cultura e saberes locais positiva ou negativamente.

O estudo prático proposto na ementa da disciplina é um trabalho de campo, que se revela como uma atividade de extrema importância, principalmente, porque traz essa propostados estudos ambientais. Fazer a ligação entre a atividade turística e os impactos e limites ambientais é uma oportunidade de incentivar os estudantes ao pensamento crítico, ético e humanizado. Considerando os pilares de um planejamento turístico, a questão ambiental é imprescindível e, portanto, deve ser estimulada e bem desenvolvida com os estudantes. E nesse caso específico, a reflexão a partir da literatura de Guimarães Rosa (1908-1967) abrange não somente as questões ambientais, mas também aspectos culturais, sociais e econômicos que foram registrados no passado e que apresentam extremas transformações no presente.

Os encontros da disciplina Turismo e meio ambiente começaram no dia 08 de março de 2016 e seguiriam continuamente todas as terças-feiras de 7:00 as 11:40 da manhã, totalizando aproximadamente 60 horas em sala de aula sem contar com os dias de atividade campo. No total foram quinze encontros, sendo o último no dia 05 de julho de 2016. Cada encontro era sinônimo de discussões polêmicas dentro das temáticas de turismo, meio ambiente e especificamente o cerrado mineiro.

O primeiro encontro foi marcado para uma apresentação do professor e monitores aos estudantes e vice-versa. Apresentou-se a proposta da disciplina, juntamente com o cronograma da disciplina e a ementa com as bibliografias e questionou-se aos estudantes se haviam sugestões, problematizações. Percebi que muitos estudantes estavam um pouco assustados com a ideia de trabalhar no contexto das obras de Guimarães Rosa, mas nenhum estudante se opôs. O receio inicial era marcado, principalmente, porque a maioria dos estudantes conhecia o autor e sua origem, mas não haviam dedicado tempo à leitura de suas obras. Além disso, o professor explicou, através de um quadro, as atividades propostas e como seriam feitas as avaliações das mesmas. Segue abaixo:

Descrição das atividades	Pontuação
Envolvimento	20 Pontos
Reflexão e discussão dos textos	30 Pontos
Trabalho de campo – preparação	20 Pontos
Trabalho de campo - atuação in loco	10 Pontos
Trabalho de campo - Apresentação final (oral e escrita)	20 Pontos

QUADRO 2 - Descrição das atividades avaliativas da disciplina Turismo e meio ambiente

FONTE: Ementa da disciplina Turismo e meio ambiente, disponibilizada pelo prof. Bernardo Gontijo

A partir do quadro acima, é possível perceber que o envolvimento dos estudantes é a grande chave da disciplina. Não existem provas escritas e orais. Não existem seminários. E não discordando destes métodos avaliativos, mas compreendendo que nesta disciplina o objetivo maior é a discussão, a troca de informações, conhecimentos, práticas e saberes. O desejo maior é que o estudante se envolva com as temáticas propostas, leia os textos indicados, esteja presente nos encontros e no *trabalho de campo* e realize um trabalho em equipe no final da disciplina contemplando as discussões que foram realizadas.

Nesse sentido, o item da tabela acima descrito como "Reflexão e discussão dos textos" se refere aos textos discutidos em sala de aula, sempre indicados com uma semana de antecedência para que os estudantes pudessem ter tempo de se dedicar a leitura e se prepararem para os encontros a partir de suas vivências, leituras realizadas anteriormente ou curiosidades e dúvidas sobre determinado tema. Ao final de cada encontro o professor e os estagiários docentes sugeriam um questionamento para que os estudantes realizassem uma reflexão escrita em formato de poucos parágrafos sobre o que foi discutido em sala de aula. Os questionamentos propostos eram formulados de acordo com o andar das discussões propostas em cada aula.

Dentre as reflexões realizadas ao final de cada encontro, três reflexões se destacaram para serem apresentadas nesta pesquisa: "*O que é o humano em mim? Em que medida sou natureza, animal e racional?*"; "*Quais são as suas motivações, perspectivas e expectativas em relação ao trabalho de campo que ocorrerá dia 17 de maio de 2016?*" e "*A partir das vivências do trabalho de campo, quais elementos você identificou para dialogar com o tema do trabalho final?*". Para preservar a identidade dos estudantes, cada estudante recebeu um nome fictício que condiz com os nomes dos personagens de Guimarães Rosa, uma vez que o autor se faz presente nas vivências da disciplina. Para cada questionamento proposto foram selecionados alguns trechos, não sendo possível expor todas as respostas de todos os estudantes.

Pensando na formação profissional crítica e humanizada, discutida anteriormente, o eixo central para a primeira reflexão é compreender de que forma os estudantes se percebem no mundo, enquanto humanos, mas reconhecendo a presença da natureza, sendo também um animal e possuindo a capacidade de raciocínio. Abaixo alguns trechos:

Acredito que o humano em mim é o que me dá (ou não) motivação para viver. É saber ter compaixão e ajudar o próximo. É respeitar a vida em todos os seus âmbitos: natureza; homem; animal; entre outros. (Riobaldo, 8º período do curso de turismo da UFMG)

O ser vivo classificado como humano, o “eu” é apenas uma parte da natureza, fazemos parte dela e somos animais com capacidades racionais, mas não me faz um ser superior. Cada espécie possui uma habilidade distinta das outras, a nossa é raciocinar, assim como uma ave voa e um peixe vive nas profundezas oceânicas. Cada ser vivo se adapta e evolui no seu ponto. (Miguilim, 8º período do curso de turismo da UFMG)

Penso que nós humanos, por termos capacidade de raciocinar e entender o meio que vivemos devemos aplicar nossa racionalidade para promover o bem-estar não só da nossa espécie, mas também de todos os seres que convivem conosco. Por isso tento aplicar esse pensamento nas minhas atividades cotidianas na medida do possível, considerando que existe uma conjuntura política, econômica e social que existe a partir de transformações e fatos históricos que ao longo do tempo perpetuam o pensamento e as atitudes de dominação do homem sobre o meio e o seu distanciamento do meio natural, ao invés de utilizar a racionalidade para causar aproximação e harmonia com o meio natural. (João Concliz, 10º período do curso de turismo da UFMG)

O que no meu íntimo faz sentido, é que eu seja parte de uma conjuntura total, pouco significativa a ponto de mudar sozinha os mistérios do ecumínio terrestre, mas não tão insignificante a ponto de ficar parada fazendo papel do sujeito passivo que espera pela divindade iluminada. (Mão de lixa, 6º período do curso de turismo da UFMG)

Sempre compreendi o termo humano como a capacidade de se preocupar com o próximo, cuidar, proteger, usar nossa capacidade de pensar para criar meios de garantir uma forma de vida segura, para nós e outros animais. Porém, onde deixamos essa lógica quando passamos por cima de toda forma de vida, até mesmo a nossa, para garantir algum benefício? (Moçambicano, 10º período do curso de turismo da UFMG)

Nós seres humanos somos considerados animais racionais, pois nos diferenciando por sermos seres pensantes, que podem se expressar através da fala e por sermos detentores de razão. Mas somos seres racionais até onde nossos interesses e ambição permitem. Gostamos de deter poder e riqueza e para isso somos capazes de barbaridades. (Zé Bebelo, 10º período do curso de turismo da UFMG)

O exposto acima apresenta respostas que foram feitas a partir de uma reflexão específica durante os encontros em sala de aula, buscando ajudar os estudantes a

identificar valores e princípios e ao mesmo tempo questionar a si mesmo sobre seus comportamentos, atitudes e escolhas. Além disso, pode-se ponderar que as respostas são despreziosas, ou seja, os estudantes tiveram liberdade para escrever o que desejassem, considerando o que absorveram da discussão feita em sala de aula. Não existe resposta correta, existem interpretações diante do tema estudado.

Algumas palavras chaves dentro de cada trecho merecem ser enaltecidas. Como visto nesta pequena amostra de seis estudantes, todos reconhecem o humano como um ser com habilidade de raciocínio e, portanto, diferenciado dos demais animais pertencentes à natureza — o que não significa que os estudantes percebam o humano com superioridade natural. E assim, cada estudante, da sua maneira questiona quanto ao uso desta racionalidade, será ela para o bem ou para o mal? Valores como a compaixão, proteção, ajudar ao próximo, estar em harmonia com a natureza e promover o bem-estar e uma vida segura surgem como exemplos da capacidade do humano utilizar sua racionalidade para o bem. Enquanto a condição de um ser passivo, ambicioso, detentor de poder e riquezas, interesseiro, provocador de barbaridades são pontuadas como o mau uso do raciocínio humano.

Nesse sentido, a reflexão teve êxito, ou seja, os estudantes elaboraram textos concisos e críticos quanto à própria espécie, pontuando também a respeito de si mesmos e compreendendo que o meio ambiente contempla recursos que deveriam ser utilizados de maneira harmoniosa, respeitando os limites da natureza. Pode parecer clichê, mas os valores adquiridos ou repensados em um ambiente acadêmico são, muitas vezes, levados para a vida profissional de modo a se comprometer com a vida, se sentindo parte do mundo, mesmo que uma parte ínfima perto do todo.

A segunda reflexão: foi realizada no dia 26 de abril de 2016 e investiga o contexto prévio à realização do trabalho de campo a partir dos olhares dos estudantes. “*Quais são as suas motivações, perspectivas e expectativas em relação ao trabalho de campo que ocorrerá dia 17 de maio de 2016?*”. Novamente, uma pequena amostra:

As experiências vivenciadas em campo são inegavelmente fundamentais para uma construção do conhecimento lincada na realidade. O empirismo ao oferecer cor e formato à teoria propõe um aprendizado dinâmico, lúdico e real. Diante do fato de que as realidades são múltiplas, várias serão as perspectivas que irão permear o nascer e o crescer de uma ideia e, posteriormente, de um conhecimento aprofundado em determinado objeto de análise. Admitindo, portanto, a importância da saída de campo, as expectativas surgem com o

objetivo de antecipar um encontro de sentido no que foi estudado e pesquisado previamente. No nosso caso, as leituras e discussões acerca das dualidades da sociedade atual e a constante conversa com a geografia literária de Guimarães Rosa se fazem presentes nessa espera sonhada para a travessia do imaginário para o mundo real.(Preto Mangaba, 6º período do curso de turismo da UFMG)

Diante do que foi apresentado no início da aula de hoje, somado com o conteúdo já ministrado meu sentimento agora é de ansiedade para vivenciar o que esta por vir. A sensação de poder analisar(sic) com um olhar diferente e pensar a realidade das dimensões propostas a partir de um contato com o lugar gera uma expectativa muito positiva em relação a apropriação de conhecimento, que em campo se torna muito particular a cada aluno.(Augusto Matraga, 8º período do curso de turismo da UFMG)

A motivação pelo campo já existe pelo simples fato de viajar. A essência do curso e do meu eu é estar em busca pelo novo, desconhecido, o contato com diversas culturas, ambientes e locais. Estar viajando é por si só uma motivação. As perspectivas são favoráveis para uma experiência única, o deslocamento entre diversos contextos sociais e ambientais gera um universo de possibilidades para cada um agregar um valor ao campo. E quanto as expectativas, são as melhores possíveis. Poder vivenciar cada realidade, observar e absorver cada momento, paisagem e associar a realidade histórica e contemporânea.(Miguilim, 8º período do curso de turismo da UFMG)

Nós como estudantes de turismo temos que ter essa perspectiva ambiental, visto que a atividade turística ocorre em territórios e gera impactos sobre eles. Nesse sentido, o trabalho de campo poderá ser uma ótima oportunidade de visualizarmos como a atividade turística pode se inserir nesse contexto tão interessante e paradoxal que vamos visitar.(João Concliz, 10º período do curso de turismo da UFMG)

Os trechos acima delinham com clareza que as motivações, expectativas e perspectivas para o *trabalho de campo* correspondem a uma oportunidade de "apropriação do conhecimento", o encontro da teoria com a realidade - mesmo que esta realidade seja a realidade de cada um, com particularidades, sendo uma "experiência única" para cada estudante. Na busca pelo conhecimento, o *trabalho de campo* é o encontro com as diferenças e o desconhecido, com os impactos e limites de um território, com as culturas, saberes e práticas de uma população, fazendo a "travessia do imaginário para o real". Seguindo adiante, os próximos trechos ainda se referem à mesma reflexão:

Poder parar e pensar de forma crítica no nosso território (MG) e, tratar de forma sensível, lúdica e emblemática o Cerrado e sua multiplicidade de riquezas. Acredito que tudo isso será possível ser estudado, pelas histórias de Rosa, os caminhos traçados por ele e através do campo poder complementar este conhecimento, tanto na dimensão ambiental, social, literária e turística, expressas neste universo, sertão-cerrado. (Tipote, 6º período do curso de turismo da UFMG)

Espero então que, através do trabalho de campo, possamos ver pessoalmente a realidade do cerrado mineiro e sua relação conflituosa com o entorno, que o pressiona com a força das monoculturas agrícolas e da pecuária. Espero também que, entrando no universo físico de João Guimarães Rosa, possamos ver como é a relação da população das cidades com as obras e o cerrado para refletir as melhores formas de alinhar a preservação do cerrado com o apelo turístico Roseano. (Joaquim Beijú, 6º período do curso de turismo da UFMG)

[...] afirmando que o turismo é uma atividade interdisciplinar, que dialoga com vários viés (sic), como a literatura. E com isso me sinto motivada em conhecer melhor as histórias de Guimarães Rosa e o cerrado. E através da proposta do trabalho de campo minhas perspectivas e expectativa que seja uma experiência inovadora, que marque a minha carreira acadêmica e pessoal. (Freitas Macho, 6º período do curso de turismo da UFMG)

Aqui, os estudantes apresentam suas expectativas diante ao objeto de estudo: cerrado mineiro nas perspectivas do sertão de Guimarães Rosa. Tendo em vista todo o conteúdo discutido até a data, o desejo maior é vivenciar o "universo físico" do autor. Interessante perceber que as questões ambientais surgem como protagonista, mas o "apelo turístico Roseano" representa o palco para os estudantes. A palavra interdisciplinar aparece na escrita de Freitas Macho e é uma palavra familiar aos estudantes de turismo, muito provavelmente, pelas interfaces com várias áreas do conhecimento.

Antes de seguir para a última reflexão, como dito anteriormente, temos o cerrado mineiro como o cenário para a atividade de campo. Mas é muito mais do que isso, é o sertão de Guimarães Rosa. São apenas quatro dias e três noites para abarcar muitas informações, curiosidades, pessoas e lugares. Com o intuito de ampliar a visão e conhecimento dos estudantes, a proposta de campo abrangeu três municípios: Morro da Garça, Grão-Mogol e Itacambira, além do município de Codisburgo, cidade natal do autor em questão. Os dias 17, 18, 19 e 20 de maio de 2016 foram escolhidos para

percorrer os municípios escolhidos para o *trabalho de campo*. A saída para o campo foi marcada no instituto de geociências da UFMG às 7:00 da manhã partindo para Codisburgo. O roteiro de campo segue abaixo:

Programação do Trabalho de Campo
<p>Dia 17/05/16 Manhã – Saída do IGC/UFMG – Deslocamento para o município Cordisburbgo. - Atividade na Lapa do Valentim Caiano/Gorgulho, no Monumento Natural Peter Lund. Interlocutores: Brasinha, Rachel (Secretária de Turismo e Cultura), funcionários do IEF. - Visita ao Museu Casa Guimarães Rosa Interlocutores: Ronaldo Alves (diretor do Museu e responsável pelas atividades culturais da cidade), Fábio Barbosa (contador de estórias) e Grupo de Contadores de Estórias Miguilim. Tarde – Deslocamento para o município Morro da Garça - Atividade na Casa de Cultura do Sertão. Interlocutora: Fátima Coelho (vereadora, ex-secretária de Cultura, coordena as atividades culturais e turísticas do município desde os anos 90). Noite – Pousa na Pensão de Morro da Garça</p>
<p>Dia 18/05/16 Manhã – Subida ao Morro da Garça Interlocutores: Guimarães Rosa, Pretinho (guia, contador de estórias). Tarde – Deslocamento do município Morro da Garça para o município Grão Mogol Noite – Pousa em Grão Mogol – Hotel Paraíso das Águas</p>
<p>Dia 19/05/16 Manhã – Travessia no Parque Estadual de Grão Mogol. Interlocutores: gestores ambientais do IEF Tarde - Deslocamento para Itacambira Noite – Pousa em Itacambira</p>
<p>Dia 20/05/16 Manhã – Visita à Igreja Matriz de Itacambira Interlocutor: Toni Tarde – Deslocamento para Belo Horizonte</p>

QUADRO 3- Programação do Trabalho de Campo da disciplina Turismo e meio ambiente
 FONTE: Produção própria em conjunto com o prof. Bernardo Gontijo e demais estagiários

O roteiro do *trabalho de campo* retrata tamanha densidade desta atividade, uma vez que foram percorridos quatro municípios em quatro dias com atividades diversificadas e a presença de muitos interlocutores. Os estudantes tiveram a oportunidade de adentrar, mesmo que minimamente, o universo do autor Guimarães Rosa. Os interlocutores trouxeram um mundo de informações e de vivências neste cenário. Muitas histórias, muitas leituras de mundo foram retratadas e expostas aos estudantes. A caminhada no Morro da Garça e a travessia no Parque Estadual de Grão Mogol provocaram infinitos desdobramentos diante as percepções sensoriais e ambientais. As conversas paralelas entre os estudantes, de forma geral, eram ricas de

curiosidade, de espanto, de sentimentos e desejos. As figuras abaixo (5, 6, 7 e 8) são fotografias feitas durante alguns dos momentos vivenciados em campo:

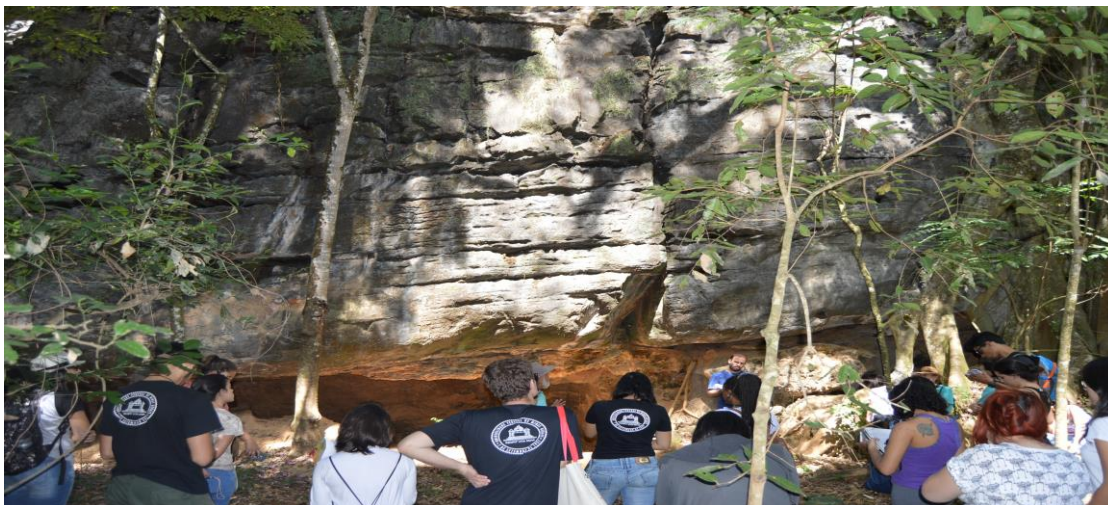


Figura 5 - Lapa do Valentim Caiano/Gorgulho, no Monumento Natural Peter Lund. Codisburgo.
FONTE:Flavienne Couto. Acervo próprio. 2016.



Figura 6 - Vista do alto do Morro da Garça
Foto: Estudante da disciplina Turismo e meio ambiente. Fonte: Acervo próprio. 2016.



Figura 7 - Município de Grão-Mogol.
Foto: Flavienne Couto. Acervo próprio. 2016.



Figura 8 - Visita à Igreja Matriz de Itacambira
Foto: Flavienne Couto. Fonte: Acervo próprio. 2016.

Os trabalhos finais foram delineados em três equipes de oito a doze estudantes, contemplando as dimensões do turismo, da literatura e do meio ambiente. Obviamente que em ambos os trabalhos as três dimensões são perceptíveis, porém, a divisão foi realizada para que cada grupo desse maior ênfase na sua temática. Assim, foi realizada uma reflexão no dia 24 de maio de 2016, uma semana após a conclusão do *trabalho de campo*: “*A partir das vivências do trabalho de campo, quais elementos você identificou para dialogar com o tema do trabalho final?*”. As assimilações das vivências de campo com as dimensões propostas pelo trabalho final seguem abaixo:

A partir do conteúdo previamente ministrado nas aulas em junção com a experiência obtida no campo é possível fazer uma série de reflexões afim de mensurar o que é relevante para o tema do trabalho final em torno da dimensão do turismo.

Foi notável que as cidades visitadas, assim como todo o norte de Minas, possuem belezas exuberantes além de uma história enraizada e exibida através dos costumes e da cultura da população local. Em minha opinião ambos locais visitados possuem um potencial turístico muito amplo, podendo atingir públicos com diversos interesses, como, por exemplo, culturais, históricos e aventureiros. Guimarães Rosa foi um ícone e suas obras são reconhecidas nacionalmente e internacionalmente, o que o torna um elemento chave para o turismo, que pode apropriar de todo seu conteúdo afim de desenvolver um roteiro com uma experiência que só poderia ser vivenciada nessas cidades. Vale também ressaltar a questão da infraestrutura básica que deve ser trabalhada antes de tudo, o turismo deve ser pensado de forma responsável, com o intuito de gerar melhorias e causar o mínimo possível de impactos. (Augusto Matraga, 8º período do curso de turismo da UFMG)

O trabalho de campo realizado no sertão Roseano, cumpriu de fato seus objetivos como turismo pedagógico, adquirir conhecimento através da vivência passa a ser primordial para a profissão do turismólogo. Através das vivências de campo, pode-se conhecer e muitas vezes sentir o universo do sertão descrito por Guimarães Rosa. Nenhum aspecto passou despercebido, das paisagens, destaco a beleza monumental dos espaços físicos naturais fazendo conjunto com a cultura do povo que ali habita, o jeito mineiro de ser, o jeito sertanejo de viver se mistura em meio as serras que além de belas carregam histórias, diferentes histórias, seja histórias de um povo, ou a história de um indivíduo. (Alaripe, 8º período do curso de turismo da UFMG)

Os dois trechos acima referem-se ao grupo de estudantes que focaram na dimensão turística e tinham a seguinte pergunta condutora do trabalho: Em que medida o turismo pode atuar no Sertão Roseano, levando em consideração sua dinâmica

ambiental? Nesse sentido, eles analisaram questões relativas à oferta e demanda turística na região, observaram e analisaram os atrativos locais, avaliaram as condições de serviços e de infraestrutura e analisaram o perfil do turista da região. Além disso, a atuação política, social e econômica da região e os impactos do meio ambiente em relação à atividade turística foram discutidos. O exercício de pensar em um planejamento turístico, a partir da vivência do *trabalho de campo* e dos dados e informações levantadas, revelou-se com criticidade e assinalou muitos cuidados e preocupações com a cultura e saberes da população local.

A dimensão do meu trabalho final é a ambiental. O campo foi uma grande experiência para mim no que tange a visão que eu tinha previamente da minha área de pesquisa. É de conhecimento geral como o Cerrado está degradado e de como ainda continua sendo explorado por grandes empresas. A visão negativa que antes perpetuava com relação ao Cerrado infelizmente ainda prevalece. Nesse campo pude ver de perto o que infelizmente está ocorrendo lá: áreas imensas de plantação de eucalipto degradam e desequilibram o ecossistema local e deixam rastros visíveis de degradação a quilômetros de distância. Como o “Pretinho” que nos disse: “onde tem eucalipto não cresce nem passarinho”, enquanto observávamos no topo do Morro os hectares de áreas já exploradas. Por outro lado no caminho para Grão Mogol observei que o Cerrado é mais “conservado” e bonito de se observar. Pretendo juntar todas as minhas observações, fotos, vivências, para desenvolver com máxima atenção a nossa questão principal e desenvolver meu relatório final. (Quipes, 8 período)

Diante da dimensão ambiental, panorama socioambiental e espacial no Cerrado mineiro, os elementos paisagísticos são importantes desde o ponto de partida, pois é nesse momento que observamos a transição das paisagens, das estruturas cerranas, onde nosso olhar percebe que a mudança vai além das demarcações políticas, socioculturais e econômicas. Passo a perceber que somos figurantes, e que nossos recursos naturais é parte principal de nossas vidas, que num mar de diferentes, iguais e misturadas paisagens elas se completam. Guimarães Rosa traz em suas obras a importância da vegetação, e o diálogo do homem com o ambiente. Com o campo o contato com a natureza foi a todo instante, onde a magia natural se aflorava na subida do Morro, a iluminação das estrelas, o amanhecer, a caminhada no Parque onde a história dialoga com a literatura, com o meio ambiente e indiretamente com o turismo. (Freitas Macho, 6º período do curso de turismo da UFMG)

Para o grupo ambiental, referenciado acima, a pergunta guiadora era: Em que medida o meio ambiente influencia o turismo no sertão Roseano? Os estudantes

analisaram as transformações sócio-espaciais na região, a degradação do cerrado, os desdobramentos das políticas de preservação ambiental e a gestão dos principais programas ambientais. Além disso, apresentam a relação entre o meio ambiente regional e a literatura Roseana. E por último, segue abaixo representantes do grupo literário:

A saída de campo é sempre uma experiência única e enriquecedora, fundamental para a compreensão de certos aspectos técnicos que permeiam o objeto de análise. No nosso caso, o objeto de análise é o sertão mineiro retratado por Guimarães Rosa, que com brilhantismo narra a vida do povo mineiro e descreve a natureza com muita sensibilidade. Durante o percurso mergulhamos com profundidade nesse universo Roseano que, a cada passo, nos contava uma história nova. Em Cordisburgo, lugar de origem de Guimarães, o senhor Brasinha, patrimônio vivo da cidade, nos mostrou sua loja de antiguidades e expôs sobre a vida e obra desde autor, ainda muito influente na vida dos cidadãos do município. Visitamos o Museu Casa Guimarães Rosa e ouvimos de alguns adolescentes narrar contos sobre Diadorim. Em Morro da Garça, o próprio morro nos contou sua história e, chegando em seu topo, uma sensação de contato com Guimarães trouxe muita inspiração e tranquilidade. O Cerrado sempre muito presente na paisagem nos mostrava sua força e resistência, em meio à quilômetros de plantações de eucalipto. Só foi possível enxergar o bioma em sua forma densa a medida que subíamos para o norte, quando o sertão começava a conversar conosco e a mostrar a vida como nos narra Guimarães. (Preto Mangaba, 6º período do curso de turismo da UFMG)

Considerando que faço parte do grupo literário, a vivência experienciada em campo está intimamente relacionada aos encontro(sic) com o universo Roseano em suas diversas facetas, seja através de relatos, como por exemplo do Brasinha e das crianças do projeto Miguilim. Através de figuras que mais parecem personagens, como o Pretinho, o Sr. Geraldo, e Seu João, também ao encontro que nos leva para dentro, o encontro consigo mesmo, que nas obras de Guimarães são sempre citados ainda que de maneira implícita e subjetiva. (Mão de lixa, 6º período do curso de turismo da UFMG)

A descoberta do universo Roseano, para o grupo de estudantes da dimensão literária, contemplou o questionamento: Em que medida a literatura Roseana dialoga com as viagens e o meio ambiente na região? Os resultados do trabalho apresentaram análises quanto à relação entre viagem, turismo e literatura. Identificaram os eventos culturais da região, analisaram a atuação de lideranças locais que dialogam com a obra de Guimarães Rosa e relacionaram a condição geográfica e o ambiente artístico do autor.

Os trabalhos finais da disciplina desempenharam as demandas guiadas pelo professor e pelos estagiários docentes e superaram as expectativas de todos. A grande revelação e satisfação de ter vivenciado todo esse processo foi contemplada com a criatividade dos estudantes durante o *trabalho de campo* e durante a confecção do trabalho final. Poemas, cartas, desenhos, textos e croquis foram produzidos e expostos no dia da apresentação final, como exemplifico a seguir:

Caro Miguilim,

Venho te falar, não sei se o cerrado vai aguentar,
estão tirando suas características para plantar,
e junto com eucalipto te devastar.

O Sertão grita socorro, tentando-se salvar,
no entanto seu grito não ecoa, se perde pelo ar.

O pouco que te resta, pulsa em áreas protegidas
entretanto ainda parece estremecidas,
e suas veredas esquecidas.

O cerrado pode desaparecer, e a população não vê,
um dia pode chegar ser apenas história,
que se guarda na memória.¹¹⁶

QUADRO 4 - Poema escrito pela estudante da disciplina Turismo e meio ambiente

FONTE: Trabalhos finais da disciplina Turismo e meio ambiente

Morro da Garça, 18 de Maio de 2016

Senhor João,

No começo da subida, amedrontados pela falta de luz, só o que podíamos sentir era o vento frio batendo no rosto. As milhares de estrelas no céu iluminavam o cume do morro, como que para nos guiar, já que não carregávamos direção. Aguçando os ouvidos dava pra escutar um animal ou outro. Sentimos a presença de uma cobra, que logo nos permitiu a passagem sem empecilhos. Pretinho nos guiava como que por instinto, já se tornara parte daquele monumento, conhecia cada curva, sabia identificar cada buraco. E logo às suas costas seguíamos, em uma estrada desconhecida e misteriosa. Foi só quando pisamos no ápice da poesia é que conseguimos flutuar. Por entre mares de morros, conseguimos ver pela primeira vez um raio de sol.

Lá do alto do cruzeiro o céu era de um tom roxo, meio violáceo. A cidade amanhecia por baixo da neblina que parecia uma bacia de água doce contornando seu aspecto “pantanosos”. O vento esbravejava igual água de rio, e aurora abraçava a gente que esperava ali ver a cara do sol. A medida em que o dia clareava, formas azuladas e rosadas de doer o olho invadiam a vista, a leste se via o céu mais aberto, a sul se via um azul de estratosfera, o ar chegava a ser pesado.

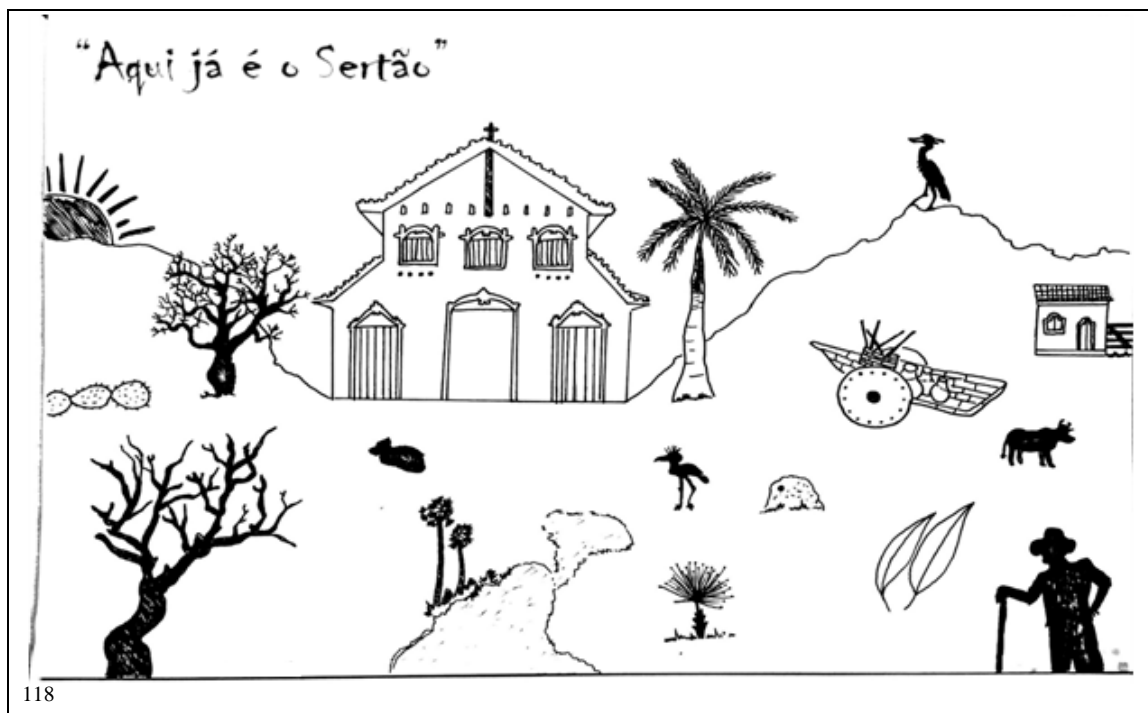
Depois de muita luz é que pode ver a vegetação lá embaixo, parecia maquete.¹¹⁷

QUADRO 5 - Carta escrita pela estudante da disciplina Turismo e meio ambiente

FONTE: Trabalhos finais da disciplina Turismo e meio ambiente

¹¹⁶ Poema escrito pela integrante do grupo da dimensão ambiental (Freitas Macho, 6 período) construído a partir de suas próprias reflexões sobre o *trabalho de campo*.

¹¹⁷ Carta escrita pela integrante do grupo da dimensão literária (Preto Mangaba, 6 período) construído a partir de suas próprias reflexões durante o *trabalho de campo*.



QUADRO 6 - Desenho escrito pelo estudante da disciplina Turismo e meio ambiente
 FONTE: Trabalhos finais da disciplina Turismo e meio ambiente.

O clamor do Cerrado

“O que me estranha é a quietidão do CERRADO. Seria esse silêncio o ressentimento de alguém que já sofreu tanto? Belo, sim ele é belo, com sua vasta paisagem que ainda resta, ou melhor, seria ela vasta ou escassa? Dizem que a beleza está nos olhos de quem vê; eu vejo sua plenitude, e ainda mais, escuto seu clamor. O choro das árvores, que retorcidas, carregam consigo seus calos, aonde cada tortidão é o contorno de um obstáculo, cujo objetivo é a sobrevivência, o crescimento. Mas existe crescimento sem dor? Sem clamor? No Cerrado tem flor, no Cerrado há dor, dor de quem foi devastado, humilhado e que desesperado clama por atenção, por preservação. As flores sempre-vivas, já os rios não. O Cerrado tem seus interlocutores e é através desses atores que o lúdico, a fantasia do sertão torna-se então história, transforma-se em memória, do que um dia foi o Cerrado de verdade”.¹¹⁹

QUADRO 7 - Texto escrito pelo estudante da disciplina Turismo e meio ambiente
 FONTE: Trabalhos finais da disciplina Turismo e meio ambiente.

As junções das dimensões ambientais, turísticas e literárias trouxeram muitas possibilidades de diálogos para com os estudantes, incluindo as perspectivas do mundo real e o mundo imaginário. As reflexões apresentadas transparecem, mesmo que minimamente, a consciência dos estudantes perante o seu lugar no mundo. As sensibilidades diante as questões sociais, ambientais, culturais e até mesmo políticas são retratadas nos trabalhos com muita clareza e críticas. A certeza de que todos que

¹¹⁸ Desenho feito pelo integrante do grupo da dimensão ambiental (Jiribibe, 6 período) construído a partir de suas próprias reflexões durante o *trabalho de campo*.

¹¹⁹ Texto escrito pelo integrante do grupo da dimensão ambiental (Jiribibe, 7 período) construído a partir de suas próprias reflexões sobre o *trabalho de campo*.

participaram da atividade de campo, incluindo professores e estagiários, foram afetados pelas experiências é notada através dos processos criativos e de todos os questionamentos gerados dentro de cada um.

O próximo tópico desta pesquisa vem revelar os questionários aplicados com os estudantes da disciplina Turismo e meio ambiente no último dia de encontro: 05 de julho de 2016. Como dito anteriormente, os questionários abordam três eixos: 1) como os estudantes percebem os *trabalhos de campo* para a sua formação profissional; 2) a existência ou não de preferências em cursar disciplinas com ou sem *trabalho de campo* e 3) as memórias mais marcantes referentes aos *trabalhos de campo* vividos.

3.1 Questionar para repensar: futuroturismólogos

Neste projeto, enquanto pesquisadora, pude encontrar estudantes bem próximos à minha leitura de formação para turismólogos. Essa sensação é um tanto confortável, mas não é reveladora, tendo em vista que a pesquisa se aprofundou na própria instituição onde me formei — a UFMG. Compartilhar da mesma visão pode ser possível quando as experiências são similares, mesmo que cada indivíduo tenha seus próprios conceitos e sua própria leitura de mundo.

Importante enfatizar que para pensar a pesquisa é preciso, primeiramente, se identificar com ela. Os motivos pelos quais me identifico com o tema vão além das minhas vivências anteriores porque representam sonhos para com a vida. Formar turismólogos conscientes, éticos e humanizados é um grande sonho, mas formá-los para a vida e para que se sintam capazes de transformações é o que me move.

Dar a voz aos estudantes — futuros turismólogos — representa o grande prazer e finalidade para esta pesquisa. Além das reflexões apresentadas no capítulo anterior, foram realizados questionários¹²⁰ no último encontro com os estudantes da disciplina Turismo e meio ambiente do curso de turismo da UFMG, ministrada pelo professor Bernardo Gontijo. Portanto, aqui, é preciso enfatizar que os estudantes não foram induzidos as respostas dos questionários, sendo que todos os estudantes sabiam que estavam respondendo para uma pesquisa de mestrado, mas não havia obrigatoriedade em respondê-las, assim como não havia pontuações na disciplina a serem vinculadas ao questionário.

¹²⁰O questionário encontra-se no anexo VI.

Mais uma vez, os estudantes tiveram liberdade para responder as seguintes indagações: 1) Como você percebe os trabalhos de campo para a sua formação?; 2) Você prefere cursar disciplinas com ou sem “*trabalhos de campo*”? Por quê? e3) Qual o *trabalho de campo* mais te marcou até hoje? Por quê? (Informar local do campo, disciplina e professor.). No geral, as respostas foram curtas e diretas, mas trouxeram representatividades dentro das perspectivas da pesquisa.

A primeira pergunta buscou refletir de que forma os estudantes percebem o *trabalho de campo* para a sua formação. Questioná-los sobre a sua própria formação é buscar reflexões dentro dos processos acadêmicos que estão sendo vividos pelos estudantes, assim como suas satisfações e insatisfações e até mesmo sugestões. Muitas vezes, o estudante passa por um curso inteiro de graduação sem a oportunidade de expressar suas opiniões. Abaixo, seguem algumas respostas:

Os trabalhos de campo durante a formação no curso de turismo são uma forma de observar e vivenciar o espaço (objeto de estudo constante do turismo) e suas relações em dada localidade.(Mão de Lixa, 6º período do curso de turismo da UFMG)

Os trabalhos de campo são essenciais para minha formação como turismólogo. O pensar e o viver é o complemento das abordagens teóricas vistas em sala de aula e um norteador para as perspectivas de cada aluno como indivíduo.(Miguilim, 8º período do curso de turismo da UFMG)

Os trabalhos de campo são essenciais dentro do curso de graduação em turismo. Pois turismo implica em deslocamento, logo, é de suma importância para o aprendizado dos discentes, este contato extra-classe.(Quipes, 8º período do curso de turismo da UFMG)

Os trabalhos de campo, além de serem a parte prática do curso, passou a ser também os momentos de experiências mais marcantes do curso. É uma oportunidade para o aluno conhecer o que tem por trás das teorias e conceitos estudados.(Quequê, 10º período do curso de turismo da UFMG)

Uma experiência única. Contribui para vivenciar a realidade da região, sendo uma forma de conhecer as reais características para além dos livros e artigos.(Freitas Macho, 6º período do curso de turismo da UFMG)

O trabalho de campo é fundamental para a minha formação. É necessário entrar em contato com o lugar para compreendermos as teorias que estudamos em sala. Acredito que somente a partir do trabalho de campo é possível pensar o turismo em suas diversas

contradições. (Preto Mangaba, 6º período do curso de turismo da UFMG)

Sendo uma turismóloga em formação, os trabalhos de campo complementam os estudos teóricos, ampliam a visão e entendimento das disciplinas e do mundo fora da academia.(Coscorão, 8º período do curso de turismo da UFMG)

A percepção dos estudantes revelou que a maioria compreende a prática pedagógica *trabalho de campo* como essencial para a formação de um turismólogo. As justificativas, apesar de apresentarem algumas diferenças, trazem semelhanças quanto ao estudo das teorias e marcos conceituais vistos em sala de aula e também quanto ao objeto do turismo: o espaço, território, lugar, localidade e região.

Para além da essencialidade do *trabalho de campo* como formação, alguns estudantes apontaram sobre as experiências, vivências e "perspectivas" que esta prática pedagógica pode proporcionar para cada indivíduo, incluindo a ampliação da visão do mundo "fora da academia". Isso implica em um reconhecimento, para alguns, do trabalho de campo como uma atividade para a vida, proporcionando reflexões pessoais. Também foi pontuado quanto ao entendimento da atividade turística "em suas diversas contradições". Contradições que estão, certamente, presentes diante a complexidade em lidar com processos ambientais, culturais, econômicos, políticos, estruturais e sociais.

O segundo questionamento condiz com a flexibilidade que os estudantes do curso de turismo da UFMG possuem para escolher as disciplinas optativas e eletivas que correspondem a uma carga horária de mais de 40% do curso. Assim, apesar da amostra de estudantes ser pequena, o objetivo da questão era entender de que forma que as disciplinas que possuem *trabalho de campo* pré-definido eram priorizadas ou não. Para tanto, foi indagado: "Você prefere cursar disciplinas com ou sem "*trabalhos de campo*"? Por quê?".

Com trabalhos de campo. Em poucos dias de campo conseguimos aprender muito mais do que em vários dias de aula teórica.(Diadorim, 8º período do curso de turismo da UFMG)

Com trabalhos de campo, pois através do campo temos o contato com outras culturas, com um outro olhar, gerando uma nova visão, saímos da nossa zona de conforto para conhecer o outro. (Freitas Macho, 6º período do curso de turismo da UFMG)

Ao longo do curso eu procurei cursar sempre uma matéria com trabalho de campo por semestre. Além de a disciplina ficar mais interessante, acaba sendo mais didáticas as horas das atividades práticas conduzem todo o conteúdo das aulas. (Quequê, 10º período do curso de turismo da UFMG)

Eu não tenho uma preferência, mas trabalhos de campo acabam sendo legais para conhecer novos locais e sair desse universo de ficar somente em sala de aula. (Zé Bebelo, 10º período do curso de turismo da UFMG)

Ambas opções são vantajosas. Algumas disciplinas realmente demandam uma carga horária prática para que seja possível compreender a dinâmica espacial e posteriormente possa “realizar o planejamento territorial”. Outras disciplinas são de cunho mais teórico e servem mesmo para direcionar e estruturar a linha de pensamento e a construção de um referencial teórico previamente do (sic) campo. (Mão de lixa, 6º período do curso de turismo da UFMG)

Geralmente escolho as disciplinas pelo nome e ementa, mas quando a disciplina tem campo me motiva ainda mais, pois além de um maior aprendizado, ainda há a possibilidade de conhecer lugares diferentes e a interação com novos alunos de cursos diferentes e o diálogo de saberes, a troca de conhecimento. (Jiribibe, 7º período do curso de turismo da UFMG)

Depende, avalio a escolha de acordo com o professor que ministra. O cronograma e didática influenciam muito, pois se o trabalho de campo não se relacionar com o que foi dado em sala de aula, perde o sentido. (Coscorão, 8º período do curso de turismo da UFMG)

A variedade de respostas chama atenção para algumas temáticas discutidas nesta pesquisa. As aulas teóricas são insuficientes para abordar uma formação espacial, territorial e social. É preciso explorar o "universo" fora da sala de aula, enriquecendo o conhecimento e saindo da "zona de conforto". Tanto os estudos teóricos, quanto os estudos práticos são essenciais para a formação, dialogando com a complexidade da atividade turística. Além disso, a ementa das disciplinas é apontada como critério de escolha, ou seja, compreender quais são os conteúdos e bibliografias a serem ministrados é uma forma de se identificar com as disciplinas. E ainda temos a decisão pelo professor de cada disciplina, que pode ocorrer pela pesquisa do currículo do professor ou da forma mais comum, em que os estudantes de diversos períodos do curso conversam entre si e repassam suas impressões quanto aos professores.

Seguindo para a última pergunta: Qual o *trabalho de campo* mais te marcou até hoje? Por quê? (Informar local do campo, disciplina e professor.), tem-se a intenção de

trabalhar as memórias de campo juntamente com os "porquês" de tais afetos. Durante a aplicação do questionário, espontaneamente, essa pergunta teve uma repercussão entre os estudantes, de modo que relembrou juntos algumas atividades de campo, fizeram brincadeiras e piadas com situações vividas no passado e concordaram e discordaram quanto ao campo mais marcante. As respostas foram completamente variadas:

Na verdade, têm dois campos que me marcaram, um para São Paulo, pelo fato de ser meu único campo pela faculdade fora do estado, à disciplina foi a de roteiros interpretativos, com a professora Cláudia Freitas. O outro campo foi esse último da disciplina turismo e meio ambiente com o professor Bernardo Gontijo, de longe foi o campo que visitei mais cidades, sendo elas: Codisburgo, Morro da Garça, Grão-mogol e Itacambira. (Diadorim, 8º período do curso de turismo da UFMG)

“Turismo e meio ambiente”. Pelo grau de liberdade para poder vivenciar o campo, sem o rótulo ou controle das perspectivas individuais. E o nível de conhecimento pessoal (maturidade) para experiências o campo. Codisburgo/Morro da Garça/Grão-mogol/Itacambira (prof. Bernardo). (Miguilim, 8º período do curso de turismo da UFMG)

Foi um trabalho de campo feito pela disciplina turismo de base comunitária, realizado em André do Mato Dentro, me marcou pelo fato de poder viver junto com a comunidade, a rotina de trabalho deles. (Alaripe, 8º período do curso de turismo da UFMG)

Para Raposos, pois foi um campo em que tivemos que organizar todo um evento para a população e trabalhar nele juntos a uma ONG para crianças – a casa de gentil, localizada em um bairro carente de Raposos. O contato com as crianças e a população no geral foi muito forte, me senti parte daqueles e isso me faz querer voltar e fazer parte da ONG. Disciplina: Eventos. Professora: Márcia. (Sesfrêdo, 8º período do curso de turismo da UFMG)

Campo para Diamantina/Serro/São Gonçalo Rio das Pedras. Esse campo me marcou bastante, pois, foi um campo com uma turma pequena (éramos 7), e fomos a lugares incríveis e a carga de conhecimento que adquiri estará para sempre presente em minha vida. Passei a ter uma visão mais crítica sobre a atividade turística após esse campo. Disciplina: Turismo Rural/ Prof. Solano. (Quipes, 8º período do curso de turismo da UFMG)

O trabalho de campo para Morro da Garça. Realizei um trabalho de viabilidade econômica, onde tivemos envolvidos com a população, a história local e com o turismo, uma dinâmica bem diferente dos demais trabalhos de campo. A professora foi a Diomira Maria. (Tipote, 6º período do curso de turismo da UFMG)

O trabalho de campo que me marcou foi da disciplina de culinária e turismo desenvolvida pela professora Márcia Lousada. No trabalho de campo passamos por Caeté, Barão de Cocais, o distrito de Cocais, Santa Barbara e Catas Altas. Eu gostei pois conhecemos várias pessoas e suas histórias, tivemos em contato profundo com as pessoas locais.(Freitas Macho, 6º período do curso de turismo da UFMG)

O trabalho que fomos para Prados/MG, na disciplina de fundamentos mercadológicos do turismo com a professora Ana Paula. Na verdade os grupos escolhiam o local e iam para o campo por conta própria, no intuito de realizar um plano de marketing. Acho que o que mais gostei foi a autonomia que nos foi dada, fomos aos locais que pensávamos ser importantes e tínhamos liberdade para escolher nosso itinerário.(Preto Mangaba, 6º período do curso de turismo da UFMG)

É difícil definir um campo que mais me marcou até hoje, mas o campo da disciplina Fitogeografia, realizado na Travessia entre Lapinha e Tabuleiro com o professor Bernardo. Pois além de propiciar a visita a um lugar que não imaginaria ver de outra forma, foram paisagens incríveis e uma superação física e psicológica.(Moçambicão, 10º período do curso de turismo da UFMG)

O campo que mais me marcou foi da Serra do Cipó na disciplina Planejamento da Indústria do turismo dada pela professora Márcia Lousada. Memarcou pela disciplina ser como um todo um incentivo para mim um encanto, afim de confirmar o que pretendo seguir na área. A disciplina me proporcionou diversos aprendizados importantes. (Sidurino, 7º período do curso de turismo da UFMG)

Mais uma vez o conhecimento sobressai. A construção crítica gerada pelos trabalhos de campo é enaltecida a ponto de provocarem a pretensão de "seguir na área". Cada vivência, para cada estudante, é marcada de maneiras distintas, tendo em vista as milhares de possibilidades para trabalhar em campo. Os estudantes ressaltam o envolvimento com a população local, ou seja, com o outro. Experimentar o mundo do outro que, muitas vezes, se faz desconhecido e curioso revela aprendizados e memórias. O "contato profundo" com o outro, apesar de tão pouco tempo, transborda os sentimentos, os afetos e criatividade. E é nesse viés que a individualidade é apontada: percepções, sensações e construções de valores ou até mesmo "maturidade" são particulares de cada um, principalmente, no quesito: leitura de mundo.

Palavras como "autonomia" e "liberdade" também fazem parte das respostas apresentadas acima. A construção de conhecimento direcionada e amparada pelos educadores é extremamente rica e necessária, porém, a liberdade do pensamento e da

construção das próprias críticas surge como um espaço para a criação, para o desenvolvimento cognitivo e para a concepção das próprias leituras para as diversas situações do cotidiano, da vida. As superações "físicas e psicológicas" vivenciadas em espaços educativos, como referenciado acima, representam também o poder transformador da educação.

Rubem Alves¹²¹brinca com as palavras dizendo: “Formatura: “formar” é colocar na forma, fechar. Um ser humano formado é um ser humano fechado, emburricado. Educar é abrir. Educar é desformatar. Uma festa de desformatura.”. A formação de turismólogos brasileiros demanda aberturas para uma formação de brilho, de descobertas do sertão que existe no íntimo de cada um, feitos, muitas vezes, de caminhos curvos. Dentre tantos caminhos a serem percorridos, esta pesquisa contemplou a prática pedagógica trabalho de campo como uma das possibilidades de abrir conhecimentos para além da vida acadêmica.

¹²¹ALVES, Rubens. Rubem Alves Essencial: 300 pílulas de sabedoria. 1 ed. Ed: planeta. 2015, p.14.

Considerações finais

Atualmente, fazer um texto acadêmico é lutar contra o tempo, contra as palavras, contra as ideias que devem carregar um texto de brilho¹²². A presença do autor no texto é algo desejável, mas ao mesmo tempo ela é construída a partir de inúmeras inseguranças. O tempo de produção é cronometrado, influenciando no tempo de amadurecimento dos pensamentos, conseqüentemente da escrita. A escrita também apresenta limites através das inúmeras regras e padrões a seguir, principalmente, na estrutura do texto. Brincar com as palavras nem sempre é possível. E, ainda, o desafio: ideias inovadoras.

Não será necessário tempo, que nos ajude a construir a nossa maturidade intelectual, de modo a produzir a simplicidade na densidade dos nossos textos? Por onde caminha o tempo na universidade moderna, lugar da ciência moderna que pede rapidez aos seus textos, e que dispensa o tempo necessário à sua produção?¹²³

A construção desta pesquisa tem reflexos de memórias e vivências passadas que geraram incômodos, questionamentos e inquietações. Assim é o processo de pesquisar: questionar, pensar, imaginar, estudar e investigar. O movimento de pesquisar é um processo que eu escolhi para a vida. Todas as pessoas que fizeram parte deste projeto foram reveladoras de sabedorias, práticas e conhecimentos que agregaram o meu íntimo, as minhas leituras de mundo. Tamanha gratidão pelo privilégio de ter construído a pesquisa com tantos outros. Outros que já fazem parte de mim e que eu vou levar nas recordações e aprendizados desta vida.

Importante considerar que as produções acadêmicas no âmbito do turismo são recentes e, portanto, crescentes. Discutir a formação dos turismólogos, o planejamento turístico, o turista e a população receptora, dentre tantas outras temáticas turísticas, são reflexos do crescimento e da relevância da atividade. Após o turismo tornar-se uma "necessidade" da sociedade moderna, sua visibilidade trouxe a necessidade de estudá-lo. O mundo acadêmico passou a ter de dar conta de compreender tamanha complexidade das dinâmicas que envolvem o turismo, assim como oferecer uma formação profissional

¹²²A obra de Cássio Hissa " Entrenotas: compreensões de pesquisa" é uma referência importante para o aprofundamento das questões que envolvem os processos de escrita acadêmica.

¹²³HISSA, 2013, p. 177.

para a área. Contudo, os pilares da formação¹²⁴ profissional para turismólogos precisam ir além das demandas mercadológicas.

Reduzir a atividade turística a valores de mercado é desconsiderar os processos humanísticos, ignorando as potencialidades da condição humana para com a atividade. Aqui, uma memória se faz presente. Há algum tempo, em uma das disciplinas que cursei durante o mestrado me perguntaram: "Você escreve contra quem?". Não sei bem se a questão é contra quem, mas acredito que seja: a favor de quem! O privilégio de vivenciar o mundo da educação e poder descobrir transformações através das palavras ditas ou escritas é algo indescritível. Os sonhos são semeados e a colheita é um resultado encantador.

Para tanto, a presença do turismo nas universidades, no meio acadêmico é extremamente relevante para dar continuidade aos estudos e pesquisas da área, através da própria formação discente e também da renovação e reinvenção do estado da arte. A formação do ensino superior brasileiro tanto para os turismólogos quanto para outros profissionais das ciências sociais encontra-se carente de reformas. Reformas que não necessariamente são de conteúdos, mas sim da forma como os conteúdos são articulados entre si, da forma como se constrói a relação entre docentes e discentes e também do reconhecimento de conhecimentos, saberes e práticas que não, necessariamente, serão configurados como científicos.

A prática pedagógica *trabalho de campo*, objeto de estudo desta pesquisa, desenvolve-se, de uma maneira geral, como uma pesquisa teórica para a formação acadêmica e profissional de turismólogos brasileiros. Um estudo empírico é realizado a partir de reflexões e discussões que guiam a pesquisa, tendo também a intenção de construir diálogos com os sujeitos da pesquisa, na tentativa de exercitar o pensamento. O exercício de reflexão da formação de turismólogos brasileiros recai sobre a contextualização da atividade turística, assim como o "enquadramento" do turismo nas universidades, considerando as práticas pedagógicas do ensino superior e suas facetas.

Nesse sentido, como dito anteriormente, o contexto fora da sala de aula, por sua vez, faz parte dos aprendizados educacionais e mais do que isso — aparecem como manifestação das relações sociais, dos encontros, das dificuldades e diferenças. São

¹²⁴Milton Santos, 2014, p. 22 alerta que: "Quando a ciência se deixa claramente cooptar por uma tecnologia cujos objetivos são mais econômicos que sociais, ela se torna tributária dos interesses da produção e dos produtores hegemônicos, e renuncia a toda vocação de servir à sociedade. Trata-se de um saber instrumentalizado, em que a metodologia substituiu o método.

muitas possibilidades e experiências a serem exploradas nesses espaços sociais. Sobre as atividades desenvolvidas externamente às salas de aula, Gil afirma que:

Como resultado da experiência, os estudantes aprendem tanto os conceitos em si quanto a forma com que estes se relacionam com a vida das pessoas. Assim, com a experiência, eles desenvolvem tanto estratégias para aprender quanto estratégias para lidar com situações sociais.¹²⁵

Assim sendo, atividades como *trabalhos de campo*, trazem discussões que vão além do aprendizado acadêmico em si, favorecendo o crescimento de valores sociais, principalmente, no que diz respeito à sensibilidade com o espaço e com o outro. O desconhecido provoca estranhamento, mas também provoca curiosidade que se desdobra em conhecimento, em experiências e mudanças. Estar em campo pode significar grandes aprendizados individuais e coletivos, proporcionando uma oportunidade do sujeito se sentir parte do mundo e de dividir o mundo com o outro.

Além disso, é preciso compreender que cada proposta de atividade de campo é única porque os seus desdobramentos são únicos a cada indivíduo participante. As leituras de mundo e os sentimentos de pertencimento são construídos, muitas vezes, com o outro, mas cada proposta de campo revela suas peculiaridades diante dos sujeitos e espaços envolvidos.

O estudo empírico realizado através do acompanhamento da disciplina Turismo e meio ambiente do curso de turismo da UFMG representou um caminho para compreender a representatividade dos *trabalhos de campo* para os estudantes de turismo, futuros turismólogos. Desse modo, não existiu intenções quantitativas para esta pesquisa, sendo apenas uma pequena amostra de estudantes para grandes problematizações da formação dos turismólogos. As perspectivas são qualitativas e exploratórias no intuito de, com todos os cuidados, interagir de forma mais profunda com os sujeitos da pesquisa.

As reflexões realizadas em sala de aula antes e após a atividade campo, assim como o questionário aplicado com os estudantes da disciplina revelaram o reconhecimento da importância de se realizar estudos teóricos e estudos práticos, numa espécie de complementação. Os estudantes enfatizaram sobre o objeto de estudo do

¹²⁵GIL, 1991, p.216.

turismo está contido no espaço, território e lugar e, portanto, a constante necessidade de vivenciá-lo, experimentá-lo, explorá-lo.

A riqueza presente nas respostas dos estudantes apontou para a relevância de problematizar as práticas pedagógicas no ensino superior de turismo, principalmente, no que tange as atividades externas às salas de aula. Isto porque o reconhecimento do *trabalho de campo* como prática fundamental para a formação dos turismólogos foi unânime. Além disso, as memórias referentes às atividades de campo vividas foram exteriorizadas com muitos afetos, transparecendo sensibilidades diante as questões sociais, ambientais e culturais.

Contudo, o grande ápice desta pesquisa consiste nos diálogos produzidos pelos estudantes quanto ao crescimento e amadurecimento pessoal a partir da atividade de campo. Os relatos de memórias, o sentimento devotado as populações locais e as questões socioculturais e ambientais foram compreendidos como experiências para a vida, revelando de diversas formas a contribuição do *trabalho de campo* para reflexões consigo mesmo, ou seja, refazendo leituras de valores, leituras de mundo.

Para além do estudo de teorias, os estudantes exteriorizaram seus sentimentos, em relação ao *trabalho de campo*, não somente através das atividades curriculares propostas, mas também na construção de poemas, textos, desenhos, croquis e cartas. A criatividade foi surpreendentemente aguçada diante de todo o cenário do campo. As poesias, cartas e texto lidos durante a apresentação final na disciplina de Turismo e meio ambiente foi capaz de encher os olhos de água. Todos estavam envolvidos com o *trabalho de campo* de uma forma muito mais profunda do que as regras acadêmicas exigem.

Contudo, os objetivos propostos para esta pesquisa foram alcançados dentro de suas limitações. Limitações que incluem o tempo de produção da pesquisa e que influencia diretamente nos diálogos propostos com os sujeitos da pesquisa. Como dito anteriormente, a amostra de sujeitos para esta pesquisa é pequena e está inserida em um contexto restrito - apenas o curso de turismo da UFMG. Portanto, é desejável alargar o diálogo com mais estudantes, incluindo outras instituições, assim como estender os diálogos aos professores e coordenadores de diferentes cursos de turismo no Brasil.

Assim sendo, com todos os cuidados, a pesquisa abre caminhos para mais estudos e discussões acerca da prática pedagógica *trabalho de campo* e sua utilização na formação acadêmica e profissional de turismólogos brasileiros. A expectativa é que este estudo possa contribuir, mesmo que de forma ínfima, para a compreensão das práticas

pedagógicas, especificamente, *o trabalho de campo*, na produção do conhecimento no âmbito do turismo.

REFERÊNCIAS

AGNOL, Sandra Dall. **Impactos do turismo x comunidade local**. In: Anais do VII Seminário de Pesquisa em Turismo do Mercosul. Turismo e Paisagem: Relação Complexa, nov.2012. ISSN 1806-0447.

ALVES, Rubem. **O Desejo de Ensinar e a Arte de Aprender**. Campinas. 2004. Disponível em <http://livro.educardpaschoal.org.br/upload/NossosLivros/68_livro_desejodeensinar>. Acesso em 28 de julho de 2016.

ALVES, Rubem; NASCIMENTO, Edvaldo P.; MENEZES, Marcílio. **Ensinar, cantar e aprender**. Campinas, SP: Papirus, 2008.

ALVES, Rubem. **Do universo à jaboticaba**. 3 ed. Ed: Planeta do Brasil. 2015

ALVES, Rubens. **Rubem Alves Essencial: 300 pílulas de sabedoria**. 1 ed. Ed: Planeta do Brasil. 2015.

BELLONI, Isaura. **Função da universidade: notas para reflexão**. In: Universidade e educação/ Zaia Brandão, Mirian Jorge Warde, Octávio Ianni, e outros. Campinas, SP: Papirus: Cedes; São Paulo : Ande : Anped, 1992.

BUARQUE, Cristovão. **A Aventura da Universidade**. São Paulo. Editora da Universidade Estadual Paulista; Rio de Janeiro: Paz e Terra: 1994.

CARVALHO, Isabel Cristina de Moura. **Educação Ambiental – A formação do Sujeito Ecológico**. 1 ed. São Paulo: Cortez Editora, 2004.

CHAUÍ, Marilena de Souza. **Universidade Operacional**. Folha de São Paulo. 1999. Disponível em: <www.cacos.ufpr.br>. Acesso dia 16 de abril de 2016.

CHAUÍ, Marilena de Souza. **Escrito sobre a universidade**. São Paulo: Editora UNESP, 2001.

CHIZZOTTI, Antônio. **Pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais**. São Paulo: Cortez, 1995. 164 p. (Biblioteca da educação. Série 1. Escola; v.16)

CLIFFORD, J. **Sobre a Autoridade etnográfica**. In: CLIFFORD, J. A experiência etnográfica: antropologia e literatura no século XX. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 1998.

CRUZ, Rita de Cássia Ariza. **Geografias do turismo: de lugares a pseudo-lugares**. São Paulo: Roca, 2007.

FARIA, Marcelo de Oliveira. **O mundo globalizado e a questão ambiental**. In: NEIMAN, Zysman (org.). Meio ambiente, educação e ecoturismo. Barueri, SP: Manole, 2002.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 1991, 3 ed.

GOLDENBERG, Mirian. **A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais**. Rio de Janeiro: Record, 1997.

GOMES, Christianne L. **Desafios e perspectivas da Educação para o Lazer**. IN: Lazer e Formação Profissional: saberes necessários para qualificar o processo formativo. Editorial SESC/Otium. Belo Horizonte. 2011.

HISSA, Cássio Eduardo Viana. **Entrenotas: compreensões de pesquisa**. Belo Horizonte. Editora UFMG. 2013

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. 1.ed. Rio de Janeiro: objetiva, 2009, p.886. INSTITUTO DE GEO-CIÊNCIAS. UFMG. Disponível em: <http://www.igc.ufmg.br/index.php?option=com_content&view=article&id=131:disciplinas&catid=46:graduacao&Itemid=289#programas-das-disciplinas-do-curso-de-turismo> Acesso em 25 de abril de 2015.

JUNKER, BUFORD H. **A importância do trabalho de campo: uma introdução às ciências sociais**. Rio de Janeiro: Lidaador, 1971.

KOTLER, Philip. **Marketing 3.0: as forças que estão definindo o novo marketing centrado no ser humano**. [Tradução Ana Beatriz Rodrigues]. - Rio de Janeiro: Elsevier, 2012.

KRIPPENDORF, Joseph. **Sociologia do turismo: para uma nova compreensão do lazer e das viagens**. 3ª edição. Editora Aleph. São Paulo. 2001.

KRIPPENDORF, Joseph. **Sociologia do turismo: para uma nova compreensão do lazer e das viagens**. Edição especial 25 anos. Editora Aleph. São Paulo. 2001, p.16.

LANGENBACH, Míriam. **Pequenas ações. Grandes temas. Dinâmica de Grupo Aplica ao Meio Ambiente**. In: ZACARIAS, Rachel (org); PINTO, Vicente Paulo (Org). Educação ambiental em perspectiva. Juiz de Fora, MG: Edições FEME, 2002.

LEFF, Enrique. **Saber ambiental: sustentabilidade, racionalidade, complexidade, poder**. 7. ed. Petropolis, RJ: Vozes, 2009

LIMA, Telma Cristiane; MIOTO, Regina Célia. **Procedimentos metodológicos na construção do conhecimento científico: a pesquisa bibliográfica**. Rev. katálysis, Florianópolis, v. 10, n. spe, p. 37-45, 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-49802007000300004&lng=pt&nrm=iso>. Acessos em 28 mar. 2016.

PANOSSO NETTO, Alexandre; TOMILLO NOGUERO, Félix; JÄGER, Margret. **Por uma visão crítica nos estudos turísticos**. Revista Turismo em Análise, Brasil, v. 22, n. 3, p. 539-560, dec. 2011. ISSN 1984-4867. Disponível em: <<http://www.journals.usp.br/rta/article/view/14262>>.

REJOWSKI, Mirian. **Turismo e pesquisa científica: pensamento internacional X situação brasileira.** Campinas, SP: Papirus, 1996. — (Coleção turismo)

RODRIGUES, AdyrBalastreri. **Turismo e espaço: rumo a um conhecimento transdisciplinar.** 3ª edição. São Paulo: Hucitec, 2001.

ROSA, Sérgio Eduardo S.; TAVARES, Marina M. **A Recente Expansão dos Resorts no Brasil.** BNDES Setorial, Rio de Janeiro, n. 16, p. 85-104, set. 2002.

RUSCHMANN, Doris van de Meene. **Turismo e planejamento sustentável: a proteção do meio ambiente.** Campinas, SP. Papirus, 1997.

SANTOS, S.A.M; RUFFINO, P.H.P et al. **Cadernos do CESCAR - Educação Ambiental – Bacias Hidrográficas: Maquete, Visitas a Campo e Percepção Ambiental.** Segundo Caderno. 2011, p. 26-38.

SANTOS, Boaventura S. **Para Além do Pensamento Abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes.** Novos Estudos/ CEBRAP. São Paulo. 2007. Acessado em 20 de janeiro de 2015: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-33002007000300004

SANTOS, Boaventura S. **Um discurso sobre as ciências.** 5ª Ed. São Paulo: Cortez, 2008.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal.** 10. ed. Rio de Janeiro: Record, 2000.

SANTOS, Milton. **Metamorfoses do espaço habitado: fundamentos teóricos e metodológicos da geografia.** 6 ed. São Paulo. Editora da Universidade de São Paulo, 2014.

TRIGO, Luiz Gonzaga Godoi. **A sociedade pós-industrial e o profissional em turismo.** Campinas, SP: Papirus, 1998.

TUAN, Yi-fu. **Espaço e Lugar.** São Paulo, Difel. 1983

ANEXOS

ANEXO I – LISTA DAS UNIVERSIDADES PESQUISADAS¹²⁶

UNIVERSIDADES FEDERAIS

Universidade Federal de Rondônia
 Universidade Federal do Acre
 Universidade Federal do Amapá
 Universidade Federal de Roraima
 Universidade Federal do Amazonas
 Universidade Federal do Oeste do Pará
 Universidade Federal do Pará
 Universidade Federal do Tocantins
 Universidade Federal Rural da Amazônia
 Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará
 Universidade Federal de Alagoas
 Universidade Federal da Bahia
 Universidade Federal do Sul da Bahia
 Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
 Universidade Federal da Integração I. da Lusofonia Afro-Brasileira
 Universidade Federal da Paraíba
 Universidade Federal do Cariri
 Universidade Federal de Campina Grande
 Universidade Federal do Ceará
 Universidade Federal do Oeste da Bahia
 Universidade Federal do Vale do São Francisco
 Universidade Federal Rural de Pernambuco
 Universidade Federal do Pernambuco
 Universidade Federal Rural do Semi-Árido
 Universidade Federal Sergipe
 Universidade Federal Maranhão
 Universidade Federal do Piauí
 Universidade Federal do Rio Grande do Norte
 Universidade Federal da Grande Dourados
 Universidade Federal de Goiás
 Universidade Federal de Mato Grosso
 Universidade Federal de Brasília
 Universidade Federal do Mato Grosso do Sul –
 Universidade Federal de Alfenas
 Universidade Federal de Itajubá
 Universidade Federal de Lavras
 Universidade Federal de São João del-Rei
 Universidade Federal de São Paulo
 Universidade Federal de Uberlândia
 Universidade Federal de Viçosa
 Universidade Federal do ABC
 Universidade Federal do Espírito Santo
 Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
 Universidade Federal do Rio de Janeiro

¹²⁶A pesquisa consistiu em visitar o site de cada universidade federal e o site de cada universidade estadual para buscar informações quanto a oferta do curso de turismo ou não.

Universidade Federal do Triângulo Mineiro
Universidade Federal de Minas Gerais
Universidade Federal de Juiz de Fora
Universidade Federal de Ouro Preto
Universidade Federal de São Carlos
Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Universidade Federal Fluminense
Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Universidade Federal da Fronteira Sul
Universidade Federal da Integração Latino-Americana
Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre
Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Universidade Federal de Santa Catarina
Universidade Federal de Santa Maria
Universidade Federal do Pampa
Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Universidade Federal de Pelotas
Universidade Federal do Rio Grande
Universidade Federal do Paraná

UNIVERSIDADES ESTADUAIS

Universidade Estadual do Amazonas
Universidade Estadual de Roraima
Universidade do Estado do Amapá
Universidade do Estado do Pará
Universidade do Tocantins
Universidade Estadual de Alagoas
Universidade Estadual de Ciências da Saúde de Alagoas
Universidade do Estado da Bahia
Universidade Estadual de Feira de Santana
Universidade Estadual de Santa Cruz
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
Universidade Estadual Vale do Acaraú
Universidade Regional do Cariri
Universidade Estadual do Ceará
Universidade Estadual do Maranhão
Universidade Estadual da Paraíba
Universidade de Pernambuco
Universidade Estadual do Piauí
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (campus Mossoró) (campus Natal)
Universidade Estadual do Mato Grosso
Universidade Estadual do Mato Grosso do Sul (Campus Campo Grande) (Campus Jardim) (Campus Dourados)
Universidade Estadual de Goiás
Universidade Estadual de Minas Gerais
Universidade Estadual do Rio de Janeiro
Universidade de São Paulo
Universidade Estadual Paulista
Universidade Estadual de Montes Claros
Universidade Estadual da Zona Oeste

Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro
Universidade Estadual de Campinas
Universidade Estadual de Ponta Grossa
Universidade Estadual de Londrina
Universidade Estadual de Maringá
Universidade Estadual do Paraná
Universidade Estadual do Centro-oeste
Universidade Estadual do Norte do Paraná
Universidade Estadual do Rio Grande do Sul
Universidade Estadual de Santa Catarina
Universidade estadual do Oeste do Paraná

ANEXO II – LISTA DOS SITES DAS UNIVERSIDADES CONSULTADOS

LISTAS DAS UNIVERSIDADES

https://pt.wikipedia.org/wiki/Lista_de_universidades_federais_do_Brasil
https://pt.wikipedia.org/wiki/Lista_de_universidades_estaduais_do_Brasil

UNIVERSIDADES FEDERAIS NORTE

<http://www.academico.unir.br/?pag=estatica&id=358&titulo=Gradua%E7%E3o>
http://www.proeg.ufrr.br/index.php?option=com_content&view=article&id=15&Itemid=11
<https://portal.ufac.br/ementario/cursos.action;jsessionid=35C0033213CB80F8A0953119F38F713C>
<http://www.unifap.br/public/index/graduacao>
<http://proeg.ufam.edu.br/cursos-oferecidos/campus-manaus>
<http://www.ufopa.edu.br/academico/graduacao>
<http://www.ig.ufpa.br/>
<http://ww1.uft.edu.br/index.php/ensino/graduacao/10691-cst-em-gestao-de-turismo-tecnologia-araguaina>
<https://portal.ufra.edu.br/>
<https://www.unifesspa.edu.br/index.php/graduacao>

UNIVERSIDADES ESTADUAIS NORTE

<http://www.ueap.ap.gov.br/#>
<http://cursos3.uea.edu.br/>
<http://cursos3.uea.edu.br/curriculo.php?cursoId=108>
<http://uerr.edu.br/bacharelado-em-turismo/>
<http://www.unitins.br/portal/graduacao/Default.aspx>

UNIVERSIDADES FEDERAIS NORDESTE

<https://www.ufba.br/cursos>
<http://www.secom.ba.gov.br/2014/09/121135/Universidade-Federal-do-Sul-da-Bahia-entra-em-atividade-com-800-alunos-matriculados.html>
<http://www.ufrb.edu.br/portal/ensino/cursos-de-graduacao>
<http://www.unilab.edu.br/cursos-de-graduacao/>
<https://sistemas.ufpb.br/sigaa/public/departamento/portal.jsf?id=2834>
<http://www.ufca.edu.br/portal/ensino/cursos-de-graduacao>
<http://www.ufal.edu.br/estudante/graduacao/cursos/campus-arapiraca-1>
<http://pre.sti.ufcg.edu.br/pre/home/cursos>
<http://estudante.ufpe.br/graduacao/#Recife>
<http://www.ufc.br/ensino/cursos-de-graduacao>
<http://prograd.ufs.br/sites/default/files/catalogo.pdf>
https://sigaa.ufma.br/sigaa/public/curso/portal.jsf?id=85818&lc=pt_BR
<http://www.ufob.edu.br/index.php/ensino/2014-08-08-14-46-02/cursos>
<https://sigaa.ufrn.br/sigaa/public/curso/lista.jsf?nivel=G&aba=p-graduacao>
https://sigaa.ufrn.br/sigaa/public/curso/portal.jsf?id=2000069&lc=pt_BR
<http://www.univasf.edu.br/>
<http://www.ufrpe.br/br/graduacao>
<http://ufersa.edu.br/cursosgraduacao/>

UNIVERSIDADES ESTADUAIS NORDESTE

<http://www.uneal.edu.br/ensino/projetos-pedagogicos>

<http://www.uneal.edu.br/sala-de-imprensa/noticias/uneal-tem-mais-cursos-renovados-e-reconhecidos/?searchterm=cursos>
<http://www.uncisal.edu.br/ensin/vestibular/>
<http://www.uefs.br/portal/ensino/graduacao/cursos>
<http://www.uesc.br/cursos/graduacao/>
<http://www.uneb.br/cursos-presenciais/>
<http://www.uneb.br/salvador/dch/turismo-e-hotelaria/>
<http://www.uneb.br/salvador/dch/turismo-e-hotelaria/estrutura-curricular/>
<http://www.uesb.br/catalogo/cga-chu.asp>
<http://www.uece.br/uece/index.php/onde-estamos>
<http://www.uvanet.br/>
<http://www.urca.br/portal/index.php/nossos-cursos>
<http://www.academico.uema.br/pcampusx.asp?VEZ=0&volta=1>
<http://www.uepb.edu.br/cursos-de-graduacao/>
<http://www.upe.br/index.php/graduacao/cursos-presenciais>
<http://www.uespi.br/site/wp-content/themes/uespi/graduacao.html>
<http://www.uern.br/cursos/default.asp?item=ensino-cursos-por-campus>
http://www.uern.br/cursos/servico.asp?fac=CANATAL&cur_cd=1023100&grd_cd=20122&cur_nome=Turismo&grd_medint=8&item=grade

UNIVERSIDADES FEDERAIS CENTRO-OESTE

http://www.unb.br/aluno_de_graduacao/cursos/turismo
<http://cetgraduacao.unb.br/fluxo-menu>
<http://portal.ufgd.edu.br/>
<https://www.ufg.br/p/6408-visao-geral-graduacao-cursos-por-area>(<http://www.ufmt.br/ufmt/site/ensino/graduacao/Cuiaba>
<http://www.sien.ufms.br/>
<http://www.sien.ufms.br/cursos/grade/2503>
<http://www.sien.ufms.br/cursos/grade/1602>
<http://www.sien.ufms.br/cursos/grade/0464>
<http://www.sien.ufms.br/cursos/grade/0448>

UNIVERSIDADES ESTADUAIS CENTRO-OESTE

http://www.prg.ueg.br/conteudo/849_perfilxdosxcursos
http://www.unemat.br/proeg/?curso=nx/tabela_nx
<http://www.portal.uems.br/graduacao>

UNIVERSIDADES FEDERAIS SUDESTE

<http://www.unifal-mg.edu.br/graduacao/cursos>
<http://www.unifei.edu.br/campi/campus-itajuba>
<http://www.ufjf.br/portal/universidade/graduacao/>
<http://www.ufjf.br/turismo/>
<http://www.prg.ufla.br/site/cursos/>
<https://www.ufmg.br/cursos/>
http://www.igc.ufmg.br/index.php?option=com_content&view=category&layout=blog&id=45&Itemid=288
http://www.igc.ufmg.br/index.php?option=com_content&view=article&id=131:disciplinas&catid=46:graduacao&Itemid=289#programas-das-disciplinas-do-curso-de-turismo

<http://www.prograd.ufop.br/index.php/cursos>
http://www2.ufscar.br/interface_frames/index.php?link=http://www.prograd.ufscar.br/cursos.php
http://www.ufsj.edu.br/proen/cursos_oferecidos.php
<http://www.unifesp.br/reitoria/prograd/index.php/ensino-menu/cursos/informacoes-sobre-os-cursos>
<http://www.ufu.br/pagina/cursos-presenciais>
<http://www.ufv.br/>
<http://prograd.ufabc.edu.br/cursos>
<http://www.ufes.br/gradua%C3%A7%C3%A3o>
<http://www.unirio.br/cursos-1/graduacao>
<http://www2.unirio.br/unirio/prograd/cursos/projetos-pedagogicos-dos-cursos/arquivos/Projeto%20Pedagogico%20Curso%20Turismo%20UNIRIO%202007.pdf>
<http://www.uftm.edu.br/paginas/cursos/categoria/3/t/CURSOS>
<http://www.ufvjm.edu.br/cursos/>
http://www.ufrj.br/pr/conteudo_pr.php?sigla=GRADUA_CURSOS
<https://www.siga.ufrj.br/sira/repositorio-curriculo/ListaCursos.html>
<http://www.uff.br/?q=cursos/graduacao>
http://www.turismo.uff.br/attachments/article/90/Ementas_Disciplinas%20Obrigatorias_Curr%C3%ADculo%2047.01.002.pdf
http://www.turismo.uff.br/attachments/article/90/Ementas_Disciplinas%20Optativas_Curr%C3%ADculo%2047.01.002.pdf
<http://r1.ufrjr.br/graduacao/paginas/home.php?id=Cursos>

UNIVERSIDADES ESTADUAIS SUDESTE

http://www.uemg.br/cursos_lista1.php?sltmodalidade=1&sltcategoria=1
<http://unimontes.br/index.php/institucional/conheca-os-campi>
<http://www.uerj.br/ensino/>
<http://www.dtur.uerj.br/disciplinas.php>
<http://www.uezo.rj.gov.br/prograd/graduacao.html> (<http://www.uenf.br/portal/index.php/br/cursos-de-graduacao.html>)
<http://www5.usp.br/ensino/graduacao/cursos-oferecidos/>
<http://www5.usp.br/ensino/graduacao/cursos-oferecidos/turismo/>
<http://portal.ige.unicamp.br/pt-br/gradua%C3%A7%C3%A3o/cursos>
<http://www.unesp.br/portal#!/prograd/cursos-de-graduacao-/humanidade/>
http://www.unesp.br/guiadeprofissoes/secao?21_Cursos-de-Humanidades/70_Turismo

UNIVERSIDADES FEDERAIS DO SUL

<http://www.uffs.edu.br/>
<http://cursos.unila.edu.br/cursos>
<http://www.ufcspa.edu.br/>
<http://wp.ufpel.edu.br/prg/cursos/bacharelados/>
<http://cagr.sistemas.ufsc.br/arvore.xhtml?treeid=0#>
<http://w3.ufsm.br/prograd/not.php?id=906>
<http://novoportal.unipampa.edu.br/novoportal/graduacao/modalidade>
http://www.furg.br/bin/link_servicos/index.php
http://www.turismobinacional.furg.br/index.php?option=com_content&view=article&id=18:grade&catid=5:ensino&Itemid=17
<http://www.ufrgs.br/ufrgs/ensino/graduacao/cursos>

<http://www.utfpr.edu.br/cursos>
<http://www.ufpr.br/portalfpr/curitiba/>

UNIVERSIDADES ESTADUAIS SUL

http://www.uel.br/prograd/?content=catalogo-cursos/catalogo_2014/cursos_graduacao.html
<http://portal.nead.uem.br/cursos/graduacao/>
<http://www.uepg.br/catalogo/cursos/2015.html>
<http://www2.unicentro.br/sehla/>
<http://www.uenp.edu.br/>
<http://www.uergs.edu.br/index.php?action=cursosLocais.php>
<http://www.unioeste.br/prg/>
<http://www.unioeste.br/campi/foz/foz-turismo.asp>
<http://www.udesc.br/?id=516>
<http://www.fecea.br/>

ANEXO III – LISTA DAS UNIVERSIDADES QUE OFERTAM O CURSO DE
BACHAREL EM TURISMO

UNIVERSIDADES FEDERAIS

Universidade Federal da Paraíba
Universidade Federal de Alagoas –
(Campus Arapiraca)
Universidade Federal do Pernambuco
Universidade Federal Sergipe –
(Campus São Cristovão)
Universidade Federal Maranhão
Universidade Federal do Piauí –
(campus Ministro Reis Veloso -Parnaíba)
Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Universidade Federal de Brasília
Universidade Federal do Mato Grosso do Sul –
(Campus Aquidauana) (Campus de Bonito) (Escola de ADM e Negócios)
Universidade Federal de Minas Gerais
Universidade Federal de Juiz de Fora
Universidade Federal de Ouro Preto
Universidade Federal de São Carlos –
(Campus Sorocaba)
Universidade Federal do estado do Rio de Janeiro
Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Universidade Federal Fluminense –
(Campus Niterói)
Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro-
(Campus Nova Iguaçu)
Universidade Federal de Pelotas
Universidade Federal do Rio Grande
Universidade Federal do Paraná

UNIVERSIDADES ESTADUAIS

Universidade Estadual do Amazonas
Universidade Estadual de Roraima
Universidade do Estado da Bahia
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte -
(campus Mossoró) (campus Natal)
Universidade Estadual do Mato Grosso
Universidade estadual do Mato Grosso do Sul -
(Campus Campo Grande) (Campus Jardim) (Campus Dourados)
Universidade Estadual de Minas Gerais
Universidade Estadual do Rio de Janeiro
Universidade de São Paulo
Universidade Estadual Paulista
Universidade Estadual de Ponta Grossa
Universidade estadual do Oeste do Paraná

ANEXO IV - CRONOLOGIA DA ABERTURA DE ALGUNS DOS CURSOS DE TURISMO NO BRASIL

1971- Faculdade de Turismo no Morumbi, São Paulo, atualmente Faculdade Anhembimorumbi.

1973 - Faculdade de Turismo da Guanabara, Rio de Janeiro; Faculdade Ibero-Americana, São Paulo; Faculdade de Ciências Exatas, Administrativas e Sociais, União Pioneira de Integração Social, Brasília; Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo.

1974 - Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas.

1975 - Universidade Católica de Pernambuco, Recife.

1976 - Faculdade Associação Educacional do Litoral Santista, Santos; Faculdade Capital de Administração e Estatística, São Paulo.

1977 - Reconhecido o curso de turismo da Faculdade Hélio Alonso, Rio de Janeiro.

1978 - Criado o Centro de Estudos de Administração Hoteleira e Turismo (Ceatel, ligado ao Senac, São Paulo).

1979 - Curso de Hotelaria da Faculdade de Administração Hoteleira, Caxias do Sul, RS.

1980 - Associação Educacional Veiga de Almeida, Faculdade de Turismo Embaixador Paschoal Carlos Magno, Rio de Janeiro. Reconhecido o curso de turismo da PUC-Campinas pela Portaria Ministerial (MEC) n.º 335.

1981 - Instituto Cultural Newton Paiva Ferreira, belo Horizonte.

1984 - Faculdade de Turismo da Bahia, Salvador; Curso de Hotelaria da Faculdade Hebraico-Renascença, São Paulo.

1985 - Faculdade de Ciências de Foz do Iguaçu, PR; Universidade de Fortaleza, CE.

1989 - O Senac/Ceatel cria o curso técnico de Turismo (nível secundário) com um ano de duração. Nesse mesmo ano, instalou seu primeiro curso regular, o de Tecnologia em Hotelaria.

Fonte:TRIGO, Luiz Gonzaga Godoi. A sociedade pós-industrial e o profissional em turismo. Campinas, SP: Papyrus, 1998.

ANEXO V - PROGRAMA DA DISCIPLINA TURISMO E MEIO AMBIENTE DO
CURSO DE TURISMO DA UFMG

DEPTO. GEOGRAFIA / CURSO DE TURISMO 12 SEMESTRE - 2016
TURISMO E MEIO AMBIENTE

Professor: Bernardo Machado Gontijo

Tutores / Debatedores: Flavienne Couto, Gabriel Oliveira e Joyce Pereira

Período letivo: 08/03/16 - U.D.A.

EMENTA

"Aborda questões relativas à interface entre Turismo e Meio Ambiente, trabalhando as ênfases consideradas em cada uma dessas áreas de conhecimento e a resultante espacial de cada abordagem. *Buscam-se elementos do fenômeno turístico e da questão ambiental, incluindo a observação e a análise direta, que são necessários para a compreensão das diversas interfaces existentes entre ambos.* É trabalhada uma perspectiva histórica de avanço da degradação ambiental ao longo da história da humanidade de modo a se fornecer subsídios para a compreensão do quadro atual de degradação ambiental. Busca-se, finalmente, empreender a um estudo prático no qual questiona-se quais as implicações que uma atividade turística pode acarretar em um determinado meio e, em contrapartida, em que medida a este mesmo meio condiciona a atividade turística aí desenvolvida".

PROGRAMA DA DISCIPLINA TURISMO E MEIO AMBIENTE
A QUESTÃO AMBIENTAL E O DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL
<ul style="list-style-type: none"> • A relação Natureza - <i>Homo sapiens</i> • Adaptação - Interferência - impacto humano: perspectiva histórica • A "crise" ambiental e o ambientalismo
TURISMO E MEIO AMBIENTE: ALGUMAS POSSÍVEIS INTERFACES
<ul style="list-style-type: none"> • A produção do espaço associada à atividade turística • Cerrado Mineiro/Sertão Roseano: Caracterização Problemática • Turismo, Literatura e Meio Ambiente e o Universo Roseano • Vivências de pesquisa e de campo: conservação e Degradação

AValiação

Descrição das atividades	Pontuação
Envolvimento	20 Pontos
Reflexão e discussão dos textos	30 Pontos
Trabalho de campo - preparação	20 Pontos
Trabalho de campo - atuação in loco	10 Pontos
Trabalho de campo - Apresentação final (oral e escrita)	20 Pontos

BIBLIOGRAFIA DE REFERÊNCIA

BARBOSA, Gabriel Túlio O. Ser-tão Cerrado de Guimarães Rosa: Espaço Movimentante. Belo Horizonte:

IGC/UFMG - Dissertação de Mestrado, 2013.

BARBOSA, G.T.O. & GONTIJO, B.M.A biodiversidade suspensa em Guimarães

Rosa: os devires do Sertão.
 Ateliê Geográfico- Revista Eletrônica. Goiânia:UFG/IESA, v. 8, n. 1,2014.

BEZERRA, Marily da Cunha; HEIDEMANN, Dieter. Viajar pelo sertão roseanoé antes de tudo uma descoberta. Estudos Avançados, v. 20, p. 7-17, 2006.

BRONOWSKI, Jacob. A Escalada do Homem. São Paulo: Martins Fontes & Brasília: Ed.UnB, 1979.

CARNEIRO, H.S. O múltiplo imaginário das viagens modernas: ciência, literatura e turismo. História: Questões & Debates, Curitiba, n. 35, p. 227-247, 2001. Editora da UFPR. Disponível em:
 <http://www.fecea.br/download/290_9623dtn_eba89929c2gebca90346f3d6.pdf>
 Acesso em 24/02/2016.

FERNANDEZ, Fernando. "Os avestruzes somos nós: fantasias da economia e realidades da ecologia. In:
 FERNANDEZ, Fernando. O poema imperfeito: crônicas de biologia, conservação da natureza e seus heróis. Curitiba: editora da Universidade Federal do Panamá, 2004, pp. 167-195.

GONTIJO, Bemardo M. & REGO, Jackson F. Por uma atitude turística pessoalizante. In: FARIA, Ivani F. (Org),.Turismo: sustentabilidade e novas territorialidades. Manaus: EDU A, 200 I. Pp. 1-16.

GONTIJO, BemardoM. A Ilusão do Ecoturismo na Serra do Cipó/MG: O Caso de Lapinha. Tese de Doutorado. Brasília: UnB/CDS, 2003.

HARARI, YuvalN. Sapiens - Uma breve história da humanidade. P.Alegre: L&PM, 2015

IRVING,M.de A. &AZEVEDO, 1. Turismo: O Desafio da Sustentabilidade. São Paulo: Ed. Futura, 2002.

KLINK, C. A.; MACHADO, R. B. A conservação do Cerrado brasileiro. Megadiversidade, v. 1, n. I, p. 147-155,2005.

LUZ, A; FERREIRA, AC.; DAYRELL, C.A.; COSTA, J.B. de. A. Grande sertão: veredas e seus ecossistemas. Desenvolvimento Social: Montes Claros, v. I, n. 1 - jan./jun. 2008. .

McCORMICK, John. Rumo ao Paraíso - A História do Movimento Ambienta- lista. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1992.

MENEZES, J. S. Quarteirão Jorge Amado - literatura, cultura e turismo sustentável na cidade de ilhéus. Anais do II CULTUR 2008. Disponível em:
 <http://www.uesc.br/licerlartigos/quarteirao_textocompletocuitur.pdf>Acesso em 24/02/2016.

MEYER, Mônica. Ser-tão natureza: a natureza em Guimarães Rosa. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

MEYER, Mônica. Educação Ambiental com Guimarães Rosa. PRESENÇA PEDAGÓGICA. v.12. n.70. jul./ago. 2006.

MEYER, Mônica. De um só couro. A natureza nas notas de viagem de Guimarães Rosa. Educação em

Revista. Belo Horizonte, n. 31, jun. de 2000. p. 21-42.

QUINTEIRO, S.; BALEIRO, R. Uma personagem à procura da literatura: A ficção literária e a prática

turística .Dos Algarves: A Multidisciplinarye-Journalno. 24 - 2014. Disponível em:

<<http://www.dosalgarves.com/revistas/IN24/2rev24.pdf>> Acesso em 24/02/2016.

RIBEIRO, Ricardo Ferreira. Florestas anãs do Sertão: o Cerrado na história de Minas Gerais. Belo Horizonte:

Autêntica, 2005.

ROSA, João Guimarães Rosa. Minas Gerais. In: Ave, palavra.

Anexo VI - QUESTIONÁRIO APLICADO COM OS ESTUDANTES DA
DISCIPLINA TURISMO E MEIO AMBIENTE DO CURSO DE TURISMO DA
UFMG

NOME:	
LOCAL E DATA DE NASCIMENTO:	
E-MAIL:	
TELEFONE:	
FORMAÇÃO: TURISMO	PERÍODO:

- 1) Como você percebe os *“trabalhos de campo”* para a sua formação?
- 2) Você *prefere* cursar disciplinas com ou sem “trabalhos de campo”? Por quê?
- 3) Qual o trabalho de campo mais te marcou até hoje? Por quê? (*Informar local do campo, disciplina e professor.*)